

DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

TEATRO

A Noiva — O Duque de Vizeu — Exg.

O Duque de Vizeu, 2.^a ed.

A Morta

Afonso de Albuquerque

O Salto Mortal — Amor Louco...

Nó cego

O Azebre

A Herança

Saudade

ROMANCE

Os Órfãos de Calecut

Terra de Santa Cruz

HISTÓRIA

Estudos sobre navios portugueses nos séculos XV e XVI

O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa

Sangue Português

CONTOS DE OUTRO TEMPO

2.^a EDIÇÃO

PER ORDEM PALESTRAS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911. A propriedade desta obra pertence à SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL L.^{DA}.

A BENTO CARQUEJA

Meu presado amigo:

A maior parte dos contos, agora compilados, foram neófitos que o seu Comércio do Porto consagrou para a vida literária.

Não é muito que, ao envergarem a andaina de adultos, o seu primeiro empenho seja prestarem acatamento ao padrinho.

Não estranhe o ilustre nome de família que os agrega. Sangue Português denunciam heroísmos, amores, impulsos trágicos, peripecias cómicas, até pecadilhos e vaidades, que lhes variegam a trama. O meu amigo, que tão eruditamente estudou o nosso povo, avaliará se acaso o presente desmente o passado. O maior elogio destes meus singelos labores será ver-se nêles a confirmação do prolóquio vulgar: «Quem sai aos seus, não degenera».

*Se tal é o seu parecer, peço-lhe, como
compadre, que não negue a sua bênção a es-
tes seus afilhados, antes de correrem mundo.
Muito lhe agradecerá o*

Seu velho amigo e admirador,

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

O DESAFIO

I

Pelas ruas tortuosas de Azamor ecoava o sussurro das passadas de centenas de mouros que se dirigiam à mesquita. Era uma sexta-feira do começo do ano de 1563, e a voz lenta e monótona do almoadê vinha do alto, como envolta nos raios do sol coruscante, convocando os fieis à oração.

— Não te detenhas, Meleúde, exclamava um espadaúdo berbére. O sol vai alto, chegaremos tarde à çalá.

Mas o interpelado parecia não o escutar. Parado diante de uma casa de boa aparência, edificada à europeia, como um grande número de prédios de Azamor, aguçava os olhares penetrantes, parecendo querer traspasar as paredes caiadas e as cerradas adufas. Mancebo de vinte anos, quando muito, divisava-se-lhe no rosto branco, fino e altivo, a nobresa da raça arábica da Ducala, como se lhe houvessem influido na epiderme o ar livre dos aduares na campina rasa e extensa,

a luz fulgurante que banha o dorso colossal do Atlas.

Nada o distraía da contemplação absorvente, nem o rumorejar da turba que perpassava açodada, nem os embates que ameaçavam despi-lo do amplo albornoz mequinês. O companheiro pousou-lhe a mão no ombro, sorrindo.

— Vamos, Meleúde, disse êle com voz zombeteira. Deixa-te por agora de adorar a bela Sáfia. Ofendes o Profeta, se assim lhe tiras a vez.

Meleúde suspirou, e, sem dar palavra, seguiu o berbére.

Acima, por detrás da adufa cerrada, invisível para êles, Sáfia escutava indiferente o sussurro contínuo da multidão, e scismava. O sol, coando-se pelos interstícios da adufa, desenhava-lhe um xadrez luminoso sobre o haíque de seda amarelada, acolchetado no ombro por um broche de ouro em forma de crescente. E os cabelos meio soltos jorravam pelas espáduas, como catadupas de âmbar negro sobre uma montanha de topázio.

Sáfia scismava, contemplando o largo horizonte. Á sua direita, engastado na verdura esmeraldina dos prados, beijando os pés da cidade arrancada havia quinze anos ao domínio execrando dos Rumis, serpenteava serenamente o caudaloso rio que merecera o co-

gnome de Um-er-Rebia, a mãe das pastagens. À esquerda, elevavam-se as palmeiras esguias de Cooceparo, numa colina vestida em parte pela folhagem verde plúmbea das oliveiras. Defronte, além dos alcantis que terminam sobre o mar a planura da Ducala, a imensidade azul, faiscante e plácida. Mas, mais ao fundo, na ponta longínqua de El-Bridja, as ondas desfaziam-se em espuma deslumbrante de encontro às empinadas e enegrecidas muralhas de uma fortaleza, e parecia que os ecos do Atlântico traziam de tão longe o seu rugido ameaçador e soturno.

Era para ali que se dirigiam de preferência os olhos da moura. Reconhecia a heróica fortaleza de Mazagão, em que os portugueses haviam no ano anterior sustido o porfiado cerco das hostes do Xerife, e relembraava todas as circunstâncias da homérica campanha de cento e cinquenta mil maometanos contra algumas centenas de cristãos, encerrados no estreito âmbito dos muros.

Daquela mesma janela, durante mais de dois meses, vira a fortaleza envolvida em fumo durante o dia, em chamas durante a noite. Pela praia movia-se, agitava-se o formigueiro multicôr das hostes inúmeras do Islâm, sobre as quais o vento fazia ondular as vistosas bandeiras verdes, vermelhas, brancas lis-

tradas, amarelas, onde rutilava o crescente. Presenciara a chegada das luzidas tropas, cheias de vigor e esperança, inflamadas no odio secular contra os Rumis. Eram os arcabuzeiros e os lanceiros de Marrocos, capitaneados pelos tios do Xerife, pelo vice-rei, pelo secretário do Xerife. Eram as falanges de Mequinez e de Fez, comandadas pelos alcaides e conselheiros do soberano. Era a gente de Safim e a gente de Azamor. Era a maza-gania do Xerife, dirigida por elches ou renegados europeus, práticos na guerra, seguindo o capitão general Mulei Hamet, o filho querido do sultão. Eram os cacizes de Marrocos, de Fez, de Sus, de Freza, de Tafilite, conduzindo milhares de bodreiros ou gastadores, que a êsse mister juntavam o de terríveis fundibulários. Eram os nobres aventureiros de todo o império, entrajados de gala, alegres como se viessem para uma festa, entusiasmados como se se aprestassem para um torneio. Eram os rudes e aguerridos montanhesees do Atlas, cujos capacetes doirados chispavam ao sol, no galope dos corcéis ardentes.

E toda essa força se quebrara de encontro àquela couraça escalavrada, como agora se quebrava o Oceano, no meio de urros atroadores e de marulho gemebundo. E entre o sibilar dos pelouros, o estourar das alcanzias,

a labareda das explosões e a fumarada dos incendios, aquele imenso exército sangrara copiosamente, mingudara da sexta parte da sua força, vinte e cinco mil homens esfacelados, sumidos, soterrados nas ruínas fumegantes ou sob a areia adusta e flava.

Sáfia recordava-se do triste regresso: os batalhões dizimados, fugindo com arremedos de triunfo, protegidos pelas chamas e pelo fumo espesso dos próprios entríncheiramentos, e saudados de longe pelos alaridos e pelas apupadas ultrajantes dos cristãos. Lembrava-se sobretudo da entrada dos homens de Azamor, trazendo à frente o alcaide Cabus, cujos olhos se marejavam de lágrimas de vergonha e de raiva. Como se não lembraria, se entre êles caminhava seu pai, o xeque Assan Baril, sustentado por dois moços da sua cabilda, vertendo sangue de inúmeras feridas, vasado um olho por uma bala de arcabuz, pendentes farrapos de sangue coagulado da órbita hedionda! E o rosto sereno de Sáfia contorcia-se numa expressão de rancor concentrado, e do olhar límpido irradiava uma flama de odio!

Entrementes, durante o enleio contemplativo, a voz compassada do almoadêm calara-se, o ruído exterior decrescera e fundira-se numa quietação enorme, pesada como o bo-

chorno da calma nos climas tropicais. Longo tempo se havia passado por certo, porque o ruído recommençara, crescendo pouco a pouco, espadanando pelas ruas tortuosas como uma poeirada de sons indistintos. Eram os mussulmanos que voltavam alegremente da mesquita, com a consciência preñhe de consolações, a alma cevada nas bênçãos de Alá.

Fatigada pela sua prolongada meditação, abafando na atmosfera do aposento cerrado, Sáfia ia descer ao pátio interior da casa, onde esperava encontrar seu pai. Mas uma porta se abriu de repente, por detrás dela, e o Meleúde assomou ao limiar, fitando-a num gesto de arroubada alegria.

— Graças sejam dadas ao Omnipotente, que deu ouvidos às minhas deprecações! exclamou êle, erguendo as mãos. Sáfia, o xeque Assan Baril permitiu-me que eu viesse junto de sua filha advogar a causa do meu coração. Eis-me, ó flôr da cidade das Oliveiras! Eis-me em frente de ti, suplicante e alvoroçado, como Maomet perante o anjo Namuz, mensageiro de Alá! De sobejo tens repellido as minhas suplicas de amor. Volve agora para mim olhos benignos, e deixa que eu esgote nessas taças diamantinas o Zendjevil que o Senhor reserva aos seus eleitos! Sê minha, Sáfia, minha odaisca bem amada, o resplendor único do meu

harêm, perfume da minha alma, antegoso do Paraíso na terra!

Sáfia não respondia às implorações ardentes. Virada para a janela, o seu olhar vago espraia-se ainda pelo horizonte embebido em sol. O sangue acudira-lhe às faces côr de alabastro, e um vinco lhe sulcava a testa límpida.

Meleúde aproximou-se tímidamente, e pegou-lhe na mão que ela deixava pender ao longo do corpo.

— Não me respondes? prosseguiu êle em voz submissa, quási cortada de soluços. Ignoras que te espera um futuro radiante de amor e de felicidade? Sou rico, pertenço à nobre linhagem da Xérquia, meu pai é o xeque da cabilda de Uledefaraz. Bem sabes tudo isso. Sabes que além, para as partes do Atlas, nos extremos da Ducala, possuo cavalos fogosos, manadas que desbastam em poucos dias léguas de pastagens tufosas, alfeires que abasteceriam de lã toda a mazaganã do Xerife. O nosso casamento será uma festa que não tenha inveja à festa do Ramadan em Marrocos. O alfaraz que tu cavalgares será negro e luzidio como o teu cabelo que na minha alma se enleia. Cobrir-te há um docel de púrpura, e os córos que te adormentarem em sonhos de ventura serão harmoniosos como as vozes

dos serafins que cercam o trono de Alá. Atende às minhas súplicas, Sáfia, nunca te arrependers de ser minha, ó maravilha de formosura, deleite dos meus olhos, enlêvo do meu ser!

E alucinado, a mancebo esbraseou ao contacto dos seus lábios a mão branca e perfumada da virgem.

Ela, porém, arrancou-a de súbito à pressão apaixonada. Toda vibrante de comoção, amarfanhou entre os dedos nervosos o albornoz de Meleúde; e, puxando-o impetuosamente para junto da janela, apontou com a outra mão a fortaleza longínqua, que embalava no seu berço de espuma algente a canção melancólica das vagas.

— Ali, murmurou Sáfia com voz concentrada e levemente sinistra, ali folgam em doce paz os pêrros seguidores de Hazreti, os vencedores dos filhos de Omar, os que roubaram a meu pai a luz de um dos olhos, os que lhe atormentaram o velhice e quiçá lhe minguaram a existência. E falas-me tu de amôr, mussulmano? Sedenta estou, mas só de vingança. Quero ter entre estas mãos a cabeça de um desses malditos, do mais audaz entre os cavaleiros da cruz, cuspir-lhe nas faces desmaiadas, entenebrece-lhe ainda mais os olhos inanes. Esse é o dote que eu espero do noivo

eleito da minha alma, ouviste, filho da Xérquia?

Cravava em Meleúde a vista penetrante como um punhal. As tranças haviam-se-lhe soltado de todo, e semelhavam serpentes negras sibilando ameaças, ondulando sôbre o haïque dourado.

O mouro escutava-a absorto. Baixou a cabeça como fulminado por aquele olhar relampejante. Passado um momento rápido de indecisão, fitou arrebatado o semblante de Sáfia, e exclamou com voz forte e resoluta:

— Terás o teu dote, Sáfia, por Alá to juro!

Precipitadamente, saíu do aposento. Os lábios purpurinos da filha de Assan Baril franziram-se num sorriso de esperança.

II

Ao descaír da tarde, saía do seu palácio o capitão-mór da fortaleza de Mazagão, Francisco de Barros de Paiva, e, acompanhado por alguns fidalgos e cavaleiros, contornava a praça da vila, em direcção ao baluarte chamado do Capitão-mór, onde desembocava a ponte levadiça que sôbre o fosso comunicava com a terra firme. Era aí que costumava de ordinário tomar o frêsko, protelando por vezes pela noite adiante o colóquio com os seus mais íntimos.

Mas naquela tarde um acontecimento inopinado veio surpreendê-lo, exactamente quando dobrava a quina da praça grande e ia cortar através da rua do Arco. Da rua fronteira, chamada da Mina, que conduzia ao baluarte Santo Espírito, desembocava a correr um soldado veterano de África, capeando para Francisco de Barros e gritando esfalfado:

— Senhor capitão-mór!

Este parou, juntamente com os portugê-

ses que o rodeavam. O soldado aproximárase. Scintilava-lhe o cossolete por sobre a coura de anta, e sob a celada gasta pelos combates afogueava-se-lhe o semblante tostado, que espessas barbas brancas emolduravam.

— Que é isso, Jerónimo Belo? que queres, meu valente?

O velho ofegou com ruído, antes que pudesse explicar-se.

— Senhor capitão-mór, disse êle por fim, é um alfaqueque de Azamor que traz recado instante para Vossa Mercê.

— A estas horas? exclamou Barros admirado. Ruim causa o trará decerto. Que vos parece, senhores?

Os da comitiva entreolharam-se com um gesto de ignorância.

— A mim me parece, salvarnor, que a melhor maneira de o saber é escutar o bebarro do alfaqueque, acudiu uma voz zombeteira e sonora.

O capitão-mór sorriu-se.

— Razão de sobra tendes, Pero Fernandes. Vamos ouvir coínchar o marrão.

Apressadamente, encaminharam-se todos para o baluarte Santo Espírito, situado no vértice meridional do quadrado quási perfeito que abarcava a fortaleza. Era de junto dêle,

um pouco a leste, quando a maré descobria a dilatada praia, que se recebiam as embaiçadas dos emissários mouriscos.

Francisco de Barros atravessou o baluarte, que, ainda incompleto por ocasião do cerco, se tratava neste momento de concluir. E chegando ao parapeito, onde estava assestado o selvagem, grossa peça de artilharia com que os bombardeiros de Pero de Goes tanto dano haviam feito aos mouros, debruçou-se. Além do fosso, na areia húmida, aprumava-se a figura elevada do alfaqueque, iluminada de chapa pelos raios do sol declinante, ao passo que o seu possante alazão imergia na longa sombra das muralhas.

Apenas avistou o capitão-mór de Mazagão, o mouro começou na sua voz grave e entoada:

— O louvor seja dado só a Alá! Ferrage Cabus, alcaide dos crentes em Azamor, me envia a ti, alcaide dos Rumis de El-Bridja, para te dizer o seguinte: um nobre cavaleiro da nossa lei, servo humilde do Profeta, quere medir-se em raso campo com um cavaleiro dos vossos, até que a força dos seus braços e o poder supremo de Alá determinem a morte de um dêles. Em nome do poderoso alcaide e do nobre cavaleiro, desafio algum dos vossos que queira aventurar-se à luta!

— Eu! bradaram, unísonas, muitas vozes, do alto da muralha.

E ao mesmo tempo, todos os fidalgos e cavaleiros da comitiva do capitão o cercaram para fazerem valer os seus direitos à preferência.

Francisco de Barros impôs-lhes silêncio com um gesto galhofeiro.

— Esperai, senhores! Vêde que não se trata de conquistar todos os aduares da Ducala e da Enxovia...

— E' pena! atalhou um cavaleiro, cuja armilha dourada reluzia debaixo da sobreveste de setim carmezim.

— E' pena, por certo, assentiu o capitão. Mas Deus Nosso Senhor ainda desta vez o não permite. Vamos nós ao que importa. Alfaqueque! bradou êle em voz potente, que dominou o rugir dos escarcéus de encontro à cortina do fosso, aguarda a resposta!

E sentou-se tranquilamente sôbre o dôrso brunido do selvagem, como se presidisse a um conselho de oficiais.

— Senhores, a mim me pesa neste momento ser o capitão desta fortaleza. Forçam-me os deveres do cargo a não entrar em competências comvosco para aceitar o repto. Não estranho, pois, o vosso alvoroço. Mas como um só mouro se não possa medir com muitos portugueses...

— Antes ao contrário, interrompeu outro cavaleiro.

— Dizeis bem, João Picouto. Mas deixemo-nos de roncas e féros, que de sobra conhecem até essas areias e essas ondas os cavaleiros de Mazagão. O que é mister é, por qualquer fôrma, eleger de entre vós quem haja de mandar aquele incréu para as profundas dos infernos.

Rebentou de novo a porfia entre os assistentes, sem que Francisco de Barros lhe podesse ter mão.

O adail, que estava ao pé dêle, bradou em modo conciliador:

— Basta de contendas! que pareceis uma alcateia de adibes, aguçando a dentuça para iguaria mole como marmelada.

— Pois que se trata de marmelada, irrompeu de pronto uma voz, justo é que se escolha quem tem as queixadas em peor estado.

Todos se voltaram, rindo para o interpe-lante. Era um homem de trinta anos, de alta estatura, robusto, tez morena, cabelo negro e crespo, barba rala, mal disfarçando uma profunda cicatriz que lhe sulcava o rosto, da maxila inferior até à face, onde se desenhava o largo estigma de uma queimadura.

— Bem chegais a brasa à vossa sardinha,

Domingos Gonçalves, disse, mofando, Pero Fernandes de Pontével.

— E bem de vêr que sim! Vós todos tendes dentes afiados para os ossos do officio; deixai-me a mim saborear as iguarias tenras, que me sobeja a lazeira. Demais, acrescentou o Gonçalves, voltando-se para o capitão, veja Vossa Mercê se não devo ir buscar áquele mouro, que deve ser moço e bem servido de arnelas, o bocado de queixo que me levaram no cêrco...

O queixo de que me queixo,
Quando as endechas enfeixo
Às damas de Mazagão.

Uma gargalhada geral saudou o alentado suspiro com que o Domingos Gonçalves fechara a recitação dos seus versos.

— Tão galante poetais, exclamou Francisco de Barros, que mereceis glosar essa trova nas costas do agareno.

— Nanja nas costas, senhor capitão-mór. Isso são voltas, e a minha musa só se apraz em glosas de enchemão.

— Pois de bom grado vos permito que a façais... Que é isso, senhores? atalhou Barros, contendo a murmuração que se levantava entre os cavalleiros. Resolvi que fosse Domín-

gos Gonçalves o eleito. Não vos parece justiça? Atentai que todos vós alcançastes de Sua Alteza recompensas pelos serviços que prestastes no cêrco. Só êle não tem tença, nem hábito...

— Engana-se Vossa Mercê, senhor capitão-mór, interrompeu o Gonçalves. ficou-me o hábito de comer pouco, para não fazer doer as gengivas.

— Êsse não é de Cristo, disse, rindo, o João Picouto.

— Não senhor, é de S. Francisco na montanha.

Acalmadas as contradições pelo riso que acolheu o novo joguete de Domingos Gonçalves, Francisco de Barros debruçou-se no parapeito para dar a resposta ao alfaqueque.

Êste permanecia imóvel e firme como uma estátua. A sombra que se alongava ia-o afofando pouco a pouco. Apenas a viração da tarde agitava ao de leve as prégas do bedêm mourisco. O sol, próximo do poente, entornava sôbre a vasta baía ondas de púrpura, e arrancava chamas à longínqua casaria de Azamor. Um ponto negro, como uma grande ave aquática, destacava apenas na imensa superfície rubescente. Era uma caravela pescareza de cristãos que saía do rio, carregada de sáveis.

III

Ao longo da forte couraça de cantaria que fechava pelo lado sueste a cava da fortaleza de Mazagão, entre os baluartes Santo Espírito e Santiago, havia um extenso areal, que era em grande parte coberto pela preamar. Mas quando o mar baixava, ficava uma planície de cerca de quinhentos passos, endurecendo a areia por tal forma que mal se enxergava o vestigio das ferraduras dos cavalos que por ali corriam. Era aí que costumavam postar-se os alfaqueques que traziam recados para a fortaleza: foi êsse também o sítio escolhido para se realizar o estranho duelo, cujas condições não levaram longo tempo a combinar.

Na manhã do dia assinalado, todos os cavaleiros portugueses ouviam piedosamente a missa na igreja matriz, edificada na praça, defronte do palácio do governo, e naquele momento abarrotada de povo, mais atraído ainda pela curiosidade do que pela devoção. Quando o frade franciscano, que celebrava o santo sa-

crifício, se voltava para dar a bênção, vieram prevenir o capitão-mór de que o alcaide de Azamor o aguardava na praia, com o adversário de Domingos Gonçalves.

Terminada a missa, todos se aprestaram para assistir ao combate, interessante e festivo como um torneio, mas tanto mais emocionante quanto deveria terminar-se pela morte de um homem e nêle se degladiavam duas raças e duas religiões, rivais na conquista do mundo. Em breve, a soberba cavalgada dos cristãos assomou à porta abaluartada que comunicava com a terra, a meio do lanço do muro sudoeste, que corria entre os baluartes S. Pedro e Santo Espírito. As patas dos cavalos reboaram longamente sôbre as tábuas da ponte levadiça, e as côres garridas dos trajes de gala espelharam-se na água dormente do fosso. Quando os portugueses chegaram finalmente à praia, um magnifico espectáculo se lhes deparou.

A uns duzentos passos para leste do baluarte Santo Espírito, uma longa fila de cavaleiros sarracenos montava garbosamente os soberbos ginetes ajaezados a capricho com telizes de seda e arreios tauxiados de oiro e prata. Nas duas ases formavam esquadrões de lanceiros, e as suas armas relampejavam em torno dos estandartes e guiões, vermelhos,

verdes e brancos, cujas hastes rematavam em pomos dourados. Mangas de peões, arcabuzeiros de Azamor e bésteiros da Ducala e da Enxovia, ladeavam a cavalaria. E uma turba inúmeravel de gente do povo, homens, mulheres e crianças, brancos, pardos e negros, árabes e berbéres das cidades visinhas, beduinos dos aduares que se estendiam até às faldas do Atlas, alganames das campinas regadas pelo Um-er-Rebia, alarves das cabildas comarcãs quâsi autónomas, pescadores, judeus mercadores, velhas feiticeiras, tudo se aglomerava, ondulava, zumbia à direita e à esquerda da hoste impassível. Zorames de côres vistosas, alquicés pardacentos, caftans de seda, aljubas de lã e algodão, albornozes brancos, haíques vermelhos, amarelos, verdes, azuis, turbantes, fotas e carapuças de vários feitios e variegados matizes, agitavam-se numa confusão indescritível, debaixo de um sol esplêndido, sôbre o oiro fôsko do areial imenso.

Mas era o centro que absorvia as atenções dos cristãos. Destacava-se, um pouco à frente, o velho alcaide Cabus, cuja barba grisalha caía em cima do cossotele lavrado; um farto penacho vermelho o distinguia, jorrando sôbre o almafne de aço polido. Rodeiava-o a fina flôr da cidade das Oliveiras, a mocidade nobre

daquelas cercanias, xeques, haquemes, almo-cadêns, almogavares das mais distintas famílias da Ducala, em opulentos trajes de guerra e de festa, cossoletes e saias de malha, cou-raças de veludos e brocados multicôres, ca-pacetes doirados, aljubas de escarlata, adar-gas guarnecidas de cordões de oiro e seda. E os seus corcêis escarvavam a areia, sacu-dindo os jaezes riquíssimos.

Quando a cavalgada portuguesa surgiu aos olhos da mourama, dobrando o alongado es-pigão do baluarte Santo Espírito, o campo re-tumbou ao clangor dos anafis e ao estridor dos atabales. O capitão-mór, com a sua gente, cavalgou até se encostar à cortina da cava, próximo ao ângulo sul da fortaleza, frente a frente com os mouros. As suas trombetas e os seus tambores responderam vigorosamente à saudação dos adversários. E a sua hoste, embora resumida, não desmerecia dêles nos primores do vestuário e no luzido das arma-duras. Alguns moradores de Mazagão, portu-guêses e mouros, lhe ocupavam também os flancos; mas a maior parte da gente da fortaleza encostava-se ao parapeito dos muros, erguia-se nos adarves entre as ameias, ou espreitava pelas seteiras, onde o condestá-vel, por ordem de Francisco de Barros, as-sestara por cautela a artilharia, dispondo os

bombardeiros para qualquer possível eventua-lidade.

Um borborinho infernal se levantou na mul-tidão, após a soada dos instrumentos bélicos, enquanto os padrinhos do duelo, de uma e outra parte, marcavam no espaço compreen-dido entre os campos, dois riscos, distanciado por cinquenta passos, além dos quais não era permitido a qualquer dos combatentes o recuar, sob pena de se considerar vencido e cativo do adversário.

— Alentai-vos, Domingos Gonçalves, dizia o capitão-mor disfarçando a comoção num sorriso. Deus Nosso Senhor vos dará o triunfo, para glória da sua santa fé.

— Não se canse Vossa Mercê a atesar-me as driças do ânimo, redarguiu alegremente o Gonçalves. Desde que me furaram o queixo, que eu fui dando o corpo ao inventário. Ora agora a alma, se arrebentar as amarras, fio-me de que não irá dar à costa nos parcéis do inferno.

— *Memento mei, Deus, quia ventus est vita mea*, murmurou um frade que se con-servava junto dêles.

— *Amen*, concluiu o jocoso duelista. Mas é vento que se Deus e a Virgem permitirem, há de soprar como um furacão em cima daquele malfadado infiel, atirando com êle

para a sua geena. Dizem que é por causa de uma moura que êle arrisca a estas horas cerdas e couro; pois que assim é,

Se eu não morri como o peixe,
Por ser má isca o pelouro,
Vou pôr-lhe os ossos num feixe.
Que êle ao depòs não se queixe:
Pela moura moura o mouro.

Apesar da seriedade da conjuntura, não puderam susten o riso os circunstantes.

— E' sestro que não perdeis, o de versejar em qualquer momento, disse um soldado negro de azeviche, que estava entre os portugueses.

— Como vós, Pero António, o de dar vivas a D. Sebastião, quando !S. Sebastião vos querem fazer as azagaias mouriscas.

Aludia a uma das circunstâncias do cêrco, em que o preto se distinguira pelo seu esforço heróico. Mas a conversação parou de súbito, gelada pelo silêncio majestoso que se estabelecera de repente, como se se aproximasse a decisiva peripécia.

Com efeito, Pero Fernandes e João Picouto, os dois padrinhos do combatente cristão, abeiravam-se dêle para o acompanharem ao campo da lide.

Silenciosamente, o monge franciscano er-

gueu o crucifixo até que Domingos Gonçalves, curvado sôbre a sela, de cabeça descoberta, o beijou com devota efusão.

No mesmo momento, como se obedecesse a uma sugestão misteriosa de simetria, um alfaqui maometano estendia os braços, abençoando Meleúde, enquanto os padrinhos dêste o aguardavam.

Do meio da multidão, uma mulher, oculta num bedêm de lã parda, avançava a cabeça e fitava avidamente o campeão mussulmano. E os que estavam perto dela ouviram-na, através do espêso cendal que lhe encobria a bôca, murmurar num arroubo místico dois versículos avulsos das derradeiras suratas do Alcorão:

«Não desfalecerá aquele que eu amparar.»

«O amor das vossas mulheres é o vosso escudo».

IV

Postados os dois cavaleiros frente a frente, junto às linhas traçadas profundamente na areia, ocuparam-se os quatro padrinhos em verificar se cada um dos adversários não infringia uma das condições essenciais do duelo, qual era a de não ter em si nem no cavalo arma alguma defensiva, e trazer apenas como armas ofensivas a lança e a espada.

Ao passo que se exercia rapidamente a revista sôbre Domingos Gonçalves, Meleúde empalidecera ao de leve, contemplando o adversário. Trazendo como único vestuário a camisa desafogada e uns calções ordinários de grã, de mangas arregaçadas até ao cotovelo, o campeão nazareno desdizia das galas usadas naquele ensejo, pelos seus e pelos mouriscos. Empunhava firmemente a comprida haste da lança na mão direita, musculosa e tostada; e — circunstância que deixou perplexos os maometanos! — a espada pendia-lhe à mesma mão direita, sôbre os flancos

do rucilho, sustida do tiracolo de marroquim, que lhe atravessava obliquamente o peitilho branco como uma cicatriz sangrenta.

O Gonçalves e os seus padrinhos riam-se do espanto dos mouros.

—E' que eu, explicou o mancebo zombando, não tenho a canhota para rascôa e madraça. Faz o serviço que lhe cumpre ajudando a mana, pois quê!

Pero Fernandes e o Picouto, acompanhados dos dois mussulmanos, encaminham-se a trote largo para o campeão de Azamor. Êste conservava-se erecto e impassível na sela do alfaraz negro retinto, e o seu rosto, onde a barba pungia apenas, contrastava pelo aspecto severo com a fisionomia aberta e risonda do adversário. Calado e sombrio, prestava-se ao exame a que procediam os dois padrinhos cristãos, quando um dêles, o Picouto, teve uma exclamação de surpresa:

—Bofá! que décho de couraça é esta?

—Uma couraça? perguntou o Pero Fernandes.

—Vêde!

E João Picouto levantava as dobras do amplo albornoz e mostrava, amarrado estreitamente ao flanco direito do mouro, um cartapácio bastante volumoso, com a aparência de um missal.

—Essa é boa! Esperai! disse Pero Fernandes.

Apalpava o lado esquerdo, e num instante descobria outro livro idêntico.

—Vêde! exclamou, dirigindo-se aos mouros, um dos quais percebia e falava a língua portuguesa. Vêde se êstes livros não são capazes de aparar uma lançada, melhor que um cossolete de ferro batido.

Os mouros consultaram-se entre si com os olhares, e encolheram os ombros em sinal de hesitação.

—Vamos! prosseguiu Fernandes, dizei ao vosso afilhado que tire as defensas, se quer que haja efeito o desafio.

Meleúde, que entendera claramente de que se tratava, trocou algumas palavras com os padrinhos. Em seguida, falou o mouro que servia de intérprete.

—Diz Meleúde que estes livros são relíquias santas, são os tilis onde está escrita a nossa lei, e que o tirá-los seria desprezo pela palavra abençoada do Profeta.

—Sejam tilis ou sejam o diabo, exclamou o Picouto irritado, deixe-se de calabreadas e arrisque o pêlo à ponta da lança e da espada, como o cavaleiro contrário.

—Demais, ajuntou ironicamente Pero Fernandes, se coisa tão sagrada são êsses mo-

cafos, seria abominação que o ferro do nazereno os esfrangalhasse.

— Não são adargas para defesa do corpo, são escudos contra a morte da alma. Não os tirei.

Foi esta a resposta do mouro, quando lhe traduziram as instâncias dos cristãos.

— Levemos a contenda ao capitão-mor, disse um destes últimos.

E ambos viraram as costas aos mussulmanos, e galoparam em direcção aos seus.

Os padrinhos da parte contrária, agastados com a teima do seu constituinte, também o deixaram para ir dar conta do sucedido ao alcaide de Azamor.

Este recebeu contrariado a notícia. Enquanto discutia com os dois, Pero Fernandes e João Picouto atravessaram à redea solta o campo e aproximaram-se por seu turno de Ferrage Cabus.

— O capitão-mor de Mazagão, disse o primeiro, pede-te que ordenes ao campeão mouro...

— Sei tudo, interrompeu arrebatadamente o velho alcaide, com um rubor de sangue nas faces encanecidas, fazendo corcovear o cavalo num estremeção de cólera. Justiça será feita, nazarenos!

Voltou-se para os padrinhos mouros, que

baixavam a cabeça, estarrecidos e envergonhados.

— Dizei a êsse calaceiro que tire os tilis sem delonga. Ordeno eu. Ai dêle se desobedecer!

De novo, os quatro padrinhos atravessaram o campo do torneio em direcção a Meleúde.

Um borborinho crescente substituíra o silencio de ansiedade. Entre os espectadores, ninguém compreendia o motivo daquelas repetidas galopadas. Todos se interrogavam debalde. E a turba recomeçava a agitar-se, inquieta e sobressaltada, misturando as cores variegadas, numa confusão encandeante.

Mas era em Domingos Gonçalves que esta demora inspirava naturalmente maior surpresa. A distância a que se conservava do seu adversário não lhe permitira perceber as circunstâncias que haviam ocorrido durante o exame. Depois daquelas marchas e contra-marchas, quando esperava finalmente que as charame-las cristãs e os anafis mouriscos, firmes nos seus postos junto dos respectivos chefes, dessem o sinal de combate, a sua admiração subiu de ponto, ao ver outra vez padrinhos cristãos e padrinhos mouros afastarem-se de Meleúde, sempre impassível e sombrio, porventura cada vez mais pálido, para confe-renciarem de novo com o capitão-mor e o

alcaide. Divisava nêste último sinais evidentes de profunda irritação, e fitava-o de sobrolho franzido, como se quizesse de tão longe lêr-lhe nos olhos os motivos da cólera. Mas, de súbito, um cascalhar de armas o fez desviar a vista para o lado oposto.

Os seus dois padrinhos encaminhavam-se novamente para a banda dos mouros, com riso entrecortado pelas upas dos cavalos.

— Eh! João Picouto! Eh! Pero Fernandes! bradou êle impaciente, capeando com a lança.

Os dois aproximaram-se, casquinando ruidosamente.

— O vosso encontro está gualdido, disse João Picouto.

— Porquê?

Contaram-lhe em sùmula as peripécias do caso.

— Agora, conclufu Fernandes, o emperrado do mouro teima em não se desfazer dos seus tilis. Vamos levar ao alcaide recado do capitão-mor para que em tais condições não haja efeito o desafio...

— Tal não façais, atalhou vivamente o Gonçalves.

— Como?

— Dizei ao alcaide que eu aceito o homem com moçafos e tudo. Mercê de Deus, não tenho lança tão de manteiga que não possa...

— Mas o capitão...

— O capitão ficará contente comigo, digo-volo eu. Mandou-me que glosasse uma trova de enchemão no corpo do mouro. Dizei-lhe que o mote que escolhi agora é êste:

Pois que a servir-lhe de cofo
O moço tem seu moçafos,
Por tão pouco não me safo.

Os padrinhos desataram a rir, e entreolharam-se com ar de dúvida.

— Ide-vos asinha, disse o Gonçalves com intimativa. Já tenho os miolos em conserva com o maldito do sol. Se tardiniais, dou um estoiro maior do que aquele trabuco, a mai-mona, que os perros trouxeram ao nosso cêrco. Ide com Deus, e dizei ao alcaide que, em vez de dous moçafos, póde o mouro pôr quatro.

Os dois resolveram-se a aceder. Dentro em pouco estavam junto do alcaide Cabus. No auge do exaspero, o velho ordenava aos padrinhos de Meleúde que lhe arrancassem à fôrça os tilis ou que o prendessem.

— Turgimão, disse Pero Fernandes dirigindo-se ao mouro que servia de intérprete, dize ao alcaide de Azamor que o campeão nazereno aceita o combate de bom grado, posto

que o mouro conserve a vantagem dos tilis; e se dois não lhe bastam, consente que êle ajunte ainda outros dois.

O turgimão traduziu fielmente a mensagem ao alcaide. Êste ouviu-a carrancudo. Às últimas palavras, que envolviam um sarcasmo cortante, o sangue fugiu-lhe do rosto. Pesaram-lhe, como uma vergonha, as manifestações impetuosas da cólera; e se bem que a mágua, ao concentrar-se-lhe no coração alanceado, assumisse um travor mais agro e punitivo, o velho alcaide recuperou a serenidade, por instantes perdida.

— Não! respondeu êle em voz pausada e trémula, não irá a efeito a lide, senão nas condições estipuladas. Dize-o aos nazarenos, Ben Azzû; e ide ambos a Meleúde que cumpri as minhas ordens.

Ben Azzû transmitiu aos cristãos a decisão do velho Cabus. E todos se dirigiram novamente para o meio do campo.

Entretanto, a impaciência e a curiosidade da turba aumentara de um modo espantoso. Da banda dos portugueses e da banda dos mouros, ouviam-se gritos, imprecações, ameaças; da massa compacta erguiam-se punhos fechados, mãos varonis que acenavam freneticamente, braços estendidos de mulheres em cujas axorcas de metal e de vidro o sol punha

reflexos mordentes. Os próprios soldados esqueciam a disciplina e vociferavam, agitando lanças e arcabuzes. Sôbre as muralhas da fortaleza, o alarido engrossava. Uma voz estrídula guinchou de uma seteira:

— Eh mouro do diabo! tornou-se-te a lança em roca?

E as gargalhadas, e as pragas, alastraram pela vasta praia, enquanto o mar rugia, avançando lentamente, lambendo a areia dourada, desfazendo sobre ela os penachos de espuma algente, iriada a espaços.

V

Então, todos assistiram absortos a um espectáculo perfeitamente inesperado. Viram Meleúde, em seguida a uma breve prática com os seus padrinhos, sacudir a cabeça num veemente acêno negativo. Viram, sem perceber porquê, os dois mouros obrigarem-no a descavalgar, apesar da sua resistência. Viram o mísero campeão do Islâm, a pé, desarmado, cabisbaixo, seguir como um penitente para junto do seu alcaide. Viram êste fazer um gesto de desespero e de ameaça, e logo volver atrás de Meleúde, seguido pela sua comitiva, indignada e praguejante, na direcção de Azamor.

E num relampago, espalhou-se a notícia: a recusa cobarde do combatente mussulmano, a ordem do alcaide para que êle fôsse levado a Azamor, duas léguas de caminho a pé, diante de todos, exposto aos apupos, às vaias, aos insultos, para saborear longamente o fel da sua vergonha. Um colossal movimento de có-

lera e de ódio agitou a multidão dos mouros. Fremiu a raiva, rugiu o furor, estrondeou doidamente o ultraje. Ao passo que, da banda dos cristãos, a grita de júbilo, a apupada, os vivas triunfais, retumbavam desconformes. Juntou-se a isto o troar festivo das bombardas e dos arcabuzes, cuja fumaceira envolvia os esquadrões abatidos da mourama. Ebrios de alegria, os cavaleiros portugueses corriam pela praia, escaramuçando uns com os outros, galopando desordenadamente, como se Jesus Cristo houvesse alcançado a vitória decisiva e final sobre Mafoma. De cima das ameias da fortaleza, mulheres capeavam desvairadamente com os lenços brancos, homens levantavam os barretes e os chapéus emplumados, e os soldados, que haviam ficado dentro dos muros, desfraldavam ao vento as bandeiras de seda e de damasco, de côres variegadas, onde brilhavam cruces de Cristo e de Aviz, esferas douradas, águias, divisas e insígnias de toda a casta. E no extremo da fortaleza, sobre o Oceano, no alto bastião que coroava o baluarte Santiago, o estandarte real tremulava ovante, virado para Azamor como uma ameaça e um escárneo.

No meio dêste contentamento, só Domingos Gonçalves se mostrava despeitado e, contra o costume, pouco jovial. Cercavam-no os

companheiros que procuravam consola-lo, quando se abeirou dêle Ben Azzâ.

— Que vens ainda fazer, aventesma? interrogou êle com mau humor.

— O alcaide de Azamor manda-vos dizer que, conforme as condições do desafio, Meleúde é vosso cativo...

— Guardai-o para basculho de mesquita, interrompeu êle abruptamente. Para que quero eu semelhante prenda?

O capitão-mór, que estava próximo, desatou a rir.

— Pobre Domingos Gonçalves! disse êle. Faltou-vos o ensejo para glosar o vosso mote...

— Não tem dúvida. Fica-me outro para a primeira entrada que fizermos em terra de mouros.

— Dizei-o.

— E' assim:

No sol que apanhei debalde,
Queira Deus
Que inda a mourama se escale.

Gargalhando, começaram a retirar-se para a fortaleza. Alguns mouros e judeus mercadores que costumavam fazer tráfego a dentro das muraihas, mendigos de ambos os sexos

que recebiam esmolas dos portugueses, almuinheiros a quem concediam vender ali frutos e hortalças, precipitaram-se de roldão para a ponte levadiça, em seguimento dos cavaleiros. Confundida no meio dêles, escoou-se para o interior de Mazagão a mulher do bedêm pardo. E quando se encontrou no meio da praça grande, sem atinar para onde a levavam os encontrões da turbamulta, olhou para a cruz que flamejava no topo da igreja matriz, e murmurou em arábico:

— Hazreti! Hazreti! venceste!

VI

À noute, Domingos Gonçalves, farto de consoar com os amigos, fatigado pelas emoções do dia, ligeiramente toldado pelos sucessivos brindes a que tivera de corresponder, furtou-se à companhia ruídososa dos seus admiradores, e encaminhou-se, cantarolando umas coplas castelhanas, para o quarto que ocupava, próximo da Porta do Mar, situada no lanço nordeste da fortaleza. Era dentro de um pátio mourisco, por cuja porta, aberta de dia e noute, se enfurnava naquêlo momento o alisado frescalhão.

— Déxemo! que escurana! resmungou o Gonçalves ao penetrar sôb a arcaria tosca, que, rodeando o pátio, lhe dava uma aparência claustral.

Atravessou-o em direcção do seu aposento; mas quando tirava da algibeira a chave, pareceu-lhe, à claridade dúbia das estrelas, que um vulto alvacentos se encostava a uma das colonatas de alvenaria.

— Quem está aí? perguntou êle em voz alta, embora perplexo sobre a realidade da aparição.

Não se enganava porém. O vulto destacou-se nitidamente e adiantou-se para êle.

— Domingos Gonçalves? interrogou de manso uma voz feminina, em cuja pronuncia se denunciava um forte sotaque mourisco.

O cavaleiro português deteve-se, supreenchido.

— Sou eu. Que queres?

— Falar-te a sós.

Foi esta a lacónica resposta que a mesma voz, argentina e suavíssima, deu claramente em árabe. O Gonçalves conhecia suficientemente esta linguagem para a compreender. Sem hesitação chegou à porta, abriu-a num relance; e, dando lugar à misteriosa visita:

— Entra, disse êle.

Uma luz fraca se difundia pelo modesto aposento. Provinha da lâmpada acesa defronte de uma imagem da Virgem, num oratório improvisado. Diante dela, o devoto português havia implorado o alento e a fôrça para o combate.

Num momento, o Domingos Gonçalves acendeu dois castiçais, ansioso de contemplar a mulher que a tão inopinadas horas o procurava. Não viu mais que um largo bedêm

pardo, de lã grossa, que lhe ocultava quasi completamente as feições, deixando apenas a descoberto dois olhos negros, aveludados, lânguidos, onde resplandecia a graça inefável da juventude.

Todo o sangue meridional do mancebo se lhe sobressaltou, num ímpeto vivaz de paixão.

— Quem és? que queres? perguntou êle, com a voz ao de leve embargada.

Lentamente, a mulher descobriu o rôsto, e deixou descair a capa mourisca. Então, Domingos Gonçalves teve um deslumbramento. A formosura dela excedia as vivas pinturas da sua imaginação. E o seu cérebro procurava as mais ricas imagens da fantasia oriental para descrever o fulgor daquêles olhos, o brilho daquelas tranças, a suavidade daquelas feições, a harmonia daquêles contornos.

Enquanto se deixava extasiar nesta contemplação, escutava as palavras arábicas, que pareciam perder a aspereza nativa ao passar pelos lábios nacarados da moura.

— Hazreti venceu o Profeta! Pertenceo-lhe agora. Voto-me a Mariâm, que além me sorri. E sou tua, campeão nazareno, tua esposa, tua odalisca, tua escrava! Assim o quer Deus Todo Poderoso!

Domingos Gonçalves olhou-a pasmado. Por um momento, julgou que o embalava um so-

nho celeste ou que o perseguia uma tentação do inferno. Mas um anjo não lhe traria os arrancos que lhe faziam latejar as artérias, um demónio não invocaria nomes sagrados.

Desanuviado e radiante, adiantou-se para ela e agarrou-lhe nas mãos.

— Como te chamas? perguntou êle em voz branda e trémula de comoção.

— Sáfia, segredou a moura, caíndo-lhe nos braços.

O TERROR INGLÊS

Sôb um sol abrasador, que arranca chispas estonteantes da superfície diamantina do Tejo, a multidão aflue, precipita-se, atropela-se, aglomera-se na margem, vomitada por todas as vielas esguias e ladeirêntas que a ela conduzem. E nos altos suburbanos, junto à porta de Santa Catarina, em volta da Torre de Álvaro Pais, sôbre as eminências por onde trepa a vegetação clara e alegre dos vinhedos, cortada a espaços pelas manchas plúmbicas dos olivais, agitam-se grupos confusos e policromos, onde flameja a miúdo o vermelho quente das almexias mouriscas.

O espectáculo oferecido pelo rio é sobremaneira imponente. Uma cópia inumerável de náus, galés, barchas e outras embarcações de alto porte, ergue para o azul do cariz os mastros arrogantes, em cujos topes flutuam pendões variegados. E em torno delas, e no largo espaço que as separa da margem, move-se em todas as direcções uma turbamulta

de pequenos baixéis, a remos, à vela, muitos dêles cobertos de tendais magníficos, alguns reluzentes de ouro, todos apinhados de gente.

— Eh! lá! tomai cautela, que me esmagais a criança! clamava, entre o povolêu, mesmo ao pé da Ribeira, um mesteiral, abrigando com o alentado corpanzil uma galante rapariga, mais o rechonchúdo querubim que ela adormentava nos braços.

A onda de povo, que se adiantara brutalmente, refluiu um pouco, obedecendo ao tocante apêlo. De entre a caterva de cabeças balanceantes, surgiu uma voz rouquejante e jubilosa:

— Eh! mestre João Vicente! dou-vos os emboras pelo rebento!

Desenhou-se um sorriso de alvoroço simpático no semblante rude do mesteiral, que bradou, procurando na turba o seu interlocutor:

— Olá, Apariço! Onde demónio estás metido?

— Aqui me tendes! exclamou um rapazote engrouviado, rompendo o caminho à força de cotoveladas, desdenhando as ameaças trovejantes dos homens e as pragas estríduladas do mulhério.

— Deus te salve, cachopo! Donde demónio caíste agora?

— De Santarem venho, mestre João Vicente. Larguei a obra, e vim por aí fora, apenas correu voz de que eram chegados a Lisboa êsses valentões, que a defender-nos vem dos perros castelhanos.

— Em muito boa hora vieste! Hein? que te parece, Briolanja? Não está fero e forte o meu antigo aprendiz?

A rapariga, a quem neste momento Apariço apertava cordialmente a mão, teve um sorriso de aquiescência, e aconchegou mais ao seio a criança, que começava a dar sinais de vida, num vago remexer de cabeça e nuns pródromos denunciadores de faminto choro.

— Dá-lhe depressa a chuchadeira, antes que o lambão desate p'r'aí a berrar! exclamou João Vicente, revendo-se no endez.

Mas, enquanto a rapariga, encostada ao muro exterior da Ribeira, desapertava a cota domingueira de pano de Courtenay, descobrindo a brancura tumescente do seio, uma oscilação violenta da onda popular distraiu a atenção dos dois mesteirais.

— El-Rei! — El-Rei! — bradavam muitas vozes, ao passo que milhares de olhos se alongavam avidamente para o lado do rio.

E João Vicente explicou gravemente ao aprendiz:

— E' Sua Senhoria que vem da capitania

inglesa. Olha! não vês êsse bergantim toldado de damasco carmezim com forcadura de ouro? E' o que traz o senhor D. Fernando, que Deus mantenha.

— Mas qual é a capitania inglesa?

— Aquela nau maior além, não vês? Essa que tem arvorado um estandarte todo vermelho, com um passarolo branco em cima. Diz que é a bandeira do tal conde, que pelo nome não perca, que vem a comandar a ingresia... Repara! não vês a mesma bandeira no batel que segue logo atrás do bergantim rial?

— Vejo, vejo...

— E' que êsse batel será do tal conde, que pelos modos é filho de El-Rei defunto de Inglaterra...

— Ah! sim?

— E a mulher dêle também é de boa geração, filha de El-Rei D. Pedro o Cruel.

— O de Castela?

— Pois? O rei velho dêsses mesmos perros que nos amofinam sempre...

Mas a explicação foi cortada pela vozearia que se levantava. O bergantim régio, seguido por uma esquadrilha pomposa de batéis, acercava-se da praia. As aclamações atroavam os ares.

— Alcácer por El-Rei! Alcácer pelos ingleses!

A turba desabafava estrondosamente o seu júbilo. Era bem fausto para ela, para Portugal inteiro, aquele dia 19 de julho de 1381. Há tantos meses esperados, chegavam finalmente os aliados que o livrariam das investidas permanentes de Castela, aqueles ingleses do conde de Cambridge, cuja brilhante armada balouçavam afinal as águas do Tejo. E a esperança de uma desforra próxima animava todos os corações e refulgia em todos os olhos.

Mas, quando, após o bergantim régio, abicaram à praia os empavesados batéis, quando começaram a pôr pé em terra portuguesa os esforçados bretões que vinham a defendê-la, o entusiasmo geral tomou as proporções do delírio. Saudavam-se freneticamente os cavaleiros, sobre cujo arcabouço robusto, coberto de veludos e sêdas multicôres, lampejavam o ouro e as pedrarias; o grupo deslumbrante de gente grada, no meio do qual realçava a mitra magnífica e o báculo auriluzente do bispo de Acre, e, sobretudo, o vulto airoso da condessa de Cambridge, envolta numa riquíssima opa de escarlata cingida ao corpo, e cujo rosto, de uma beleza peninsular, alvejava docemente sôb a crespina de felpa de ouro; as damas que a seguiam, tão louras e de olhos tão azues, que causavam espanto aos morenos filhos das Espanhas; e, por fim, os ho-

mens de armas, arrogantes nos seus laudéis de escamas, os rudes e invencíveis archeiros do Príncipe Negro, os terríveis *yeomen*, cujas proezas ressoavam pela Europa inteira, marchando em coluna pela beira do rio e parecendo abalar a terra sôb as passadas rítmicas e possantes.

Entretanto, mesmo diante do grupo formado em torno de João Vicente, já fóra do recinto da Ribeira, encalhára um dos batéis mais pequenos, mas não menos luidos, do qual, entre a estupefacção curiosa e ingénua do povólêu, desembarcavam dois gentis-homens da expedição. E o que sobretudo excitava os comentários, mais ou menos jocosos, da turba era o contraste frizante que entre as duas figuras se observava de improviso.

O primeiro era um homem de estatura bastante elevada, mas de uma obesidade tão fenomenal que aparentava minguá-lo na altura. O rosto rubro e luidio era ornado de uma pelugem louro-grisalha e rala, e de um nariz borbulhoso, cuja côr de brasa ainda destacava no vermelhão vivo das faces. Debaixo dos supercílhos quási brancos, rebrilhavam com reflexos metálicos uns olhos de esmalte azul, com a alva raiada de riscas sanguíneas. Bojava-lhe sobre o ventre rotundo uma jórnea opulenta de brocado jalne, com grande colar

de ombros scintilante de pedrarias, e sobrepujava-lhe a enorme cabeça um pequeno gorro azul, semelhável aos de pagem, grotesco toucado que chegava a causar riso sobre a greinha amarelada, mesclada de cans.

O outro era magro, esquelético, esgalgado. Sôb a montanha esguia e colossal do nariz, erriçava-se um bigode hirsuto e negro, entresachado de brancas, espesso como floresta em vale profundo. Do queixo, um pouco proeminente, surdia-lhe uma barbicha ponteaguda, que ao erguer da cabeça tinha geitos de ameaçar o mundo. Coberto de uma armadura reluzente, ondeava-lhe sôbre a capelina dourada uma vistosa e abundante pluma côr de rosa. E a mão ossuda e comprida pousava quási constantemente no punho de um espadagão desconforme.

Os dois imergiram no oceano da turba, que se desviava respeitosa. Trocaram algumas palavras em linguagem áspera e ininteligível para os portugueses, e em seguida o homem gordo, circunvagando o olhar azul, levou a mão esquerda aos lábios arroxados e grossos, fazendo menção de beber.

O gesto era eloquente. Um sem número de braços se alongaram em direitura da cidade, onde, no bairro adjunto de Cata-que-farás, se abeberavam às rebatinhas galeotes e pesca-

dores. Um rumor de vozes se ergueu para nomear aos forasteiros as várias vendas espalhadas por aqueles contornos:

— A tia Moninha!

— A tasca do Framengo!

— O Pichel Ruivo!

— A do Soeiro Escacha!

Mas João Vicente adiantou-se pressuroso. Afundando os dedos na espádua flácida do alentado inglês, acenou aos dois que o seguissem. Depois virou-se para Apariço e Briolanja, e exclamou alegremente:

— Vinde comigo! Vamos regalar a tripa dêstes fidalgos, para que êles fiquem sabendo como a gente de Portugal recebe os hóspedes.

E, seguido pelos estrangeiros e pelo seu grupo, a que se agregaram logo muitos populares curiosos e uma multidão saltitante e clamorosa de garotos, rompeu por entre as ondas do povolêu, até chegar ao espaço mais desfogado de gente, que se prolongava junto às faldas do monte de Santa Catarina. Aí hesitou um momento.

— Para onde iremos? murmurou êle.

Apariço sugeriu imediatamente:

— Ao Framengo, é melhor. Que esse há-de entender-se com estes fidalgos da estranja.

— Falas conchavado, replicou o mesteiral.

Persuadiam-se os dois de que todos os es-

trangeiros se deviam entender entre si, visto que êles a nenhum compreendiam. Por isso, a breve trecho o cortejo entrava pela tasca pertencente ao flamengo Josse Van Daele, situada à beira do caminho suburbano que seguia para o mosteiro de Santos.

Por detrás do balcão, que dividia quasi ao meio a vasta quadra, de paredes caiadas, tetos de castanho, chão de terra batida, junto de uma pipa encanteirada, campeava o patrão da bodega, homem baixote, de cara larga e quadrada, barba ruça cortada quasi rente, occupado em fazer uns complicados cálculos a giz, indiferente ao alvoroço que ia lá fóra e que lhe deixava a loja deserta. Ao vêr entrar os inesperados fregueses, levantou a cabeça e assumiu o seu ar mais insinuante, escancarando a boca num sorriso que parecia arrebitar-lhe as largas orelhas.

— Micer Josse, bradou João Vicente, que-remos da vossa pinga mais especial para refrescar as goelas aqui dêstes fidalgos.

— Pronto, meus amos! retorquiu o taberneiro, sem desfazer o sorriso, num português mascavado pelo sotaque flamengo.

E, á medida que enchia à torneira uma bojudá agomia de estanho, ia encarecendo, numa espécie de lenga-lenga que ninguem ouvia, as qualidades superfinas do seu vinho.

Briolanja sentara-se num escanho tosco, a um canto, acalentando suavemente o criança que choramingava. E enquanto João Vicente, com a confiança de um velho frêguês, ia dispondo no balcão as albarradas de argila vermelha, e Apariço trocava dichotes e comentários com a turba que se aglomerara à porta, os dois forasteiros examinavam curiosamente a venda e os circunstantes. Cousa alguma desmanchava no rosto do magrizela a gravidade e a compostura da fisionomia; ao passo que o companheiro traduzia a miudo no olhar vivo, no sorriso disfarçado, no vago franzir de sobrolho, a curiosidade que o animava. Sôbre a figura deveras gentil de Briolanja se demoraram por instantes os seus olhos, enquanto êle regougava para o outro estas palavras de uma lingua arrevezada para ouvidos portugueses:

— *Fine girl!*

O magrizela encolheu os ombros com ar desdenhoso, e estendeu majestosamente a mão para a albarrada que João Vicente lhe apresentava, transbordante de espuma arroxada. E depois de fazer idêntica oferta ao gorducho, que a recebeu com sofreguidão evidente, o mesteiral exclamou com grande reverência:

— Aqui tendes, senhores ingleses...

Mas atalhou-o uma voz um pouco ríspida e estridente, que surdiu inesperadamente dos lábios delgados do magrizela. E pela venda ecoaram frases de uma geringonça franca, mixto de espanhol, de provençal, de italiano, com um que outro vocábulo de baixa latini-dade, nem sempre acessíveis ao auditório, e cuja transplantação em vulgar se pôde fazer pouco mais ou menos nos seguintes termos:

— Inglês não sou, senhores portugueses! No nobre país da Gasconha fui nascido, e Castelneuf é meu solar. Basta dizer-vos êste nome, para que brilhantes façanhas vos ocorram à memória, como à de todos os povos da Europa. Tendo abarrotado de glórias a sua pátria, aqui tendes agora o senhor de Castelneuf, Castrum Novum, esteio da Inglaterra e patrono de Portugal.

Mas, como nem leve sinal de reminiscência tal nome despertasse nas cataduras estarecidas dos ouvintes, o gentil-homem gascão teve um indistinto gesto de enfado, e proseguiu, indicando o companheiro, o qual, indiferente ao seu majestoso palrar, ia despejando no ventre monstruoso albarradas sobre albarradas de vinho espumante:

— Inglês é meu companheiro, sir Hugo Redstaff, aliás Ruber Baculus, amigo do príncipe de Gales, guerreiro esforçado...

Mas um movimento improvisado da turba, que se apinhava à porta da venda, distrafu as atenções gerais. Lá fóra, o estrondear das aclamações atingia o seu auge. Via-se ao longe sair da porta da Ribeira a pomposa comitiva que ia acompanhar ao mosteiro de S. Domingos o monarca português e seus ilustres hóspedes. Ressoavam na pureza do ambiente trombetas, sacabuxas, charamelas, atabales. E o contágio do entusiasmo frenético alastrava por todas as almas.

João Vicente, cheio de bizarria, não consentiu que os forasteiros pagassem a despesa. O senhor de Castelneuf agradeceu-lhe com a sua habitual solenidade. Quanto ao inglês, esse, de olhos piscos, de cabeça bambaleante, com o sorriso vago a rasgar-lhe o rosto rubicundo, encostava-se à umbreira da porta. Quando à saída João Vicente passou por êle, seguido pelo aprendiz e por Briolanja, sir Hugo dirigiu a esta uma carantonha tão escandalosamente libidinosa, que a rapariga ruborizou-se toda, estugando o passo para se aproximar do marido.

Mas o mesteiral nada percebera. Escancorando a bôca num transporte veemente, respondia às aclamações longínquas do povo, com um brado atroador de

— Alcácer pelos ingleses !

II

Ao entardecer de um sereno dia de outono, o aprendiz Apariço desmontava da uma jumentinha parda, à porta do seu antigo patrão João Vicente. Era numa viela curta e íngreme que, saindo de um terreiro adjunto à Mouraria, desembocava nas encostas de Almafala, ridentes de vinhedos.

O alentado mesteiral acolheu-o de braços abertos.

— Donde vens ?

— Do Alentejo.

E Apariço contou como fôra levado para Estremôs por um mestre de obras seu conhecido, mas que voltára breve por não se dar bem no sítio. Vinha, já oficial de carpinteiro, procurar trabalho a Lisboa.

— Não posso viver senão na minha terra, acrescentou êle filosoficamente. E a senhora Briolanja ? E o pequeno ?

— Briolanja, bem. O crianço é que vai algo achacoso.

— Dentes?

— Deve ser. Não é de cuidado.

— Graças a Deus!

Recolhida a jumentinha num pequeno telheiro do quintal, o qual servia de oficina ao carpinteiro, treparam os dois ao sobrado. À janela relativamente ampla, rasgada em ogiva tosca na parede caiada, se debruçou maquinalmente Apariço. O extremo inferior da viela enchia-se de um rumor de vozes avinhadas, proveniente de uma afamada bodega, situada à esquina do terreiro, e da qual se via a porta travessa, baixa e larga. Mas no extremo superior divisava-se uma nesga de campo, coberta de vinhas, banhada de sol, vivificada por todas as energias da natureza. E a meio dessa nesga, mesmo no prolongamento da viela, erguia-se uma haste grossa, onde, à maneira de espantalho, se desfraldava à aragem vespertina um pendão vermelho, tendo ao centro um falcão branco.

— Que é aquilo? perguntou Apariço, indicando o desusado emblema.

João Vicente aproximou-se, e, seguindo com a vista a indicação do companheiro, sorriu tristemente.

— E' o pendão com a divisa do senhor conde de Cambridge. Não a conheces?

— Mas para que está ali?

— Bem se vê que de longe vens. Pois não sabes? Se aquele pendão não estivesse além tanchado, a vinha seria roubada pelos homens de armas que se alcinham de nossos defensores.

— Os ingleses?...

— Os ingleses. Vai já bem longe o dia em que nós assistimos ao seu desembarque, e ficámos roucos com os alcáceres que lhes démos. Agora, para o meio do inferno havemos antes desejo de os mandar, que tudo aqui com eles é revolta e destruição.

— Que me dizeis?

— A verdade. Tal senhorio e desprezamento mostram contra esta terra, como se a ela viessem em som de guerra, não para a defender senão para a talar.

— Mas então é de vilões ruins essa ingresso...

— Cala-te, por Deus! atalhou João Vicente com um gesto quasi de pavor. Se te ouvisses! Além à espelunca acodem constantemente desses negregados de grenha açafroada, archeiros, bésteiros, e uma vez por outra até cavaleiros também. Se te ouvisses!

— Que medo o vosso!

— Se te parece! Nada pára aqui com eles, mesquinhos de nós! Fazendas roubadas, mulheres roussadas, homens mortos... E' de

arrepiar! As récuas que veem para a cidade, com carga de frutas e hortalças, teem que se salvar das garras dêles com senhos pendões como o que vês além. Inda há poucos dias, uns desses encarniçados lançaram mão das bēstas del-rei... del-rei mesmo... para as penhorar por lhes deverem do seu soldo. E o caso é que só por trabalho grande e ordens do tal conde excomungado é que elas foram tornadas. Três homens mataram êles, não há muito, numa aldeia lá para os lados de Loures. Ai! não imaginas, Apariço! Aqueles ladrões, é um estragar de coisas, que é mesmo de se benzer a gente! E' mais o dano do que o roubo. Só para aproveitarem a língua de uma vaca, matam a vaca e deixam-na a perder. As cubas de vinho, partem-nas êles e entornam almudes e almudes, só para encherem meia duzia de malgas...

— Uma coisa assim!

— É como te digo! continuou João Vicente em voz baixa, puxando o outro para o interior do aposento. Por isso é que a gente tem medo... Quem tem fazenda a perder, casa a defender, mulher a guardar, que se acautele...

Foram interrompidos pela entrada de Briolanja, que saudou cordialmente o recém-chegado.

— E o menino?... perguntou João Vicente.

— Dorme agora, o anjinho!

— Que Deus o tenha em sua santa guarda! disse gravemente Apariço, ainda impressionado com as confidências do mesteiral.

— Assim seja! acudiu João Vicente. Vamos agora à ceia, que o Apariço há de vir com as arnelas sôfregas da jornada.

Em pouco tempo, Briolanja dispôs sobre a mesa tósca as iguarias succulentas, por onde se provava a relativa abastança do carpinteiro: uma perna de almalho assado, com uma boa tira de freama de Lamego, uma conca de azeitonas, uma escudela com apetitosa fazedura de manteiga, tudo isto acompanhado por uma bojuda colodra, que levaria duas pintas de vinho de Carnide, e por belo pão alvo. Enquanto os dois se atiravam com voracidade de bárbaros ao repasto, Briolanja, a quem faltava o apetite, depois de engulir duas dentadas de carne, encostou-se ao parapeito da janela, olhando para fóra, pensativa.

De repente, a rapariga teve um estremecção, e não poudo conter um pequeno grito.

— Que é?... perguntaram os homens sobressaltados.

— Nada... o fidalgo inglês... o da tasca do Framengo...

João Vicente e Apariço acorreram à janela.

Encostado à porta da bodega, de olhos em alvo e carantonha tão libidinosa como a que de outra vez assustara Briolanja, Sir Hugo Redstaff ostentava o vulto corpulento como o de um boi, envolto nos trajes de gala com que havia feito a sua entrada em Lisboa, mas já desbotados de côr, conspurcados de nódoas de vinho, rôtos e esfiampados aqui e além. O gorro azul descaía-lhe para um dos lados, sôbre as guedelhas de amarelo deslavado, e as mãos enormes contorciam-se em trejeitos enigmáticos, dirigidos evidentemente à rapariga. Apenas os dois homens assomaram à janela, o inglês pôs termo aos trejeitos, e esgueirou-se com ar sorrateiro para dentro da taberna.

— Que quererá o rufião? interrogou João Vicente com desconfiança.

Ninguém podia responder. Mas Briolanja conservava-se pálida e trémula, encostada á parede, longe da janela, como se apreendesse um perigo iminente e terrível. E à vista dela, um vago arrepio de susto se coou pela medula dos dois portugueses...

III

Combinara-se que Apariço pousasse em casa do seu antigo mestre, naquela noite. No aposento de entrada, lajeado e limpo, sôbre um esteirão de tabua, estendeu-se um almadrake de palha de milho, coberto por uns mantêns de linho grosso e uma almucela de lã. Regalado sono iria ali dormir o rapazote, fatigado da longa viagem, contente por matar, emfim, saudades da sua terra.

Mas, estiraçado que foi entre os lençóis frescos e rescendentes de alfazema, a própria excitação da fadiga o impediu de conciliar desde logo o sono. Sentiu os seus hospedeiros que em cima, no sobrado, cochichavam entre si, aprestando-se para a dormida, ao passo que o vagido lamentoso do pequenino achacado os interrompia de quando em quando. Ouvia a algazarra que vinha da tasca proxima, onde vozes rouquenhas soltavam palavras ásperas que êle não entendia, no meio das quais ressoava uma que outra praga em português

genuíno. Depois, pouco a pouco, a grita esmoreceu, e só se percebia ao longe a cantilena desentoada de um bêbedo, quando Apariço perdeu a noção da realidade.

Umas violentas pancadas na porta o despertaram em sobressalto. Sentou-se na cama e pôs o ouvido à escuta. Um borborinho confuso parecia encher a estreita viela, e uns feixes de luz sanguinolenta se coavam pelos interstícios e pela fechadura da porta, dançando sobre o lajedo.

— Abre! abre! bradava uma voz entarame-lada, com um sotaque pronunciadíssimo de língua estranha, ao mesmo tempo que as pancadas se repetiam, cada vez mais estrondosas.

— Que é? perguntou em alta voz Apariço, erguendo-se de todo e dando um passo para a porta.

— Abre! abre! continuava a mesma voz em tom imperioso.

O mesteiral, ainda mal desanuviado dos fumos do sono, assustado com os rubores de luz viva que lhe passavam por diante dos olhos, teve a indefinida suspeita de que um incêndio medonho ameaçava devorar a casa. Descalço, em camisa, arrojava-se para a porta, a fim de a abrir, quando o susteve a mão vigorosa de João Vicente que, envolto num ca-

peirão de lâ grossa, descera a escada sem ser pressentido.

— Tonto! murmurou êste em voz trémula de alvorôço. E' o goliardo inglês, mal'os outros excomungados.

Houve um silêncio de pavor.

— Que nos querem? interrogou Apariço.

— Não sei. Espreitei-os da janela. O fidalgo gordanchudo à frente, e atrás dêle uns seis ou sete dêsses archeiros do diabo, que parecem umas torres. Ouve como êles berram, os malditos!

Com efeito, o bulício começava a degenerar em matizada. Uma dezena de vozes acompanhava as pancadas insistentes com a repetição viciada da mesma palavra:

— Abre! abre!

Dentro da casa, em cima, ressoavam de novo os prantos da criança, e sentiam-se os passos abafados da mãe, aflita, acalentando-a, procurando acalmá-la.

— Santo Deus! que querem êles? interrogou de novo Apariço.

— Fazer dano, fazer dano só. Arma-te, como eu.

E João Vicente agitou o braço direito, e um feixe de luz rubescente arrancou chispas de um machado do officio que êle empunhava.

— Porque não pedis socorro? disse Apariço.

— Para quê? disse João Vicente com amargura. Todos teem medo. Arma-te, arma-te.

Apariço mal teve tempo de empunhar um formão acerado que êle sabia a um canto da casa. Ouviu-se entre a berraria infrene a voz possante do fidalgo inglês:

— *Break open the door!*

E a porta, abalada como por golpes de catapulta, saltou violentamente dos gonzos.

A chama de três archotes irradiou com viveza, vermelhando o interior do aposento. Por êle irrompeu sir Hugo, esbofando como um touro, de cara abrasada e olhos lampejantes, seguido por alguns homens fulvos e tremendamente robustos, de arneses polidos e elmos de camalha alçada, agitando nas mãos espadas, adagas e maças de armas.

— Que me quereis? perguntou João Vicente, pálido e resolutivo, pondo-se em attitude de defesa, enquanto os ingleses se detinham a meio da quadra, resfolegando.

No socego relativo, escutou-se a voz de Briolanja, clamando à janela do pavimento superior:

— Aqui del-rei! Socorro!

— *The lass!* grunhiu o obeso bretão, gargalhando bestialmente.

A scena precipitou-se então com uma rapidez de que as palavras mal podem dar idea.

Sir Hugo avançou cambaleante. Meneando ferozmente o machado, João Vicente tomou-lhe o passo. Entretanto, dois archeiros se precipitavam sobre o mesteiral para lhe agüentar a fúria, ao tempo que outros lutavam com Apariço, o qual, manejando o formão, pulava agilmente, furtando o corpo às investidas dos adversários.

Mas sir Hugo, livre do assalto do mesteiral, enxergou de repente, no degrau inferior da escada, a pobre Briolanja, lívida, desgrenhada, cingido o corpo num amplo cerome de lã parda, segurando nos braços o infante que chorava.

— Vai-te, Briolanja! trovejou o mesteiral, apenas deu pela sua presença.

Era tarde. A passos trôpegos mas rápidos, o crapuloso inglês arrojára-se para ela, de braços abertos, rindo alvarmente, acrescida a ebriedade pelos estos da impudicícia.

João Vicente soltou um grito terrível e acercou-se da mulher, recuando. Então a baralha foi medonha. Sentindo no corpo as mãos asquerosas do inglês, Briolanja desviou-se aterrada, com clamores de desespero, procurando protecção por detrás do corpo do marido. Os archeiros precipitaram-se sobre o grupo...

Entretanto, na rua, os moradores, para

quem a família do carpinteiro era sobremaneira bemquista, tinham sacudido o seu torpor e abafado finalmente os terrores que lhes inspirava a gentilha inglêsa. Armados de cacetes, de facas, de utensílios dos seus mesteres, os homens da vizinhança começavam a assomar à porta, ameaçando os bandidos. E quando êstes, sentindo-se acossados pela retaguarda, se preparavam para resistir aos novos assaltantes ou abrir por entre êles o caminho da fuga, deu-se a catástrofe horrível.

A espada de um dos archeiros que descia tremebunda sôbre o ombro de João Vicente, errou o golpe, e caiu de improviso, rápida, fulminante, pavorosa, sôbre o pescoço da mísera criança. O sangue espadanou para as faces da mãe. E dos lábios desta irrompeu um grito tão descomunalmente selvático, de tão lancinante agonia, que por um momento todos os circunstantes se quedaram como gelados.

Mas foi instantânea como um relâmpago esta pausa. Os urros da população ergueram-se agora francos, odientos, tremendos, contra os cobardes agressores de gente indefêsa. E não foi sem custo que os inglêses conseguiram retirar-se da casa que tinham ensanguentado, perseguidos pelos clamores de revolta.

Quando os vizinhos chegaram ao fundo da quadra, viram o largo arcabouço de João Vicente sacudido por soluços enormes, enquanto a desventurada mãe, como louca, ainda embalava o pequenino cadáver.

IV

Os paços reais de S. Martinho estavam nessa noite deslumbrantes de luz vivíssima, irradiando de centenas de brandões, presos por braços de ferro e de cobre às paredes colgadas de panos de Arrás. Sua Rial Senhoria Dom Fernando de Portugal oferecia um sarau aos seus hóspedes e aliados de Inglaterra.

Uma multidão variegada de cortezãos e de fidalgos se acotovelava pelas vastas salas e pelas extensas galerias, mesclando-se com as damas, cujos risinhos se elevavam, em resposta aos galanteios. As sedas multicôres ras-tolhavam, arrastando pelo pavimento polido. As jórneas de veludo cabelado e terciopêlo alternavam com as cotas de brocado e de damasquim, com as opas de pano aleonado e de escarlata, guarneçadas de forcaduras de prata e de ouro. Reluziam ramais de pérolas, de contas de ambar, de pedrarias; scintilavam tauplas áureas e chaparias de esmalte. Agitavam-se as cabeças femininas, toucadas de

crepinas de felpa de ouro, de coifas entresachadas de aljofre, de toucas avelanadas, estofadas, em novadilhos, de enxarvias de todas as côres. E no meio da turba ondeante e aristocrática telintavam espadas, e lampejavam a miúdo os arneses e os cossolletes, espelhando as côres vivas dos opulentos estôfos.

Distinguiam-se, pela finura láctea da tez e pelo brilho flavo das madeixas, as damas inglesas da comitiva da condessa de Cambridge. Quanto aos robustos insulares, êsses elevavam quâsi sempre as cabeças afogueadas, solidamente enxertadas em pescoços taurinos, acima do nível médio daquele mar humano.

Ao fundo do imenso salão, percebia-se, dominando o vozear confuso, formado por centenas de murmúrios, um sussurro lento e arrastado, melopeia vaga de arrabis, acompanhada por sistros e adufes, de um perfume oriental. Era uma dança de mouriscos, que, espectáculo já pouco interessante para portugueses, despertava aguda curiosidade da parte dos forasteiros. Muitos dêles se aglomeravam em torno das bailadeiras, estreladas de lantejoulas, seguindo-lhes ávidamente os movimentos lânguidos, os esgares de mórbida voluptuosidade.

Mas o que despertava as atenções gerais era o grupo dos príncipes, sentado a meio da

sala, em ricas estadelas de carvalho ensamblado, forradas de guadamecins lavrados de ouro. E os olhares eram sobretudo atraídos pela figura primacial da rainha D. Leonor, como um foco fascinante de luz divina, um arquetipo inegalável de formosura. Envolta simplesmente numa opa de lila preta, cingida ao corpo, apenas sôbre o escasso decote rebrilhavam tres ramais de aljofre, que quâsi se confundiam no brilho pérleo da epiderme. A opulência de pompas concentrava-se especialmente sôbre os bastos cabelos ondeados e cendrados, com reflexos de ouro, ermos de qualquer adorno, a não ser um magnifico diadema, no qual as irradiações irisadas dos diamantes se casavam com a glauca fosforecência das esmeraldas e o sanguíneo fulgor dos rubis. As mãos delgadas, com lampejos de pedrarias nos dedos fusiformes, jogueteavam com uma delicadíssima escátula de ouro esmaltado, da qual, a miúdo aberta, se evolava o aroma penetrante dos confeitos e dos polvilhos de Chipre. E o semblante oval e puríssimo relembra a evocação de um sonho an-gélico, na serenidade levemente melancólica que lhe adoçava as feições, como um banho de celestial claridade.

Eram ofuscadas pelo esplendor inefável esta predivina formosura todas as outras

personagens do régio grupo: a condessa de Cambridge, a morena filha das Hespanhas, cujo vulto gracioso se perdia num deslumbramento de gemas; o conde de Cambridge, alto e espadaúdo, ostentando na perna esquerda a insígnia azul da Jarreteira; as duas crianças desposadas, o pequeno Eduardo de Cambridge, com os cabelos esparzidos em anéis de ouro sôbre o gibanete morado, e a infantinha D. Beatriz, risonha, de olhar meigo, cujo corpito franzino se perdia a meio da larga estadela, realçando sôbre o dourado dos guardamecins, como uma pequena santa bizantina; e finalmente, o próprio rei D. Fernando, com a figura gentilíssima ligeiramente acurvada aos primeiros embates da moléstia e os olhos fulgurando febrilmente na palidez marmórea do rosto.

Defronte, rasgava-se uma ampla porta de alizares floreteados, onde se franzia a meio um pesado reposteiro de setim velutado azul, orlado de cendal jalne. Além dela, inclinados sôbre mesitas marchetadas da Alemanha, alguns cavaleiros entregavam-se devotamente às lucubrações complicadas do enxadrez. Encostado à umbreira, um garboso fidalgo conversava animadamente com duas damas inglesas, sacudindo no galhofeiro irrequieto dos gestos a capa de brocado carmezim, guarnecida de

lhama de ouro. A miúdo, um seu olhar de soslaio ia procurar a rainha; e um relance instantâneo de comoção perturbava ao de leve a quasi hierática serenidade daquela fisionomia de ídolo. Os maliciosos da côrte apreendiam de fugida esta rápida troca de olhares e murmuravam uns para os outros, sorrindo, o nome de João Fernandes Andeiro.

A música mourisca alastrava pelo ambiente sonoro, como um perfume estonteante. O susurro das vozes mal se abafava no espesso das colgaduras policromas e dos panejamentos cambiantes. Um sôpro vivo de alegria parecia correr sôbre aquelas vagas humanas, manifestando-se em risos argentinos, em exclamações desconexas, em ondulações descontraídas, nas quais ressoava a espaços o retinido agudo das armas ou a carícia rumorejante dos estofos.

Agora, diante dos monarcas portugueses e dos seus principescos hóspedes, um truão giboso, de cara pergaminhada e amarela, vestido de amarelo da cabeça aos pés, floreava com a palheta onde as soalhas telintavam, jorrandos da bôca fina e contorcida frases burlescas, que contrastavam com os esgares lúgubres da fisionomia. Junto do estrado régio perfilava-se a figura esquelética do senhor de Castelnuef. Para ela apontava irreverentemente o

truão, virando-se ao mesmo tempo para o conde de Cambridge.

— Compadre das Ilhas! bradava êle em voz esganiçada e lamentosa. Compadre ruivo, que nos deixaste às escuras! Trouxeste a torcida e esqueceste a matula. Põe-nos para aqui as banhas do teu amigo Rubro Baco, que queremos acender a candeia.

E a recordação dos contornos rotundos de sir Hugo Redstaff, em confronto com a linha esguia do gentil-homem gascão, fazia rir a bandeiras despregadas os assistentes.

— Compadrinho da guedelha açafroada! continuava o bôbo. Roubaste-nos a música. Trazes a vaqueta e deixaste algures o atabale.

E as gargalhadas redobravam perante o sorriso contrafeito que distendia os lábios do senhor de Castelneuf, enquanto o bôbo se rebojava pelo chão em cambalhotas funambulescas, pulando de quando em quando para esgrimir com a palheta contra o ventre do gascão, no qual fingia não encontrar nunca alvo para os seus golpes.

Mas quando o contágio do riso lavrava por todas as salas e até o semblante angélico e quási impassível da rainha se franzia ao de leve, um alarido monstruoso, cuja aproximação lenta se perdera no ruído dos folguedos, ir-

rompeu de súbito defronte das janellas da velha alcáçova.

Um silencio de sobressalto e de vago pavor se estabeleceu de improviso no sarau, e todos prestaram ouvido atento ao borborinho exterior.

Era um vozear contínuo e clamoroso, em que sobressaíam gritos agudos do mulherio ao rouquejar soturno dos homens, como scintellas vivas sobre a fumarada de um incêndio. Uma luz vermelha e dansante penetrou pelas altas ogivas das janelas, empalidecendo o fulgor amarelado dos brandões, quebrando-se nos artezões do teto abaulado. Entre a grita descomposta e confusa surdiam, estrídulos como uivos de fera, brados de:

— Aqui del-rei!

D. Fernando ergueu-se lívido, e relanceou para D. Leonor um olhar expressivo de angústia indizível. Repetir-se-iam as tremendas arruaças de outrora, ameaçadoras da sua insensata paixão, afogadas em ondas de sangue popular? Mas o rosto fascinante da rainha só muito imperceptivelmente correspondeu à muda interrogação, por um ligeiro tremor que das narinas melindrosas se propagou à comisura ardente dos lábios.

Antes que qualquer comunicação pudesse chegar-lhe sobre a origem do sinistro alarido, por entre a turba dos cortezãos ainda extáti-

cos e silênciosos, D. Fernando encaminhou-se para a janela mais próxima e espreitou avidamente.

O terreiro, em frente do paço, estava inundado por uma turba compacta, que rugia, urrava, ululava, como alcateia desenfreada de bestas-feras. Ao clarão purpúreo de dezenas de archotes, discerniam-se cabeças desgrenhadas, rostos patibulares, bôcas convulsivamente escancaradas, máscaras selvagens, olhos coruscantes. E o mar imenso de cabeças refluía sobre os degraus da larga escadaria, onde os bésteiros da guarda já fraquejavam na ânsia de o conter.

O rei teve um gesto de pasmo interrogativo. Ergueu-se junto dêle a voz do corregedor da côrte, que se lhe acercara:

— Senhor, a arraia miuda pretende invadir o paço.

— Que querem êles? perguntou D. Fernando em voz trémula. Vêm acaso em som de revolta?

— Senhor, não. Dizem que a Vossa Rial Senhoria vêm pedir justiça...

A fala do monarca reboou pela sala, vibrante e segura:

— Franqueai-lhes a porta, corregedor. Não se dirá que o povo de Lisboa vem debalde pedir justiça ao filho do rei justiceiro,

O corregedor curvou a cabeça encanecida, e afastou-se. Na vasta sala reinou um silêncio de ansiedade, mesclada de um vago pavor. Erecta, majestosa como uma divindade, realçava sobre as colgaduras multicores o vulto soberanamente esbelto da rainha. E só no rosto dela não se divisavam sinais de turvação.

V

De tropel, a multidão plebeia irrompeu pelo régio e opulento salão. A poucos passos da porta estacou, porém, como deslumbrada.

Uma mulher apenas avançou, com os olhos medonhamente arregalados, os cabelos esparsos sobre um cerome de lã parda, enodado de sangue, que lhe deixava quasi descoberto os seios túmidos, os braços meio hirtos erguidos numa attitude trágica, as belas e juvenis feições contorcidas num espasmo de inexprimível horror. Só ella avançou, a passos lentos mas firmes, circunvagando o olhar pasmado e rouquejando a modo de interrogação ansiosa:

— El-rei? el-rei?

Mas não foi preciso indicar-lho. A figura do monarca impunha-se em toda a sua majestade, à beira do estrado, sobre a alparavaz florejado e veloso. Diante dêlle veio prostrar-se a mulher, erguendo o rosto de uma palidez algente, laivado de sangue, e cravando os

olhos esgazeados no olhar atónito de D. Fernando.

— Justiça, senhor rei, justiça! bramia ela numa voz, cuja expressão a um tempo dolorida e bravia, coava um arrepio de terror por toda a côrte.

— Contra quem me pedes justiça? perguntou o rei pausada e gravemente.

— Vêde! bradou ela erguendo-se e apontando para a entrada da sala.

Um movimento se fez entre a turba adventícia. Viu-se um mesteiral alentado, sacudido de soluços o rijo arcabouço, adiantar-se com outros que seguravam uma padiola tosca, coberta com uma colcha de estamemha escura. O mesteiral curvou-se, enchendo a sala com os seus lamentos possantes. Num gesto largo, ergueu a colcha. E perante o horror lastimável do espectáculo, todos os circunstantes, sem exceptuar os rudes guerreiros habituados às mais sinistras visões de morte e de tortura, tiveram um movimento instintivo de recuo.

Sobre o lençol que forrava a padiola, alongava-se um tenro cadáver infantil, mal envolto ainda em faixas ensaguentadas, com a cabeça loura e o ombro de uma alvura ebúrnea quasi completamente decepados por um golpe terrível, em cujos bordos se coagulava medonhamente o sangue. As pernitias, sulcadas de

refêgos encantadores, estavam contorcidas e hirtas, e as mãosinhas papudas mantinham a dolorosa crispção da agonia.

Todas as mulheres, incluindo a própria rainha, voltaram o rosto ou levaram involuntariamente as mãos aos olhos. Apenas Bríolanja se quedou na sua atitude patética, sem desviar os olhos sedentos de vingança; e, apontando sempre o filho morto:

— Vêde o que elles fizeram! proferiu ela em voz surda e arquejante.

— Eles? ... Quem? perguntou D. Fernando.

Mas não foi a desafortunada mãe quem respondeu. Um côro tremendo de ódio reboou pela sala imensa. A gentalha ululava, levantando os braços com fúria:

— Os ingleses! os ingleses!

Instintivamente, o rei de Portugal volveu os olhos para o conde de Cambridge. O chefe inglês comprehendera tudo. Empalideceu. Mais do que a atrocidade do crime, contrariava-lhe o aristocrático decoro a enormidade do escândalo. Com serenidade aparente, voltou-se para o rei e exclamou em puro castelhano:

— Serão punidos os culpados. Digne-se Vossa Rial Senhoria informar-me dos seus nomes.

O borborinho de vozes que se elevou ao fundo da sala, entre o qual se distinguiram

confusamente palavras soltas, misturadas de imprecações, calou-se de repente, sem esperar pelo gesto imperioso do monarca. Era a voz de Briolanja que ressoava, agora quebrada e plangente como uma elegia, logo sibilante e rugidora como um treno de vingança, por momentos cristalina e suave como a evocação de um sonho paradisíaco.

— Meu rico filho... filho da minha alma... mataram-mo, os malvados... Ensoparam-mo de sangue... Sangue, só sangue, é o que vejo diante dos olhos... São da côr de sangue os carniceiros!... E eu já tinha medo, tanto medo, não sei porquê... Via sempre diante de mim o inglês gordo... muito gordo... fazia nojo o rufião!... Olhava para mim com trejeitos que arrepiavam... Eu não dizia nada ao meu marido, mas bem o via, o varrão maldito... Rondava-me a casa para... para... Por fim atascou-se em sangue, no sangue do meu filho... do meu rico filho...

As lágrimas embargaram-lhe a fala. E lágrimas bailavam em muitos olhos. Saíam das escuras das damas, polvilhadas de perfumes, e os belicosos cortezãos portugueses abanavam as cabeças tostadas, para disfarçarem a sua comoção. No meio do silêncio, ouviu-se ciciar um nome:

— Sir Hugo!

Saíra involuntariamente dos lábios do senhor de Castelneuf a sugestão. E todos, voltando os olhos para êle, viram o rosto macilento do gascão, extremamente pálido, contrair-se numa expressão de generosa cólera.

— Esse é, esse é! trovejou João Vicente, levantando o rosto e mostrando a barba hirsuta e negra onde tremeluzia o pranto.

Uma tempestade de pragas e de assuadas reboou pela extensa quadra. Violentamente, a arraia-miuda exigia o castigo pronto dos culpados. Dois ou três mesterais mais temerários apròximaram-se do rei de Portugal como delegados da população revolta. D. Fernando, profundamente comovido, mas irresoluto e titubeante, procurava acalmar a justa indignação da turba, conferenciando a miúdo com o conde de Cambridge. Briolanja, quebrada a sua excitação nervosa, deixára-se cair junto à trágica padiola, e, curvada sobre o pequenino cadáver, chorava desesperadamente. Um grupo de mulheres do povo, em roda dela, vociferava ameaças e gemia clamorosos queixumes; ao passo que João Vicente, recuperando finalmente a energia varonil, erguia os punhos cerrados e escancarava a bôca em rugidos de vindicta feroz.

Mas uma circunstância inesperada restabeleceu de novo um silêncio quási religioso.

Sobranceira a todos, na sua dupla rialeza de jerarquia e de formosura, erguendo o semblante de uma palidez macia acima do negro das vestimentas, Leonor Teles descera do estrado régio e encaminhara-se, na majestade airosa da sua compostura, para o improvisado catafalco. Viu-se então a comborça rial, odiada pelo povo, baixar a fronte de uma beleza divina sobre o tenro cadáver mutilado e depôr um beijo longo nos cabelos de ouro empapados de sangue. E quando ergueu a cabeça soberana, uma lágrima, pérola nunca entrevista por ninguém, deslizava pela face alabastrina da adúltera...

VI

Manhã clara e serena. O sol, ao declinar do outono, entornava pelos campos uma luz suave, e a aragem tépida redemoinhava sobre as folhas secas, quebrando o vasto silêncio com um doce marulho intermitente, semelhante ao do oceano.

Uma cavalgada festiva de ingleses saía da cidade, pelos lados da Mouraria, seguindo a vereda, orlada de sebes vivas, que serpeava pelas encostas de Alvalade. Realçava no meio dêles a figura disforme de Sir Hugo Redstaff, cuja larga faceira, rasgada por um sorriso perene, se alastrava em refêgos rubros sobre a gola do laudel de malha. Um bacinete polido tremia-lhe em cima da enorme cabeça amarelada. E no olhar vivo e mordente vislumbrava a imensa alegria da liberdade, depois de algumas semanas de detenção a bordo, ordenada pelo seu chefe e amigo o conde de Cambridge, mais por medida de prudência,

do que como satisfação às reclamações da justiça.

A pequena escolta que o acompanhava, quatro cavaleiros apenas, constituía a vanguarda de um novo troço de ingleses que seguia para a fronteira, a fim de forragear por terras de Castela. Assim conseguira el-rei desviá-los pouco a pouco da sua capital, à medida que obtinha recursos para os encavalgar. Deplorável expediente, que contribuía para a devastação dos campos do Alentejo e da Beira, onde os bandos anglo-saxónicos davam largas à sua ânsia de saque, deixando em santa paz as terras fronteiriças do inimigo, às quais raro chegavam.

Apenas emergiam dos arruamentos limítrofes da cidade, já os ingleses, esquecidos da sua missão de guerra, atroavam os ares de canções báquicas, toadilhas rudimentares e monótonas, bordadas sobre uma fraseologia bárbara.

Mas desde as últimas casas do povoado, que os ia seguindo uma hervoeira, cujo viver libertino facilmente se assinalava pelo vistoso coromê de Arràs, dirigindo-lhes chufas, ondulando em requebros, trejeiteando negaças. Nem tanto era mister para insinuar ideias de crápula em espíritos tão azados a recebê-las.

— *Come on!* bradou sir Hugo, traduzindo a frase ininteligível com um gesto eloquente.

Num relance, era a rapariga içada para a garupa do possante muar e procurava debalde, no meio de risos, cingir com os braços magros o torso formidável do gentil-homem.

Quando a cavalgada se pôs de novo a caminho, exuberante de galhofa, nenhum dos ingleses reparou no aceno rápido de inteligência, dirigido pela moçoila a um grupo de populares, meio oculto entre as sebes.

Ao chegarem às alturas de Alvalade, a sêde era intensa, e as cavalgaduras, trepada a galope a empinada ladeira, reclamavam descanso. Convidava os ingleses uma casita abaracada, isolada à beira do caminho, a cuja porta a aragem sacudia um ramo de louro ressequido. Descrevera-lha a rapariga como um oasis reparador de forças, na sua tríplice qualidade de celeiro, de padejo e de tasca.

A poucos passos da casita, apartado dela pelo muro enegrecido de um quintalório, erguia-se um palheiro baixo, com uma porta apenas. Recolhidas as cavalgaduras sob a parreira do quintal, diante de mangedouras improvisadas e abastecidas de feno, a rascôa atraía os estrangeiros para o palheiro, onde se refocilariam os sanguíneos apetites dos homens de armas, excitados pelo cheiro da

regueifa quente, das viandas rústicas, e sobretudo pelo fartum da vinhaça.

Encarregou-se a rapariga de arranjar o farnel dentro da venda, e safu do palheiro, deixando atufados nas medas douradas os corpos anafados dos insulares. Mas, cerrada a porta após si, como por gracejo, não foi para a venda que ela se dirigiu. Chegando a meio da poeirenta estrada, interrogou com o olhar as bandas de Lisboa. O grupo de populares aproximava-se.

Eram dois homens, e cerca de uma dúzia de mulheres, todos armados de fouces roçadouras, de cajados, de fueiros, de machados. A marcha silenciosa, e quási subreptícia, os olhares esgazeados cujo brilho se divisava de longe, davam ao rancho um aspecto sinistro. Quando se acercaram da rascôa, esta indicou o palheiro. Uma das recém-chegadas, em cujo rosto lívido e abatido a custo se reconheceriam as feições rosadas e frescas de Briolanja, fez um gesto ligeiro de inteligência. Depois circunvagou a vista, como em procura de alguma cousa. Iluminou-se-lhe de súbito o olhar soturno, e apontou para a margem fronteira da estrada.

—O carro! murmurou ela em voz cava. Trazei-o!

Era um carro de bois, atulhado de uma

carga de pinho, destinada ao padejo, o pesado tamoeiro repousando sôbre um estadinho cravado na terra. Sob as ordens mudas de Briolanja, as mulheres, desenvolvendo uma força descomunal, arrastaram-no na direcção do palheiro, enquanto os dois homens, João Vicente e Apariço, sustinham com ameaças e forçavam ao silencio o dono da locanda, atônito, espavorido, atraído à porta pela chiada extemporânea e penetrante do eixo emperrado.

A porta do palheiro abria-se para fora. Contra ela se arrimou o carro, em guisa de barricada. Na viravolta, a parte posterior do chedeiro martelou rijamente de encontro ao batente cerrado, e a algazarra jubilosa que ia lá dentro cortou-se de exclamações e de pragas britânicas, mescladas de gargalhadas.

Briolanja também casquinou sinistramente.

Verificou de manso se o carro embargava completamente a abertura da porta. Depois, satisfeita, contendo as companheiras que se ofereciam para a auxiliar, encaminhou-se a passos lentos para o padejo. Foi curta a demora. Dentro em pouco, ela aparecia de novo, hirta, serena, formidável, como inflexivelmente movida por um poder sobre-humano. Na mão trémula empunhava uma acha de lenha em chamas. O taverneiro, adivinhando-lhe as intenções, soltou um grito terrível,

não obstante as ameaças dos homens. Como barafustasse, apesar de já manietado com uma corda, foi amordaçado com um barrete.

Entretanto, Briolanja, indiferente a tudo, aproximava cautelosamente do pinho o toro chamejante. A rama ressequida crepitou, torceu-se, incendiou-se. Um novelo de fumo turvou a limpidez dos ares. Depois rolos negros, cada vez mais espessos, se foram erguendo, até que a labareda triunfante se apossou de uma das medas e a caruma esbraseada começou a esvoaçar na claridade resplandecente do dia.

Lá dentro, cessara a cantilena jovial. Os ingleses suspeitaram decerto que algum perigo os envolvia. Repercutiam golpes vigorosos, vibrados contra a porta. Mas a improvisada tranqueira resistia imóvel. Contudo, Briolanja, receando ainda que os possantes ilhéus lograssem abrir passagem por debaixo do carro, atulhou êsse espaço de feixes de pinho e lançou-lhes fogo. Em seguida, segura da vingança, soltou um suspiro de alívio, e, com a mesma serenidade trágica, recuou alguns passos, para melhor contemplar o espectáculo,

Era tremendo. Sem temor e sem pejo, as mulheres davam enfim largas à sua alegria feroz. Identificadas na mesma embriaguez de vingança maternal, pulavam como feras, vo-

ciferando vaias e insultos, entoando a plenos pulmões uma cantiga popular, cujo estribilho resava :

Ui! Diabo, àlerta!
Que a fornalha esfria!
Bota-lhe, diabo,
Untos de ingresia.

À tosca melopeia respondiam de dentro urros de cólera, entremeados de pragas. Os sitiados, evidentemente, ainda não atingiam a pavorosa extensão do seu infortúnio. As pancadas redobravam de furor contra o portal, que as chamas já lambiam. Por uma fresta alta e estreitíssima, aberta numa das paredes laterais, saíu um braço que agitava desatinadamente uma ascuma. Num requinte de barbaridade, a rascôa vibrou-lhe um rijo golpe de fouce, bradando ao mesmo tempo entre gargalhadas :

— Eh! cevado! Deixa espostejar a peiougá!

O braço recolheu-se, largando a ascuma, e ressoou um uivo de dôr. Então os ingleses, aos quais já chegava o calor da fogueira, ao passo que o fumo grosso e negro se coava pelos interstícios da porta, compreenderam por fim o suplício horrível que os esperava. Os seus rugidos lancinantes atroavam o espaço, acompanhados pelo furioso alarido das megeras. E o incêndio proseguia a sua

obra de destruição, a madeira do portal estava gemebunda, mordida pelas labaredas, e as scentelhas dansavam fantasticamente no meio dos rolos de fumarada.

Quando as chamas invadiram o interior do palheiro, já de há muito haviam cessado os desesperados bramidos das vítimas: a asfixia tinha-lhes poupado as torturas horripilantes da morte pelo fogo. O telhado desabou com fragor colossal, atraíndo finalmente os moradores do povoado visinho. E a recordação do espectáculo gravou-se-lhes para sempre na memória.

Junto do locandeiro prostrado e manietado, João Vicente contemplava as ruínas fumegantes com um olhar absorto e ferino. No meio da estrada, o mulhierio, de mãos dadas, dançava uma ronda canibalesca em torno de Apariço, que pulava diabolicamente. Pelos campos solitários, onde o restolho amarelejava, ecoava longamente o sinistro estribilho:

Ui! Diabo, alerta!
Que a fornalha esfria;
Bota-lhe, diabo,
Untos de ingresia.

Sentada numa pedra, com a cabeça entre as mãos, Briolanja chorava, chorava lamentosamente...

A CAVALGADA DOS NUS

I

Por uma bela manhã primaveril do ano de 1520, achavam-se reunidos à porta da velha mesquita de Arzila, santificada sob a invocação católica de Nossa Senhora da Assunção, vários grupos de oficiais portugueses, aguardando as damas que saíam lentamente da missa. Num desses grupos, gesticulava animadamente um cavaleiro quasi adolescente ainda, com o lábio superior apenas assombreado pela vaga penugem de um buço, trajando sobre as armas, como pessoa nobre, uma soberba marlota de grã rosada.

Ouvia-o em silêncio outro cavaleiro de semblante arruivado, brincando distraidamente com o luzente colar de ombros que lhe recafa sobre o pelote vermelho; ao passo que junto deles um terceiro, envolto numa ampla aljarcia, alentado mocetão de barba negra e têz baça, fitava com persistência a porta de arco mourisco, à qual nesse momento assomava o vulto airoso de uma formosa portuguesa, ves-

tida quási completamente de negro, e acompanhada por uma aia de aspecto carrancudo.

— Tento! disse êste último em voz fortemente acentuada com o sotaque característico dos mouros, travando do braço do palrador e indicando vagamente as duas mulheres. Tento, João Martins! Olhai a vossa dona como vem donairoza...

O interpelado teve um gesto de contrariedade, ruborizou-se ao de leve, e atalhou com expressão de cólera incipiente:

— Mourisco de uma figa! calai-vos por Deus, que pode alguém ouvir-vos...

— Ouço eu tão sómente, interrompeu o cavaleiro do colar de ombros, sorrindo com bonomia, e a nova tem cabelos brancos para mim.

— Como se todo o mundo não soubera quanto quereis à linda Guiomar! disse o mourisco, encolhendo os ombros.

João Martins ia a defender-se, embora perturbado pela aparente justeza da acusação, quando o do colar acudiu, fitando com mais atenção a esbelta rapariga que se aproximava, e cuja tez pálida realçava tão vigorosamente sobre o negro das vestes, como os olhos avermelhados e húmidos sobre o setim lilíáceo das faces;

— Á fé que bem tristonha vem, a linda filha do porteiro dos contos!

— Se vos parece, James Dias! exclamou João Martins em tom de comiseração afectiva. Com o mesquinho do pai naquele estado!

— Muito mal, hein?

— Por físico e sem remédio o dá o físico, e não tarda talvez que os cavaleiros de Arzila tenham de assistir a desacostumado salmento, por não vir de refrega com mouros, desta vez, a morte...

— Pobre Diogo Pires... exclamou James Dias.

— Silêncio! atalhou o mourisco, ela já está cêrca de nós.

Avisinhava-se com efeito a rapariga. E ao dar com os olhos em João Martins, o sangue que lhe reçumou às faces brancas denunciava porventura que mais do que leves suspeitas sobre os extremos do adolescente lisonjeavam o coração juvenil de Guiomar.

João Martins adiantou-se para ela, e saudou-a com aprimorada cortezia.

— E vosso pai? perguntou êle com desvelo.

— Parou de arreversar sangue, respondeu Guiomar erguendo ao de leve o sobrolho espesso, como num gesto vago de esperança. Mas tão debilitado o vejo...

— Não lhe apetece a comida, acaso?...

— Ah! calai-vos, senhor João Martins, que isso é o que mais me atormenta.

— Como?

— Pois não sabeis? Disse-lhe o físico que de cágados devia manter-se...

— Bem me lembro!

— E não lhe sabiam mal, coitado de meu pai! Mas agora, há dois dias, que desconcerto! de todo me faltaram... Com êstes rebates constantes de mouros pelos campos de Arzila...

— Rebates! Não os há agora, que eu saiba. Nem um alfaqueque tem corrido a trazê-los à vila.

— Seja assim, disse Guiomar numa voz que gradualmente se ensopou de lágrimas. Mas sabeis também que o senhor capitão tem posto defesa à saída de gente da praça, e só lá fóra, no Rio Dôce, se podem pescar os cágados. Até agora, tinha quem de quando em quando fôsse buscá-los: aproveitava as sortidas dos almogavares, e havia um pobre mourisco que uma que outra vez mos trazia na sua bajoceta. Mas tudo isso acabou, e agora vejo-me sem manutenção para o mesquinho de meu pai, que está cada vez mais achacoso, e não sei... Mofina de mim!

Escorregavam-lhe duas gotas límpidas sôbre

a epiderme macia do semblante. Da escarcela sacou um lenço lavrado com que as enxugou. O silêncio momentâneo foi cortado pela áspera reprimenda da aia:

— Que pode fazer êste cavaleiro ás vossas tristuras? Vamos para casa asinha, e deixai-vos de queixumes por coisas que não tem remédio.

João Martins estivera entrementes embebido em cogitações. Sem se importar com a velha, dirigiu-se vivamente a Guiomar:

— Esperai! disse êle:

E depois voltou-se para o mourisco:

— António Coutinho, quereis vós servir de almocadêm para uma correria? Cumpre dar manutenção a êsse pobre Diogo Pires, que se fina à míngua dela.

— E licença do senhor D. João Coutinho, como a havereis?

— Deixai isso à minha conta, que do seu affecto me pago eu.

— Se assim é...

— Assim mesmo. Olhai, senhora D. Guiomar! Alimpai as lágrimas dêsses lindos olhos, que a vosso pai não faltará hoje um belo jantar para festejar o domingo!

— Deus Nosso Senhor o permita! Quantas graças vos darei, senhor João Martins!

— A mim, não! Antes aos cavaleiros que

me acompanharem. Uma luzida cavalgada se ordenará por certo, não vos parece, António Coutinho?

— Sobrará quem se empenhe em acompanhar-nos. O porteiro dos contos é tão bem-quisto na vila!

— Contai comigo desde já, acudiu James Dias com os olhos brilhantes de alvoroço. *Sursum corda!* Não são os cágados que me fazem apetite, mas meia duzia de cabeças de gado anafado, que nos dêem uns churrascos de enche-mão.

— Pois não vos faltará êsse regalo, redarguiu António Coutinho, se deitarmos até aos aduares do Alborge e da Almenara, onde os mouros estão desprevenidos...

Mas a velha aia apertava de tal modo com Guiomar para que abalassem caminho de casa, que João Martins interrompeu a explanação daqueles belos projectos:

— Deixemo-nos de palavras, e vamos ás obras. Por mim, vou-me sem detença ao capitão. Vós aguardai-me aqui. E quanto a Vossa Mercê, senhora D. Guiomar, não vos atormenteis. Eu vos prometo que Diogo Pires dará mercês a Deus... por ser vosso pai, concluiu êle em voz apenas audível para a rapariga.

Nem uma palavra de agradecimento saíu dos lábios dela; mas apertou de tal modo a

mão do adolescente cavaleiro, que pelo rosto dêste se espalhou um sorriso de beatitude. Depois, saudando os outros, afastou-se pressurosa, enquanto a velha resmungava, retorcendo entre os dedos ossudos as contas do rosário:

— Nosso Senhor me perdõe, se esta isca dos cágados não é para outra pesca!

II

A licença foi concedida sem grande relutância pelo conde D. João Coutinho. Há muito que não se davam com efeito correrias da mourama, e pelos arredores de Arzila nada havia que podesse excitar desconfiança. Contra alguma horda perdida de almogavares infiéis, das aldeias não guarramadas, iriam de sóbra apercebidos os cavaleiros. Organizou-se pois a cavalgada, tão luzida quanto a previra João Martins e o mourisco António Coutinho. Eram vinte esforçados portuguezes, armados de lança e adarga, montados em possantes e fogosos corcéis arábicos, animados menos porventura pelo ardor filantrópico de acudir ao mísero tísico do que pelo alvoroço da carreira por essas campinas férteis do Habat.

Safu a cavalgada pela porta da Ribeira, e foi seguindo para nordeste. Sobre as muralhas, assistiam à partida os oficiais e a população

da vila. No meio da garrida turba, divisava-se o arnês reluzente e a gorra emplumada do capitão. Curiosas pela aventura, muitas damas de Arzila alongavam a vista pela extensão verdejante, que ondulava até ao longínquo outeiro de Taliconte, do cimo do qual se descobria toda a estrada que corria para Alcácer. E à esquerda, rugindo de encontro aos penhascos em soluços de espuma, desenrolava-se a amplidão azul do oceano, sôbre a qual apenas se viam, a pouca distância da praia, movendo os mastros num balanço rítmico, duas fustas portuguesas.

Com o mourisco à frente, a servir de almocadê da almogavaria, cavalgava aiegremente o troço de portugueses, trocando chufas, desafogando em risos, interrogando os horizontes. Nem viva alma por essas terras fóra. A erva, luxuriante e aveludada, quebrava-se sob as patas dos cavalos. E do imenso mar verde irrompia a floração variegada dos cistos, das almecegueiras, das bétulas. Orlando os atalhos, as sebes engrinaldavam-se com o oiro vivo das giesteiras. Mais longe, para o interior, erguiam-se de onde em onde, com a sua trunfa de verdura, os carvalhos anões; ao passo que os troncos escorchados dos sobreiros pareciam sangrar, ao calor vivo do sol. E o silêncio profundo e solene da natureza

em gestação era apenas cortado pelo marulho lento das vagas, carpindo ao longe.

Cêrca de uma hora fôram trotando os cavaleiros. De quando em quando, do cimo de uma colina, descobria-se-lhes ante os olhos um panorama soberbo: sete léguas de costa, bordadas de rochas, limitadas ao sul pelas torres pardacentas de Arzila, ao norte pelo vulto sombrio do cabo Espartel, como a sentinela extrema do Al-Garb. E o mar, o mar infinito, o Bar-el-Quebir dos árabes, fulgurava a perder de vista com lampejos diamantinos, como a protestar contra a velha alcunha de Tenebroso, perante os olhos de seus vencedores, os portugueses.

Chegaram finalmente ao Rio Dôce. Numa várzea nemorosa corria êle, estreita faixa de água vadeável, límpida e risonha, por um leito de cascalho e de terra arenosa. Para além, na outra margem descoberta de arvoredo, erguiam-se lombas verdejantes, que se prolongavam para oeste até ao porto de Halemoquique, ao passo que para leste iam morrer no vale de Jorge Vieira.

A sombra era aprazível, o ar fresco, a água cristalina. Fatigados da correria, abrasados pela soalheira intensa, os portugueses descalgaram contentes. E um estrugido de vozes alegres ressoou sôb as copas espessas, atra-

vés das quais se coavam filetes de luz dourada.

Espavoridas pelo tumulto, as rãs pulavam para o rio, abrindo círculos na superfície espelhada e levando para longe o coaxar lamentoso. E as ramadas das árvores estremeciam ao de leve sôb os bandos alados, que erguiam o vôo, chilreando em desordem.

— Bem desmancha-prazeres fômos agora, exclamou James Dias, erguendo o semblante para uma nuvem de pardalada que se afastava a pipilar desesperadamente.

— Eh! que quereis? Coisas de guerra, James! redarguiu João Martins, anediando o pêlo negro e luzidío do seu alfaraz, que escorria de suor. Aos bichos da terra e do ar conquistámos êste pouso...

— *Increpuit volucrum densis exercitus alis!* declamou beatamente James Dias, sem desfitar o olhar embevecido da passarada que redemoinhava sôbre êles.

— *Et cum spiritu tuo!* regougou com zombeteira gravidade um esgalgado homem de armas, de bigodeira erriçada e carantonha cómica.

As gargalhadas redobraram.

— Décho do escolar, que anda a desperdiçar o seu latim por terras de mourama! acudiu outro cavaleiro.

— Antes escarrar aravia!

— Atirando um punhado de terra pelas goe-las dentro!

— Olhai o mourisco que se assanha!

— E se êle desata a vomitar a sua algaria, é como se abrisse uma capoeira de gansos em fúria de grasnidos.

De um lado e do outro surdiam as exclamações e os ditérios. Cruzavam-se os motejos, fervilhavam sarcasmos, esfusiavam chistes. Parte dos improvisados expedicionários apresentava as rêdes para a pesca, outros descalçavam-se para as alongar pelo riacho, outros enfim tiravam os jaezes aos cavalos para os refrescar com os mandís encharcados, quando ressoou sôbre a algazarra a voz estridente e juvenil de João Martins, imitando com a mão cerrada o clangor de uma trombeta e bradando em tom de arauto:

— Ouvide!

Mas foi necessário repetir com porfia a intimação para que um silêncio relativo se estabelecesse.

— Amigos, proseguiu êle, os nossos corpos afogueados requerem o frescôr da água. Ponhamo-los de mólho, como carne de enxerxa! Mais saborosos nos acharão as dônas de Arzila, já fartas e refartas de salé. Ao banho!

— Ao banho! gritaram todos com uma aclamação estrondosa.

Num relance todos despiam marlotas, peletes e gibões, todos se desembaraçavam de arneses, coxotes e braçais, enquanto as lanças, tanchadas no terreno, entre a relva crespa e alta, semelhavam reluzentes abrolhos de um espinheiro, colossal.

James Dias, descobrindo o arcaboço arruivado e vigoroso, evocava com entusiasmo as suas reminiscências clássicas:

— *Nuda superfusis tingamus corpora lymphis!*

— Agora que o temos desvestido, acudiu o esgalgado da bigodeira, apontando para o escolar, vêde-me em que refêgos do corpo cacha êle o seu latim.

— A água que lho derrêta! bradou outro, arrojando violentamente para o riacho o des prevenido James Dias.

Entre as risadas gerais, viu-se o malaventurado chafurdar em plena corrente, ensopando as bragas de que ainda não tivera tempo de despojar-se. Nus em pêlo, os outros mergulhavam voluptuosamente na agua diáfana. Na turba de torsos brancos destacava a pele baça do almocadêm. Em volta pulavam, cada vez mais espavoridas, as rãs, cujos corpos verdes e viscosos vinham bater a miúdo de

encontro à rija ossatura dos banhistas. Lampejavam com reflexos argênteos os peixes, atordoados pela balbúrdia. Armavam-se as rêdes no meio de um bulício infernal. E aquêlê bando de tritões em folgança cada vez despertava mais analogias mitológicas na mente erudita de James Dias. A fábula de Diana e de Acteon ocorria muito naturalmente à sua imaginação poética.

— Mas desta feita estamos nós no lugar das ninfas, bradou João Martins, enquanto procurava através da transparência da corrente um vulto dos ambicionados cágados.

— E será Diana que nos vlrá espreitar, retorquiu James Dias. E nós bradaremos: «*Nunc tibi me posito visam...*»

Ergueu-se nesta conjunção a voz rouquenha do zombador:

— Tréguas de latinidade, que isso até dana as águas do rio!

— Vamos daqui com uma camada de terças, acudiu outro.

— Ê pior que o mordexi da Índia.

— E afugenta os cágados, que não há pôrlhes mão em cima.

— Vêde êste! clamou João Martins, erguendo triunfalmente um belo exemplar da fauna ribeirinha, o qual, agarrado pelos lados da casca raiada de amarelo, estrebuchava vigorosamente

entre as mãos do captor. Vêde como esperneia! É que o feriu algum genitivo bicudo...

— Como o bigode do Mem Fogaça, anadiu outro, apontando para a cara burlesca do magrizona.

Sobre este caíram agora as vaias, que elle apartava de riso assestado, dando cambalhotas que espadanavam a agua para o rosto dos escarnicadores.

— Não o deixeis mergulhar, bradou James Dias, vingando-se dos passados motejos e concluindo por parafrasear uma citação de Luciano, aliás com essa bigodeira intonsa *Africam exhaurit aquis*.

— Que quer dizer isso em vulgar, ó escolar de uma figa?

— Que ficamos todos em sêco, se porfiais em ensopar o bigode.

E as gargalhadas retumbavam cada vez mais sonoras na serenidade bucólica do sítio. Nas rêdes que se puxavam para a margem palpitavam já, como pequenas lâminas vibráteis, os peixitos do rio: tencas, bordalos, enguias, cadozes, aos quais se misturava por vezes o mosqueado das trutas. A colheita de cágados adiantava-se a olhos vistos. Dentro de um capote invertido esperneava já mais de uma duzia dêsses reptís. Entre o feno verdejante, os cavalos, despojados de jaezes, retouçavam

à solta, erguendo a espaços a cabeça fina, como jubilosos e gratos pelo inesperado rega-bofe.

No meio da medonha matinada, uma só personagem mantinha o fleugma melancólico da sua raça, banhando-se com o mesmo metódico respeito que outrora vinculara às abluções da seita renegada: era o elche mourisco António Coutinho, o almocadêm da almogavaria.

De repente, elle interrompeu-se no lãvacro. E, como um galgo que fareja a caça, ergueu o rosto fusco e vivo, fazendo ao mesmo tempo um aceno enérgico, a reclamar silêncio. Mas foi mister, para que lhe obedecessem, bradar em voz forte e imperiosa:

— Calai-vos, por Deus!

No meio da calada, que se fez de improviso, ouviu-se o reboar longínquo de um canhão. Quando com os olhos apenas se interrogavam, para não quebrar o necessário silêncio, outro tiro se seguiu, amortecido pela distância, mas vindo distintamente das bandas de Arzila.

— Temos novidade, murmurou o mourisco, encaminhando-se apressadamente para terra.

— São os da vila que nos chamam, acrescentou João Martins.

— Ou nos dão sinal, sugeriu outro.

Todos, surpreendidos e ansiosos, seguiam

o almocadêm, quando Mem Fogaça, que ficara a meio do rio, teve uma exclamação de espanto:

— Olhai!

Apontava na direcção da montante. Todos se lhe aproximaram, ardendo em curiosidade, e só por extremos de prudência se abafou um grito geral de alvoroço.

Na curva sinuosa que fazia o rio, ao saír do vale de Jorge Vieira, alvejava nitidamente uma cavalgada oscilante de albornozes mouriscos, acima dos quais chispavam armas. Para o grupo dos banhistas se dirigiam silenciosos, mas resolutos, e os cavalos da vanguarda já imergiam na agua os curvilhões negros.

Um grito de:

— Santiago!

rompeu quasi unísono das bôcas dos portugueses. E sem se lembrarem da sua estranha situação, arrojaram-se em tumulto para o pouso das lanças, dispostos a fazer temerariamente face ao inimigo. Mas um novo brado inarticulado de António Coutinho os susteve. E aos que se tinham deixado ficar ainda no meio do rio deparou-se um novo espectáculo que, desta feita, lhes coou pela espinha um vago arrepio de terror.

A juzante do rio, descendo as lombas que iam morrer no porto de Halemoquique, à dis-

tância de um tiro de béstia, quando muito, uma horda de infiéis, encavalgados em vistosos alfarazes, ameaçava os despreocupados expedicionários. E, sentindo-se descobertas, de ambas as hostes sitiadas da mourama surdiu uma grita gutural e tremenda, que ecoou pelas profundezas da várzea, e no meio da qual apenas se distinguia a frase consagrada dos mussulmanos:

— *La illah ill'Allah!* (O único deus é Alá!)

É indiscreto a confusão que seguiu. Assoberbados por forças, pelo menos, vinte vezes superiores, ainda quando se encontrassem devidamente armados e equipados, aos portugueses não restaria senão o recurso extremo da fuga. Mas, nas circunstâncias presentes, o expediente impunha-se como única, e ainda assim bem precária, esperança de salvação.

Os mouros avançavam agora com tal rapidez, apenas demorados um pouco pelas dificuldades de vadear a exígua corrente, que nem havia tempo de retomar as vestimentas, disseminadas ao acaso sobre os relvões da margem.

Os almogavares cristãos apenas puderam empunhar as lanças, e saltaram à ventura, sem escolha e sem ordem, sobre os cavalos desajezados que relinchavam de surpresa,

segurando-os como guia única pelos cabrestilhos. E começavam a galopar sobre a alcatifa esmeraldina do campo, embebidos no silêncio solene do perigo iminente, quando ressoou a voz chocarreira de Mem Fogaça, que escarranchava no cavalo em osso as pernas nuas e esqueléticas:

— Eh! James! Olhai a vossa Diana!

E, entrecortada pelos primeiros galões do seu corcel, surdiu dos lábios do escolar a inevitável citação latina:

— *Rejiciunt... parmas, et equos... ad moenia... vertunt...*

III

Mulei Moamed, então rei de Fez, nascera em Arzila, e aí fôra aos sete anos cativo pelos portugueses, quando em 1471, sob as ordens de D. Afonso V, estes se apoderaram da vila. Residindo sete anos entre os seus vencedores, aprendera-lhes a linguagem e identificara-se com os seus costumes, de forma que merecera dos compatriotas o cognome de *o Português*. Quando os vaivéns da política o elevaram a um dos poderosos tronos que dividiam o império marroquino, fôra sempre ambição sua o reapossar-se da terra natal. Nêsse empenho repetira por diversas vezes os assaltos contra a fortaleza, eficazmente defendida sempre por um punhado de heróicos soldados.

Agora, em 1520, de volta de uma correria aos campos de Tanger, onde se contentara com arrebatrar aos portugueses algumas cabeças de gado vacuum, o velho soberano meri-

nita vinha dar uma vista de olhos à saudosa pátria, da qual ha quasi meio século vivia apartado. Talvez que o acaso lhe proporcionasse alguma luta propícia contra os detestados cristãos, os cães filhos de cães, cujos ávidos colmilhos se cravavam no torrão sagrado que lhe fôra berço.

Naquela mesma manhã havia chegado a Alfandequim, onde pousara. A sua hoste, embora relativamente avultada, não tinha contudo fôrça bastante para tentar um assalto em forma contra a fortaleza. Limitar-se-ia a correrias pelos arredores, esperando alguma algara eventual dos moradores despercebidos da sua chegada, e confiando em que a sua presença, uma vez sabida, os estimularia a uma sortida agressiva. Em qualquer dos casos, possível é que houvesse às mãos presas valiosas ou cativos de quantioso resgate.

Mas aquêlê dia era um domingo: e o rei, conhecedor dos hábitos devotos dos cristãos, contava firmemente que êles sob pretexto algum saíssem da vila. De atalaia, cautelosamente oculto, postara contudo no pontal, donde se descobria toda a praia, um seu almocadêm, de nome Hamelix, de sobra conhecido pelos portugueses, a quem votava figadal ódio.

Facilmente descortinou o almocadêm mouro

a luzida, mas exígua, cavalgada, que saía pela porta da Ribeira. Viu-a dirigir-se a trote largo para o tojal, e sumir-se depois, fazendo rosto para o Rio Dôce.

A breve trecho estava o rei prevenido da inopinada fortuna que se lhe proporcionava. Ordenou a Hamelix que se concentrasse com duzentos de cavalo no porto de Halemoquique, ao passo que outro troço igual de cavaleiros tomaria pelo vale de Jorge Vieira, sob o comando de um elche ou renegado, por nome Martinho. O esquadrão nazareno ficaria assim esmagado entre as duas alas mouriscas, se não preferisse render-se, em vista da desigualdade manifesta das forças. Por encobertas, adiantou-se com efeito Hamelix até ao Tojalinho; porém, não vendo os cristãos, resolveu seguir a direito para o Rio Dôce, e viu-se por isso forçado a tomar a campina rasa.

Entrementes, na fortaleza, apoiados ao parapeito da muralha, homens e damas haviam seguido com interêsse a expedição. Perdida que ela fôra de vista, depois de se embrenhar pelas moitas que assinalavam a visinhança do rio, por ali tinham permanecido todos, procurando a sombra dos bastiões, refrescando-se com a ténue aragem mareira. alongando os olhos pelo oceano, cuja super-

fície ondulante reverberava como uma chapa incomensurável de esmalte cerúleo.

Pelos campos fora, nem sinal de vida humana, a não ser ao longe, muito ao longe, a leste, uns fumosinhos apenas perceptíveis que se evolavam de algum aduar perdido além de um carvalhal verdejante.

Conversava-se alegremente sobre os mexericos da terra, faziam-se conjecturas sobre a improvável iminência de alguma gázua mourisca, comentavam-se as últimas notícias do reino, galhofava-se a propósito de tudo.

Isolada de todos os grupos, o vulto esbelto meio reclinado sobre uma bombarda grossa que estendia através da bombardeira a sua garganta colossal de bronze, Guiomar debruçava-se para fora da muralha, quasi sem desfitar os olhos do ponto por onde se sumira a expedição. Havendo deixado seu pai entregue aos cuidados da aia, para ali corrêra ansiosa, espreitando ávidamente todos os incidentes da correria a que ela própria dera motivo. Absorta neste único pensamento, dera de mão a requestas cavalleirescas dos officiais e a desveladas instâncias das damas, oferecendo-se para lhe servirem de companhia.

Abrigada do sol pelo batente da bombardeira, cansavam-se-lhe os olhos na contem-

plação persistente daquele largo trecho de planura ondulada, em que a luz viva mal se esbatia de onde em onde na espessura dos montes. E o marulho incessante do oceano, quebrando nas fragas da costa, prostrava-a num vago entorpecimento que a deliciava quasi, como olvido momentâneo de máguas.

De repente, teve um sobressalto inexplicável. Como através do véo diáfano de um sonho, via ao longe, sobre o tapete verde-negro do Tojal, salpicado de pontos amarelos, agitar-se uma turba de vultos brancos, que crescia, crescia constantemente, como se surdisse da terra. Um instante se quedou, incôscia da realidade, não percebendo nitidamente se era presa de uma alucinação. Mas num relance a verdade inteira e terrível se lhe impôs, sem sombra de dúvida. E erguendo-se num ímpeto, a pobre rapariga soltou um grito estridente de pavor.

Todos, alvorotados, acorreram à muralha. E num rápido volver de olhos, todos se inteiraram da situação. A ameaça era tremenda. Os almogavares portugueses, por certo prevenidos, iam ser vítimas da sua imprudência. Por ordem de D. João Coutinho, tratou-se de lhes fazer sinal, conforme se podia. Deu-se fogo à bombarda grossa, repicaram os sinos da vila, e, sobre o parapeito, ofi-

ciais e soldados uniram-se numa gritaria persistente e vigorosa de alarme.

Decorreram minutos de uma horrível ansiedade. O esquadrão de Hamelix aproximava-se a olhos vistos do Rio Dôce. E do outro lado, por entre o arvoredado que cobria o vale de Jorge Vieira, havia quem visse alvejar alborozos. Colhida entre as duas aguerridas azes, era fatal a perda dos portugueses... E pálida, inundada de suor gelado, Guiomar arquejava atrozmente, fincando a mão na velha alvenaria do parapeito, que se lhe esboroava sob os dedos convulsos.

Entretanto, o capitão da fortaleza saíra à porta da Ribeira, seguido de uma hoste que se armara e encavalgara de improviso. Mas quando alongaram os olhos pela extensa campina, apesar da iminência do perigo, uma gargalhada titânica, conjunto de centos de estrepitosas gargalhadas, encheu a amplidão sonora, repercutida pelos écos dos baluartes.

Do macisso de verdura por onde se havia sumido, surgia novamente a cavalgada. Mas que extravagante cavalgada agora! Sôbre o pêlo luzidio e fusco dos ginetes, escarranchavam-se os portugueses, nús como tinham vindo ao mundo. Curvados, no galope vertiginoso, sôbre o dorso dos nobres animais, erguendo as lanças que dardejavam scentelhas,

nunca porventura mais vivo simulacro de um bando mitológico de centauros se oferecera à contemplação humana.

Acossavam-nos de perto as duas hostes de mouros que se haviam unido. Um ou outro se voltava de quando em quando para repelir às lançadas os perseguidores, que se adiantavam por demais na caça. Desvanecidos já os primeiros sobressaltos de terrôr, tendo-se compenetrado da feição burlesca daquela fantástica correria, os alegres almogavares portugueses comentavam-na com motejos intermitentes, acolhidos com risadas. E essas risadas, secundavam-nas por vezes os mouros, replicando não raro às vaias que lhes vibravam, numa algaravia exótica, uma espécie de português diluído em árabe.

A confraternização extraordinária das duas raças adversas manifestava-se ali, como frequentemente no mais aceso das refregas, espectáculo estranho de lutas cavalheirescas entre dois povos, separados pela religião, mas unidos num vago sentimento de afinidade de origens, exemplo talvez único na história.

No couce da cavalgada cristã, um só cavaleiro se distinguia dos restantes pela exibição de um único artigo de indumentária guerreira. Era João Martins, sôbre cuja alourada grenha assentava um rutilante capacete. E,

exuberante de uma alegria doida, virava-se a miúdo no cavalo, para desfechar dichotes sôbre a mourama.

— Alegrai-vos, perros! bradava êle, cravando no ventre do animal uns acicates imaginários. Estais vendo o que nunca vistes a um nazareno.

— A caça é de bom proveito! acudiu Mem Fogaça, brandindo a lança. São os narizes que farejam as bocetas que lhes convêm!

O Hamelix, que vinha na vanguarda dos perseguidores, já mais familiarizado com a língua dos adversários, respondeu numa gerigonça apenas inteligível:

— Bem sei para que dais essa amostra! Quereis uns fundilhos de açoutes, nazarenos!

— Pois vinde trazê-los, que com uma bela salva vos acolheremos, clamou Mem Fogaça.

E estas facécias de um gôsto equivoco, recebidas por um côro de gargalhadas, foram gravemente comentadas pelo erudito James Dias:

— *Sonitumque ferunt ad littora venti.*

— Que quereis dizer com isso, ó escolar? perguntou um dos companheiros.

Mas Mem Fogaça adiantou-se na interpretação fantasista do texto:

— Que êles estão em risco de desarvorar, porque lhes saltou o vento à prôa.

A hilaridade foi verdadeiramente triunfal.

Sôbre o dorso dos cavalos, todos os valentes arcabouços nus se convulsionaram nos espasmos do riso. Mas um incidente terrível veio perturbar aquele júbilo temerário.

Sacudido pelas gargalhadas, às quais se abandonava com a imprevidência de um adolescente, João Martins largara um pouco de mão o cabrestilho. Como a cavalgada subisse neste momento uma ladeira bastante íngreme, o cavalo tropeçou de improviso numa pedra. Na forçada curveta, cuspiu do dorso o desprecavido cavaleiro, o qual caiu de lado, sem se magoar, com o cabrestilho numa das mãos e aguentando sempre com a outra o capacete.

Erguendo-se logo, quiz saltar de novo para o corcel, que, alvoroçado da corrida, galopava desatinadamente pela campina fora. Percebendo a inutilidade de o perseguir, e vendo já a pequena distância os muros de Arzila, João Martins dispunha-se a seguir a pé a cavalgada, quando aos ouvidos lhe ressoou uma grita descomposta de vitória.

Aproveitando-se da curta demora ocasionada pelo incidente, os três ou quatro mouros que vinham á frente da hoste arrojavam-se temerosamente sôbre êle e com as lanças em riste ameaçavam o corpo imbele do desafortunado cavaleiro.

IV

Ao passo que D. João Coutinho, com uma centena de portugueses, corria ao encontro da original cavalgada, dentro da fortaleza não cessara o riso, acrescido pelas peripécias derivadas da singularidade do espectáculo. Os oficiais que haviam ficado estorciam-se, ao ver os requebros de pudor com que as matronas se afastavam e a ânsia cautelosa com que impeliam para longe daquela vista abominável as donzelas curiosas e algo relutantes.

Redobravam ainda as gargalhadas, quando percebiam alguma que tentava iludir a vigilância das donas ou a maligna curiosidade dos homens, deitando olhares de soslaio ou espreitando por entre os dedos mal unidos sôbre o rosto.

Mas episódio mais cómico era o que se dava junto ao parapeito, tendo por motivo a gentil filha de Diogo Pires. Surda a todos as advertências, insensível aos argumentos do revoltado pudor feminino, Guiomar quedara-

se na mesma posição, sem largar com os olhos a cavalgada, a não ser quando os acidentes do terreno lha furtavam à vista. E postada junto dela, tendo ocorrido às primeiras novas do perigo em que se achava a expedição, a velha aia esgotava baldadamente todos os recursos da sua lógica para a convencer a retirar-se. Com as mãos engelhadas e trêmulas estendidas aos lados da face, à maneira de antolhos, a velha vociferava escandalisadíssima:

— Que vergonha, menina! Se vosso pai soubesse! Uma birra assim! Fugi dessas vistas de Barzabu!

E aferrava nos dedos aduncos o braço pendente de Guiomar.

— Deixai-me em paz, Brásia! murmurou a rapariga, soltando-se-lhe vigorosamente das garras.

— Valha-me Nossa Senhora das Candeias! prosseguiu Brásia, esquecendo-se por um instante de tapar os olhos para pôr devotamente as mãos. Que entirrada! Tende sequer ao menos recato por mim, que sou donzela como vós!

Tão hilariante se afigurou a declaração a alguns oficiais que estavam ao alcance da oitiva, que a saudou um côro estrepitoso e irreverente de gargalhadas. Preparava-se a

velha, tomando uma atitude de desafio, aprendida com as regateiras de Lisboa, para dar o devido correctivo aos insolentes, quando Guiomar, nos extremos da angústia, chamou a atenção geral para o desastroso incidente que ocorria lá fóra.

A distância, a que vinha a cavalgada, já permitia distinguir claramente os pormenores do caso. Viu-se João Martins, em pé e desarmado, fazendo frente a três cavaleiros infiéis, que enristavam contra êle as lanças refulgentes. Viu-se o valoroso rapaz, desenvolvendo uma agilidade prodigiosa, furtar o corpo aos golpes, baixando-se, erguendo-se, ladeando, chegando a passar incólume sob o ventre de um dos alfarazes do inimigo. Percebia-se vagamente, nos movimentos circunspectos dos mouros, o desejo de o haver às mãos sem o matar. Nêsse intento, um dos mussulmanos, o fero Hamelix, curvando-se sôbre o cavalo, já lhe prendia vigorosamente um braço, quando um bote medonho e imprevisto derribou o captor. Era o almocadêm dos portugueses, António Coutinho, que ensopara a lança no pescoço do mouro.

Esta intervenção quasi fulminante mudou as condições da pequena refrega. Os dois mouros que restavam foram forçados a desunir-se, agredidos a um tempo por António Coutinho

e João Martins, que num relance de olhos se apoderara da lança caída das mãos do ferido. Os agressores desviaram-se; mas o corpo da hoste inimiga arrojava-se violentamente, com gritos guturais e tremendos, sobre os dois almogavares cristãos.

O almocadêm não hesitou. Veloz como um raio, ergueu para si o adolescente e tomou-o nas ancas do cavalo. Depois desatou a galopar em seguimento dos seus, sentindo atrás de si a estropiada dos corceis inimigos, cujo anélito ofegante quasi lhe aquecia as costas.

Uma aclamação estrondosa dos portugueses, sobre a muralha e pelo campo, saudou a extraordinária façanha.

O troço dos moradores, saídos da praça como auxiliares da expedição, já se aproximava desta. A breve trecho, os mouros, desalentados do acometimento, amedrontados com a artelaria da fortaleza que começava a rugir temerosamente, decidiram-se a pôr termo à caça. Retrocederam entre as apupadas que lhes desfechavam de longe os cristãos, para se irem com a fraca preza de vestuário e de armas que elles lhes haviam deixado no Rio Dôce.

D. João Coutinho, abraçando cheio de alegria os expedicionários, contente de os vêr escapar a tamanho perigo, tratou de angariar

entre os presentes algum fato com que pudesse cobrir-lhes a nudez, afim de não escandalizarem as damas por ocasião da sua entrada na vila. Êle proprio, para agradecer ao almocadêm a proeza, presenteou-o com o seu vistoso capelhar de grã, ao passo que prometia a João Martins um bom cavalo em troca do que havia perdido. E foi no meio de entusiásticos vivas que todos transpuseram de novo, em som de triunfo, a velha porta da Ribeira.

Na esplanada, Guiomar deixara-se cair de novo, abatida por tantas comoções, sobre o reparo da bombarda ainda fumegante. Viu chegarem, abrasados em calma, extenuados pela correria, burlescamente envoltos em marlotas, em capeirões, em aljaravias, descalços, erguendo os braços nus em gestos de júbilo, os expedicionários da pesca. Mas, quando viu adiantar-se para ela o juvenil João Martins, embrulhado até aos pés num lençol à feição de albornoz, conservando na cabeça alourada o capacete rutilante, uma onda de rubor lhe subiu às faces pálidas, e um leve sorriso se lhe desenhou nos lábios.

— Que tremendo risco haveis corrido... por minha causa! murmurou ela em voz trémula de ternura.

João Martins não respondeu. Com ares de triunfo, tirou cautelosamente da cabeça, bai-

xando-a como numa profunda vénia, o seu capacete rutilante, e entornou-o sôbre o regaço de Guiomar, onde caíu uma chuva de pequenos cágados.

— Aí tendes, se quer ao menos, a merenda de hoje para vosso pai! exclamou êle, encolhendo os ombros, como a desculpar-se da exiguidade da oferta.

Guiomar ergueu para êle os olhos humidos, com uma expressão de reconhecimento inefável.

A pouca distância dêles, James Dias aconchegava ao corpo um capeirão de lã parda, que lhe escorregava dos ombros. Contemplou o grupo dos dois e murmurou filosoficamente:

— *Dura pati discit plurima, quisquis amat.*

JUSTIÇA DO VISO-REI

I

«Misericórdia! Misericórdia!»

A grita estrugidora rompe de centenas de bôcas, escancaradas de pavor. Uma confusão pânica se espalha por toda a náu. Distinguem-se a custo, no meio da algazarra, apitos desesperados de manobra e vozes ríspidas de comando, partindo do chapitêu. O pano embate rudemente de encontro aos mastros, com um estrondo cavo e profundo de trons de fogo. E à claridade hesitante da madrugada, na alcáçova de prôa, pela borda do bailêu, por sôbre a mareagem, pelas escadas, por toda a parte, se lobrigam braços alçados e convulsos, erguendo preces ao firmamento.

«Misericórdia! Misericórdia!»

Um brusco estremeção sacode de novo a náu. Rangem cavernas, geme o aparelho, e um vagalhão tremendo galga a tolda, cobrindo-a por momentos de um docel de espuma.

— Encalhâmos!

— Um arrecife!

— Perdidos !

São êstes os brados que a intervalos dominam a celeuma.

— Qual arrecife ! clama para um homem de armas um mareante barbudo e tostado. Não há dessa pecha por estas paragens, eu vo-lo juro como prático que sou delas, desde os tempos do primeiro Viso-rei.

— Mas então, por S. Frei Pero Gonçalves ! que décho de sobressaltos são êstes, que parece que a náu estrebucha em ânsias de nos vomitar a todos ?

— Nosso Senhor o sabe ! responde o mareante encolhendo os ombros e saltando á enxarcia grande. Irra ! com mil démos ! acrescenta êle, quási a pique de cair da borda com um abalo mais violento ainda que os precedentes.

E a grita redobra, lamentosa e lúgubre, no meio da amplidão sombria, mosqueada de vagos reflexos. E a espaços, os ecos sonoros trazem, amortecida, a algazarra que irrompe do bôjo das outras naus, cujos vultos negros se destacam, à distância de algumas amarras, sôbre o fundo alvacento do céu. Uma bombardada distante, depois outra, e mais outra ainda chamam para elas a atenção da capitania.

Não se circunscreve, pois, a esta o desastre. A catástrofe ameaça a armada inteira.

De facto, vêem-se ao longe os vultos negros empinarem-se, estremecerem, convulsionarem-se, como corcéis fogosos à beira de um abismo. Aquela luzida armada, que, empobrecida já de duas náus e uma caravela, conta ainda umas doze velas, orgulhosas e arrogantes, sumir-se-há ali ingloriamente, perto da costa da Índia, ponto ambicionado de chegada ? Tragarão as ondas sôfregas aquela brilhante e soberba capitania, *Santa Catarina do Monte Sinai*, construída em Cochim, baptisada pelo grande Albuquerque, uma das primeiras naus que cursaram o Sino Arábico, honrada depois com o transporte da Infanta D. Beatriz a Sabóia ? O destino implacável reservará ao Conde-almirante morte idêntica à do seu grande émulo Bartolomeu Dias, desaparecendo ambos nas entranhas dos mares que antes de outro europeu haviam audaciosamente sulcado ? Tudo faz prevêr a catástrofe. E' misteriosa, por certo, a natureza do perigo, mas todos reconhecem a iminência dêle. E cada vez se acentua mais o alvoroço desordenado do pavor.

Bombardeiros correm desordenados às peças, arrancando urros atroadores das bôcas de ferro e de bronze. Mareantes tratam de amainar as vélas, que nem um sôpro de vento grávida. Outros, sem entenderem para quê,

afanam-se a lançar ao mar batel e esquife, que embatem pesadamente sôbre as ondas, já prateadas pela claridade difusa da aurora. Agarram-se outros a barris e a tábuas, recursos bem falíveis de salvação através dos páramos imensos do Oceano; ao passo que alguns acodem à bomba, que começa a trabalhar com estridor gemebundo. Cachos humanos pendem das mesas da enxarcia, resvalam pelo costado, salpicam-se nos cachões da espuma alvinitente. Escorbúticos acorrem da coberta, loucos de terror, abrindo em clamores pavorosos a bôca negra, contornada por uma orla sangrenta. Porque os repelões, mais ou menos violentos, continuam a sacudir a náu, como se a sua quilha rojasse pelo espinhaço ouriçado de um banco de coral; e os escarcéus erguem-se ameaçadores, embatem-se uns nos outros como gigantes em luta, pou-sam de relance nos lais das vergas um beijo monstruoso, e recaem com lúgubre fragor de encontro aos pródigos enormes do costado.

De improviso, grita apavorada, rugir das ondas, panejar de vélas, apitos de manobra, troar de artelharia, tudo é dominado por uma voz retumbante e soberana que ordena silêncio. Todos os rostos se voltam para o chapitêu. Sobre o já rubescente cariz, contorna-se

a figura altiva do Viso-rei, cuja barba branca realça sobre o negro da vestidura. Com a mão esquerda apoiada ao prepáu, estende a dextra para a marinhagem, numa atitude de comando e ao mesmo tempo de pacificação. E como por encanto, um calor de esperança cõa-se por todos aqueles corpos, gélidos de terror. O silêncio súbito deixa chegar à náu, mais acentuado, o éco das bombardadas longínquas, espaçadas e soturnas como vozes de agonia. Todos os olhos se fitam naquele velho impávido, que soube unir, num esforço de Atlante, os dois troços do Velho Mundo, quási desconhecidos um para o outro. Ao lado dele curva-se respeitosamente, parecendo falar em voz baixa, o mestre físico da náu, homem entendido em cousas de astrologia, que desvendou porventura a natureza do estranho fenómeno. E todos, mal se agüentando nos sacões convulsivos do balanço, entreabrem vagamente os lábios como para sorver as palavras de esperança por que anseiam.

— Sossegai! repete o almirante com autoridade.

E depois, com a bôca cheia de riso, abrandando a espereza máscula da voz, prossegue:

— Não hajais medo: alegrai-vos antes, portugueses! E' o mar que treme debaixo de nós!

II

E um tremor de terra, com efeito. Asseverou-o ao Conde da Vidigueira o mestre físico, que é autoridade no assunto. E como para desvanecer ainda mais os restos do pavor, o primeiro raio de um sol risonho em breve se estiraça languidamente pela nau fóra. E ao passo que os balanços bruscos e extraordinários vão esmorecendo num galear brando e composto, a confusão degenera também na celeuma ordenada da manobra. Retinem com segurança os apitos, entumescem na amplidão sonora as vozes rápidas de comando, cassam-se de novo as velas que um bafejo ameaça já prenhar, acentuam-se no pano retesado as triunfantes cruces de Cristo, e sobre a alcáçova de prôa um oficial empunha o porta-voz para comunicar à nau mais próxima a origem do fenómeno.

Amanhece o dia 7 de setembro de 1524, uma quarta-feira, véspera da Natividade da Virgem. Sarpando de Moçambique por mea-

dos de agosto, a armada espera a cada instante avistar a costa da Índia, onde pela terceira vez vai assentar o pé dominador, agora com todas as honras de Viso-rei, o grande almirante D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira. Um estado quasi régio o cerca, nessa grande e sobranceira nau de oitocentos tonéis, forte e formosa, veleira e segura no mar. E um perfume de sumptuosidade soberana parece ter ali deixado a passagem da Infanta Duqueza, que três anos antes se aposentara na câmara magnífica.

Para essa câmara se dirige vagarosamente o Conde-Almirante, depois de transmitir as suas ordens ao piloto. Seguem-no o seu veador vestido à côrte, e o pagem, sobre cujo vistoso gibão reluz o colar de ouro. Inclina-se à entrada da porta, desviando o reposteiro de brocado, o porteiro de maça de prata. E apenas o vulto do velho almirante aponta aos umbrais, erguem-se de golpe os dois escudeiros que na antecâmara aguardam.

Entrou.

Ao clarão bruxuleante de uma lâmpada de prata suspensa, mal temperado ainda pelos alvares do sol nado, as personagens cavalheirescas das ricas tapeçarias de Flandres parece curvarem-se no balanço da nau, como a saudarem o Viso-rei. Sobre o bufete, brin-

cam reflexos na baixela de prata esculpida; e as figuras simbólicas da entalhadura dou-rada aparentam visagens grutescas, à medida que sobre elas resvalam as sombras.

— Senhor, murmura um dos escudeiros, adiantando-se e baixando a cabeça, alguém vos aguarda...

De um canto escuro da antecâmara, para onde o escudeiro aponta vagamente, move-se um vulto negro, sobre o qual alveja uma face macilenta, como embutido de marfim numa figura de ébano.

— Eu sou, senhor Conde-almirante, acode a voz untuosa que sai daquele negrume.

— Ah! sois vós, Fr. António! exclama D. Vasco com benignidade. Caso de monta é para tão matinal visita.

— Assim é, senhor, se a Vossa Senhoria apraz escutar-me...

— Entrai na minha câmara e falaremos de vagar.

E o almirante, antecipando-se ao movimento do escudeiro, afastou o cortinado de veludo carmesim, sobre o qual estavam brosladas as suas armas, e penetrou na câmara, seguido pelo dominico.

Uma onda súbita de luz faz pestanejar os olhos do frade, afeitos à claridade dúbia da antecâmara. O fulgor da manhã jorra livre-

mente pelas vîgias, coando-se por vezes em reflexos glaucos através da crista empenachada das vagas. Um raio do oriente vem de ora em onde espreguiçar-se no brocado de pêlo das almofadas da cama, lambendo as franjas de ouro do sobrecéu. Bandada galantemente de ouro é também a colcha, em pré-gas descuidosas descaída à beira do leito. A alcatifa de terciopelo abafa o ruído dos passos. E a tonalidade alaranjada das tapeçarias, combinada com o vermelho dos estofos, parece derramar pelo aposento uma vaga tepidez de estufa.

Esmorece a meio da quadra a chama de uma lâmpada veneziana de esmalte, presa por grillhões de ouro aos vãos marchetados que atravessam o teto. Mas ainda espalha um vago círculo de luz sobre o damasco carmesim, que cobre a mesa de pau santo, a ela sotoposta.

Numa magnífica cadeira de espaldar se assenta o almirante, apontando um escabelo ao frade. Este, porém, permanece de pé, e com voz lenta e sonora principia:

— Senhor Conde, a mim se me afigura que este tremor que sacudiu as naus não é tão natural como parece ao mestre físico.

O dominico detêm-se, hesitando, como à espera de qualquer observação. Vasco da

Gama, porém, contenta-se em arquear os lábios num gesto de surpresa e faz-lhe sinal para que prossiga.

— Por aviso do céu o tenho antes, diz o frade, abanando a cabeça com ênfase afirmativa; aviso paternal que vos incita à clemência, senhor Almirante...

— Caio agora no propósito a que vindes! atalha o Conde, carregando ao de leve o sobreceño. A atordoar-me mais uma vez os ouvidos em prol dessas cadelas torpes...

— Ah! senhor! permiti que vos interrompa! Dessas mesquinhas, dizei antes, que arrasadas...

O almirante teve um gesto de arrebatamento, e prorompeu:

— Pelo impudor e pela cobiça, ousaram zombar dos mandamentos de Sua Alteza... e dos meus! Assaz públicos foram êles! Não vos alembrais, meu padre? Em Belém, estando de partida a armada, os mandei eu apregoar de sobra em terra e nas náus! Nos pés dos mastros mandei afixar os assinados... Bem o sabeis! Quiz atalhar brigas, e uniões, e escândalos, que a presença das mulheres sempre traz a bordo... Tinha cargo de almas, como almirante e capitão-mór da armada da Índia por Sua Alteza o Rei de Portugal, e quis livrá-las de tentações ruins, arrancá-las

ao demónio da luxúria... E sois vós, padre, que de injusto me acoimais...

— Tal não penseis, senhor! exclamou vivamente o frade, atalhando a torrente de palavras que, já tingidas pelos primeiros assômos de cólera, jorravam dos lábios do Viso-rei. Tal não penseis! E perdoai que vo-lo diga já. Por injusto não vos tenho; por demasiado rigoroso... talvez! Deixai-me dizer o que tenho sôbre o coração, eu vo-lo rogo! prosseguiu êle, vendo que o velho almirante se aprestava a interrompê-lo. Deus Nosso Senhor tempera a justiça pela clemência. Já se houvera de todo extinguido a raça humana; se a sua mão justiceira, tantas vezes não a detivesse o supremo perdão e misericórdia! Era justo o vosso mandado; justa é agora a vossa ira. Não sou eu quem vo-lo nega...

— Pois então...

— Considerai, porém, senhor! Aquelas mesquinhas criaturas, foi o muito amor que as arrastou a extremos de desobediência. Nada mais queriam senão seguir a longes terras os homens a quem amavam...

— Vilãos! pudesse eu saber quais êles eram!

— Vêde! não conseguistes arrancar-lhes essa confissão, porque foi mais forte nelas o amor do que o temor da vossa cólera. Repa-

rai, pois, que apenas sois injusto em as acusar de impudor e de cobiça... E se não... vêde ainda! Longos meses estiveram a bordo, num recanto escuro do porão, sem ar, sem luz, alimentadas nem sei bem como, e nem brigas, nem escândalos elas vos forçaram a atalhar... Se não fosse aquele acaso fatal em Moçambique...

— Fatal, lhe chamais vós! Bem ditoso que foi! Sem êle zombar-se-ia impunemente das minhas ordens... Das minhas ordens, ouvistes? bradou o Almirante, descarregando na mesa tamanha punhada que a nau pareceu estremecer toda. Quem ouse opôr-se a elas, a forte punição se expõe! Por minha fé, que estas hão-de tê-la! Açoutadas as quero no pelourinho de Gôa, para escarmento da revolta! Assim possa eu colher às mãos os rascões que do reino as trouxeram! Carregados de ferros os recambiara para contarem a El-Rei como o seu Viso-rei sabe fazer inteira justiça! Basta, padre! Rebeldes e maus nunca em mim acharão senão castigo e crueza! Eis o que vos digo uma vez por todas, Fr. António, e não volvais a falar-me em tal. Se não, por Deus que me escuta... Ide, ide!

E erguendo-se com arrebatamento, trémulo de cólera, afogueado o rosto, apertando convulsamente na mão esquerda as longas barbas

brancas, apontava com a direita para a porta da câmara, por onde se sumiu, recuando quasi apavorado, o magro dominicano.

Ao chegar à tolda, teve um gesto de desespero, mal cabido na serenidade augusta do espectáculo. A faina terminara, todos volviam à vida normal de bordo, e apenas alguns ociosos alongavam por cima da mareagem o olhar sôfrego, à espreita das sombras da arrumação, as ventas ávidas de aspirar o perfume da Índia. As velas enfunavam-se majestosamente, cheias de uma aragem tépida. E acima do horizonte oriental, erguia-se triunfantemente o disco flamejante do sol.

Junto ao cabrestante, um marinheiro alentado, de semblante enérgico e picado de beixigas, barba rala e anegrada, parecia interrogar tácitamente o frade com o olhar ansioso. A um gesto imperceptível do dominico, o mareante seguiu-o pela escada que conduzia à coberta, naquêlo momento absolutamente solitária. Ambos se aproximaram da estrinca e falaram em voz baixa.

— Baldados esforços, Gil Galo! disse o monge. Não há arrancar-lhe o perdão das mesquinhas.

— Pois de tal me pesa, senhor Frei António! A pobre da Cecília ficará sem marido, coitada!... Pelo menos não o serei eu...

— Recusas-te pois a apagar com o hálito de Deus o labéu de desonra que tu mesmo lhe lançaste?

— E vós, meu padre, julgais que possa um marinheiro honrado do senhor Rei de Portugal desposar uma mulher açoutada na praça pública, entre as vaías do povolêu?

— Mas se foi por tua culpa...

— Muito embora o fôsse!... Nunca a tal me resolverei, nunca, nunca! afirmou Gil Galo, levantando a voz possante.

Mas viu na escotilha surgir a figura quasi imberbe de um grumete, alourado e pálido, e continuou em segredo, atalhando as observações que o monge se aprestava a dirigir-lhe:

— Nunca, por minha vida! E vou-me, que anda ali aquela ceresma do Bastião Tamanino a espreitar-me há que tempos, que não sei o que me tem que não lhe estortegue os gorgomilos, ao alma do diabo!

E afastou-se para a prôa, sumindo-se na meia obscuridade da coberta, ao passo que o frade, encolhendo os ombros com tristeza, se encaminhava para a escada.

Mas o grumete descera alguns degraus ao encontro dêle; e, curvando-se para baixo, murmurou a medo:

— Senhor Frei António!

— Que queres, rapazote? perguntou o monge surpreso.

— Rogo-vos que me ouçais... quâsi em confissão... sem que ninguém saiba... logo à noite...

As frases entrecortadas tinham um tom de deprecação ansiosa, que excitou a curiosidade e a comoção de Fr. António.

— Bem! À noite te aguardo, no meu camarim, replicou êle. Que nova é?...

Mas o Bastião desaparecera num relance. E quando o frade pôs pé na tolda, viu-o ao pé do mastro grande, colhendo um cabo em aduchas, e recomendando-lhe silêncio num gesto vago de súplica...

III

O Viso-rei está sentado diante de um bufete carregado de papéis, numa das salas do palácio de Goa. À sua esquerda rasga-se uma ampla janela, pela qual, voltando os olhos, pôde enfiar toda a extensa rua Direita, que desemboca no vasto terreiro do Paço. E um borborinho confuso se ergue dali, áquela hora matinal, em que toda a rua, desde êsse extremo do terreiro até lá acima, ao edificio da Misericórdia, se transforma num enorme mercado, ao mesmo tempo que as inúmeras e vistosas lojas, de joalheiros, de ourives, de lapidários, de tapeceiros, de mercadores de sedas e de porcelanas, regorgitam de clientela europeia e gentia.

Junto do bufete, outra personagem está sentada: homem de meia idade, ar grave e reservado, barba grisalha, olhar penetrante. Entre as mãos revolve um papel, com ar embaraçado, lançando o olhar vago para a janela que lhe fica fronteira.

— Que mais temos, Vicente Pegado? Que papel é êsse? pergunta D. Vasco da Gama, acabando de assinar o despacho noutro documento que põe de parte.

O secretário hesita visivelmente durante um momento, e depois responde com decisão:

— Êste é, senhor Viso-rei, o requerimento que a Vossa Senhoria dirigem os homens bons da cidade, no qual vos oferecem tres mil pardaus para a rendição dos cativos, em troca...

— Em troca do perdão dessas mulheres que desobedeceram a meus mandados, já sei!

— Dizem êles, prossegue Vicente Pegado, com leve entoação de timidez, que fôra vergonha, logo no comêço do vosso governo, dar-se a esta cidade o espectáculo...

— O espectáculo da minha justiça inteira e inquebrantável! atalhou o Viso-rei, erguendo-se vivamente, e começando a passear agitado pela sala. Não ma tolheram êles, quando, a seu pedido, eu mandei apregoar pela cidade a vergonha do seu capitão Francisco Pereira! Quando ordenei que livremente demandassem os pagamentos aquêles a quem êle devia dinheiro ou fazenda! Quando o forcei a satisfazer todos os encargos, a repôr aquilo de que esbulhára tantos... E veem agora pedir-me o perdão da desobediência e da revolta!

Não foi para isso que eu cá vim, devem sabê-lo todos! Ha vinte-e-seis anos que eu descobri a India, com muito trabalho e grandes fadigas, não para ninho de malefícios e de pecados... A atalhá-los venho, e sem quebra cumprirei a missão que me deu Sua Alteza... Que horas são, Vicente Pegado? concluiu ele, estacando abruptamente diante do secretário, que se erguera respeitoso.

— Devem estar a soar as nove.

O Viso-rei aproximou-se da janela.

— Não vejo movimento algum na prisão do Tronco! exclamou êle, olhando para o cárcere que ficava fronteiro, à quina da rua Direita. E são quási as horas marcadas para levarem essas rebeldes ao pelourinho da cidade, para as açoutar públicamente... Ide, Vicente Pegado, e ordenai da minha parte... Esperai!

Esta última exclamação fôra suscitada por um facto singular. Calara-se como por encanto o sussurro do mercado. Vendedores e clientes interrompiam as transacções e olhavam pasmados para o cimo da rua, donde, do lado da Misericórdia, já chegava aos ouvidos do Viso-rei um psalmodiar lento e monótono.

— Que quer dizer isto? murmurou D. Vasco da Gama, abrindo violentamente a janela.

Deu alguns passos na varanda, e parou, com

a mão esquerda abrigando os olhos da luz viva e ardente do sol.

Pronunciava-se mais distinto o inesperado canto. Era sem dúvida a melopeia plangente e lúgubre de um cantochão fradesco. Em baixo, os soldados da guarda do Paço, com os seus uniformes azúis, aglomeravam-se em mó, a meio do Terreiro, enfiando os olhares curiosos pela rua acima; ao passo que os oficiais e fidalgos, aproveitando a sombra da larga alpendrada, trocavam entre si observações e conjecturas.

De repente, a meio da extensa rua, na volta de um bazar, a cuja porta brilhavam estofos de côres rutilantes, surgiu como uma serpente escura de aneis humanos; e sôbre a cabeça dela radiava vigorosamente uma cruz dourada, espargindo reflexos ofuscantes. Eram os frades de S. Francisco e os da Misericórdia, seguindo processionalmente rua abaixo, abrindo caminho por entre o povo, que se ordenava em alas e ajoelhava devotamente à passagem do crucifixo.

Quando o Viso-rei se voltava para dar qualquer ordem a Vicente Pegado, um dos oficiais, que estava sob a alpendrada, perguntou em voz alta a outro que vinha da quina da rua, onde fôra cevar a curiosidade:

— Eh! Rui Gonçalves! Que vem a ser isto?

— São os frades que veem de cruz alçada pedir as mulheres ao senhor Viso-rei. . .

Um rugido temeroso o fez volver a cabeça. Debruçado no parapeito rendilhado da sumptuosa varanda, via-se o busto negro do Viso-rei, com a face vermelha de cólera; e barbas e cabelos, que o sol dourava, faziam vagamente lembrar uma juba leonina.

— Ide sem detença, Rui Gonçalves, clamou êle em voz enrouquecida pelos espasmos da ira. Levai soldados convosco. . . e por vontade ou à força, desmanchai essa procissão de revolta. Dizei a êsses frades que logo tornem o crucifixo ao altar, de onde não devia ter saído. . . e que depois, só depois, os ouvirei. . . Entendestes?

— Vou cumprir, respondeu Rui Gonçalves, laconicamente.

E D. Vasco da Gama, seguindo com o olhar ardente todos os seus movimentos, viu-o aproximar-se do grupo de soldados, que permanecia a meio do terreiro. Um pequeno número dêles se destacou, acompanhando-o pela rua Direita acima. Alguns murmúrios, que haviam começado a levantar-se entre o povo, cessaram de todo. Um silêncio de ansiedade se estabeleceu, deixando ouvir nitidamente a cantilena religiosa, a espaços cortada pelo tinir casual das armas. Já se

acercava da quina meridional do Tronco a escura procissão, quando lhe tomou o passo a improvisada esquadra. O superior, que erguia a cruz nas mãos trémulas, deteve-se; e após uma ondulação hesitante, o cortejo aglomerou-se em volta dêle.

Calou-se a arrastada melopeia. Percebia-se que entre o superior e o oficial se trocavam algumas frases, cujo sentido era bem de presumir. Mas em demasia prolongado se afigurava decerto o colóquio ao Viso-rei, porque os seus pés batiam com frenesi na laje da varanda e os dedos das mãos pareciam cravar-se convulsivamente no corrimão laqueado.

Por fim, a procissão retrocedeu, mais rápida e silenciosa do que viera. Em breve, acima das cabeças da multidão que enchera de novo a rua, não se via mais do que a mancha fusca dos capuzes de burel, sobre os quais relampejava, ao ritmo dos passos, o crucifixo dourado.

—Hei-de ensinar-lhes a obediência, regougou o Viso-rei, voltando-se para o interior da sala.

No mesmo momento quasi, entrava também nela Rui Gonçalves.

—Senhor, exclamou êle ainda ofegante, o superior dos franciscanos e o da Misericórdia

breve deverão aqui vir, rogando que os atendaís sem delonga.

—Bem!

Nada mais disse D. Vasco, fazendo um leve aceno ao oficial para que se retirasse.

Na vasta quadra, garrida com os ornatos multicolores de laca e com o brilho sumptuoso dos estofos, ficaram outra vez sós o grande Almirante e o seu secretário. Êste, de pé junto ao bufete, espraiaando vagamente a vista para fora da janela, nem de leve ousava quebrar o temeroso silêncio. E apenas, sobre o sussurro indefinido que vinha do exterior, ressoavam os passos largos e abafados, com que o Viso-rei media o aposento, tentando dominar os turbilhões efervescentes da cólera.

Finalmente, um pagem anunciou os dois frades. A um gesto de D. Vasco, entraram à sala, com ademanos de humildade e a palidez estampada no rosto. E antes que houvessem erguido a cabeça, curvada numa respeitosa vénia, o Viso-rei bradou em voz vibrante, encarando-os com sobranceira severidade:

—Ousados sois, meus reverendos, em saír à rua de crucifixo alçado, para falardes ao vosso Viso-rei! Que modo de união é essa? Amotinar êsse povo, querendo mostrar-lhe que eu sou cruel e sem piedade! Por Deus que...

— Senhor... balbuciou o franciscano, no intento de abrandar-lhe a cólera.

— Não me atalheis! prosseguiu o Almirante com soberba. A muito vos atrevestes! Que outra tal vos não suceda, meus padres!... E escusais de falar! De sobra sei a que vínheis! A pedir-me por essas mulheres... Por elas intercedeu o Bispo D. Martinho, enfermo como está; por elas me rogaram... quâsi com peitas... os homens bons da cidade; e agora vós... Á fé que desvelados protectores alcançaram essas míseras que houveram em desprezo a minha justiça. Parece que na Índia se acostumaram todos a ter em pouco a autoridade. Pois a minha saberei eu mantê-la com firmeza, entendestes? Aqui vo-lo juro, meus padres, que nem a estas, nem a ninguém que ouse escarnecer de meus mandados, eu amolecerei com perdão a dureza da justiça. Ficai-o vós sabendo, vós que logo em comêço de meu govêrno tentastes união contra mim, ficai sabendo que nem em todo Balagate me escaparão criminosos, que por todos os meios hei de havê-los às mãos, para lhes confiscar as fazendas, para os arrastar à prisão... e à morte!

Os dois monges sentiam a oprimir-lhes o espírito todo o peso daquela fúria tremenda. Defronte dêles erguia-se, na íntegra majestade

do seu prestígio, o homem fadado por Deus para unir o Ocidente ao Oriente, resolvido agora a completar por esforços de despotismo a sua obra gigantesca de absorção. Aproveitando a pausa a que o forçara a fadiga senil, não subjugada de todo pelo vigor másculo do espírito, um dos frades atreveu-se a erguer a voz titubeante e mansa:

— Senhor Viso-rei, a justiça de Vossa Senhoria veneramos, mas, humildes servos de Deus, ousamos vir em nome da misericórdia divina...

Com gesto soberano, prestando ouvidos a um rumor que se escutava fóra, D. Vasco da Gama impôs silêncio. E pela janela escancarada irromperam estas palavras pausadas, proferidas com descolorida entoação:

— Justiça de El-Rei Nosso Senhor!

Bruscamente, o Viso-Rei travou do braço de um dos frades, e arrastou-o de repelão até a janela, fazendo sinal ao companheiro para que o seguisse.

— Justiça de El-Rei Nosso Senhor! clamava a voz arrastada do meirinho. Manda açoutar estas mulheres, porque não tiveram temor de sua justiça, passando à Índia contra sua defesa!

Após o meirinho, que erguia a sua vara com ar solene, seguia-se um grupo de oficiais de

justiça, trajando de negro. O corpo do prês-tito era formado pelas três infelizes, cruzando atrás das costas as mãos algemadas. Descafalhes de vergonha a cabeça sôbre o peito. Através dos andrajos, viam-se lhes trechos de epiderme branca e macia. E entre os cabelos desgrenhados, que jorravam sôbre os ombros e sôbre o rosto, luziam palhetas douradas dos grabatos do cárcere. Cercava-as um troço de soldados, que lhes lançavam olhares de esguelha, onde luzia a facécia obscena dos comentários que em voz baixa trocavam.

— Olhai! exclamou o Viso-rei para os dois frades. Cabe-me neste mundo o punir com inteira justiça. Nosso Senhor terá no outro misericórdia com quem lha merecer.

O cortejo sinistro adiantara-se pelo terreiro, a fim de o circundar, antes de enfiar pela rua Direita. Defronte do palácio, uma das condenadas, num movimento convulsivo, sacudiu as madeixas fulvas, e mostrou o semblante pálido e macilento, onde nem as lágrimas nem a sordidez do cárcere haviam de todo apagado o fulgor da mocidade e da formosura. Como se quizesa implorar do céu a piedade que na terra lhe negavam, a mísera ergueu os olhos, belos olhos de um castanho tirante a dourado, límpidos e doces...

Num relance casual, esses olhos fitaram o

Viso-rei. E o velho fidalgo leu neles uma chama súbita de maldição e de ódio, tão intensa e dardejante, que a sua energia vacilou um momento, e o monge sentiu tremer a mão que inda lhe segurava a manga de burel.

IV

Nessa noite, num dos quartos da Misericórdia de Gôa, deitada sôbre um catre modesto, mas de irrepreensível asseio, arquejava febrilmente a desventurada Cecília, uma das açoutadas no pelourinho da cidade. Parecia ter estampadas ainda no rosto, branco de cera, a vergonha do suplicio infamante; e a angústia moral quási nem a deixava sentir as cruciantes dôres, que lhe arrepelavam as carnes ensanguentadas do pobre dorso.

Percebeu que alguém levantava a aldrava da porta, e ergueu a custo a cabeça. À claridade da lâmpada posta sôbre uma mesa tosca, desenhava-se, sôbre o fundo caiado da parede, a figura negra de Fr. António, que se adiantava para o doente.

— Êle não veio? perguntou a mísera em voz débil.

O dominicano abanou tristemente a cabeça, e sentou-se junto do leito, pegando na mão ardente que a Cecília lhe abandonava.

— Pobresinha! murmurou êle. Êsse homem desampara-te; não é digno do teu amor, minha filha. Para que pensas ainda nêle?

A rapariga soltou violentamente a mão de entre as do frade, soergueu-se no leito, e exclamou com inesperada energia:

— Porque penso nêle? Pois porque o acompanhei eu até tão longe, sem ter em conta nem perigos do mar, nem tiranias de homens, curtindo mezes de agonia num porão húmido e sem ar, senão para que êle me restituisse a honra que me tirou? E agora, meu padre, acrescentou ela, decaindo da instantânea energia e banhando as faces num pranto amargo e contínuo, agora despreza-me, pelo labéu que êle mesmo arrojou sôbre mim, despreza-me ao vêr-me desamparada, perdida... Ah! meu padre! meu padre! que triste sorte a minha!

E a desditosa escondeu no travesseiro o rosto afogueado, soluçando desesperadamente. O frade, muito comovido, pôs-lhe a mão sôbre a cabeça, e disse-lhe com expressão de carícia e de conforto:

— Valha-me Deus Nosso Senhor! Para que te afliges tanto, minha filha? Deus não ha-de querer condenar-te sem remissão, que assaz tens tu expiado a tua falta! Eu já to disse, Cecília! Se esse vilão te despreza, há alguém...

— Sei de quem falais, meu padre, de sobra mo haveis dito. Pobre Bastião! Tamanino lhe chamam, e com razão, que isso de querer casar como uma mulher como eu, desonrada, açoutada, afogada em vergonha...

Em choro se lhe afogava a garganta, quando estas palavras dizia. O frade quiz atalhá-la.

— Deixai! prosseguiu ela, recobrando alento. Isso é de pouco sizo, só de cabeça de criança póde saír.

— Não tão criança como o julgas, Cecília. Com êle falei sôbre o assunto, vezes sem conta, desde aquele espantoso caso do tremor do mar, e sempre com assento me respondeu, como homem que tem o juízo no seu lugar... e o coração ainda mais. Merece que tu o ouças...

— Não, não, Frei António! Que malvada fôra eu, se lhe pagasse tamanha generosidade com uma vida de martírio!... que outra não poderia êle ter, ao pé de uma mulher perdida, que tem de deixar espalhada a sua ruim fama pela Índia inteira... Não, não, meu padre, isso não...

— Nossa Senhora te acuda, pobresinha! Mas então, que te resta fazer?...

— Inda mo perguntais? exclamou ela num acréscimo de vigor. Vou segui-lo, a êsse mo-fino Gil Galo, e não lhe largarei o encalço,

não lhe darei descanso, enquanto êle não... não me restituir o que me deve!

— Mas não sabes, mesquinha, que êle está de partida para Cochim com o Viso-rei...

— A Cochim vou também, isso que monta? Não é essa viagem que pode meter-me agora mêdo, concluiu ela amargamente.

— E em Cochim, que farás? como has-de viver?

— Perguntai antes como hei-de morrer... que o viver pouco me importa já.

E de novo a desventurada abafou nas roupas brancas do catre o pranto que lhe sacudia o dorso ensanguentado; ao passo que o dominicano, em voz baixa, com muita brandura, procurava iluminar-lhe com um vislumbre de conforto a alma alanceada...

V

Nas vespas do Natal de 1524, era singular o aspecto de Cochim. Havia dois mêses que ali chegara o Viso-rei D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, almirante do mar da Índia, e desde então um como sôpro de terror pairava sôbre a velha cidade do Malabar, a primeira que na Índia acolhera fauoravelmente os portugueses. A severidade inexorável do Viso-rei, a sua justiça rígida e inquebrantável, manifestara-se ali numa sucessão de castigos que haviam sobressaltado não só os habitantes europeus, mas também a população indígena.

Logo em seguida à principesca recepção que lhe preparara D. Luís de Menêses, o irmão do exonerado governador, ainda ausente em Ormuz, e do acolhimento entusiástico que lhe fizera o Rajá, o almirante mandara encarcerar no Tronco e multar pesadamente o capitão mercador Vicente Gil, por se ter na viagem apartado da sua companhia, na mira de chegar mais cedo a Cochim para fazer seu

proveito. Uma violenta determinação suscitara também desde logo clamores gerais: a proibição, imposta aos capitães e fidalgos, de darem mesa, como fôra sempre costume desde os primórdios da conquista. Não podendo os soldados sustentar-se com a exígua verba que se lhes ordenava para mantimentos, as lautas e hospitaleiras mesas da fidalguia eram o seu copioso recurso. Agora, privados delas, viam a fome iminente, e desafojavam em pragas e impropérios contra a férrea governança do almirante. Ao passo que os mais sagazes e menos escrupulosos emigravam para a costa de Coromandel, para Cambaia, para o Decan, em cata de fortuna, os outros, os que ficavam, moviam constantes e por vezes sangrentos conflitos pelas ruas da cidade.

Outro motivo veio, porém, aumentar a importância e a gravidade destes distúrbios, cujo apaziguamento e punição dava um trabalho insano ao capitão da fortaleza, Lopo Vaz de Sampaio. Voltara de Ormuz o ex-governador D. Duarte de Meneses, o qual, já ferido com a acolheita dos capitães de Chaül e de Goa, que nem sequer lhe tinham permitido o desembarque, aportara a Cochim, onde recebera logo ordem de não pôr pé em terra e de recolher à nau *Castelo*, que o conduziria sob prisão para o reino. Não se submetera fácil-

mente o orgulhoso fidalgo; e chegaram as cousas a termo, que foi necessário para lhe impôr obediência a ameaça de medidas violentas de guerra e a intervenção fraterna de D. Luís, já a esse tempo malquistado com o Viso-rei e quási voluntário companheiro do irmão no encarceramento.

Esta actividade febril, êste enorme dispêndio de vigor corpóreo e de energia moral, esgotara quási de todo as forças do velho descobridor da Índia, que de Goa já tinham vindo achacadas. Ainda lhe sobravam alentos para ordenar a prisão de Fernão Gomes de Lemos, que de Ceilão viera com carregamento de canela e contra o qual se erguiam tremendas acusações. Mas por pouco duradoura se dava geralmente a existência do Viso-rei, não sem contentamento de muitos, e sem esperanças de alguns. O partido do governador antigo sustentava os direitos dêste a tomar de novo posse da governança, caso sucumbisse o velho almirante; ao passo que os capitães e soldados que com êste tinham vindo do reino protestavam a obediência às ordens de El-Rei, seladas nos alvarás das sucessões, que a seu tempo se abririam. Isto determinava novas e mais violentas rixas, a que de continuo acudia Lopo Vaz de Sampaio, sem conseguir pô-lhes cobro de vêz.

Ameaçava originar-se mais uma delas do diálogo, que na Ribeira de Cochim se travava na véspera do Natal entre o mareante Gil Galo e um velho soldado. Era à sombra duma nau em reparo no varadouro, enquanto este último se refrescava com uma dourada e sumarenta manga.

— São aleives que inventam os inimigos do Senhor Viso-rei! bradava Gil Galo bracejando muito. Desejam-lhe a morte, por isso lha agouram.

— Pois pensai como vos aprouver! replicou o soldado, encolhendo os ombros e saboreando a manga, cujo sumo lhe escorria pela barba grisalha. O que vos afirmo é que ontem à noite, ahi pelo meio do quarto de vigília, êle se mudou da fortaleza para as casas de Diogo Pereira, que ficam além, no terreiro da igreja.

— Calabreadas! atalhou o outro com desdem.

— Vi eu! prosseguiu o soldado com mais energia, atirando para longe o caroço da fruta. Estava eu o tomar o fresco, estiraçado no parapeito da fortaleza, quando vi saír as andas em que êle ia, às costas de quatro mostrenhos tismados. Muito à socapa o fez, para não levantar sobressaltos, mas toda a gente o sabe... Era pouco aconchegada para um ve-

lho achacoso, como êle está, aquêle grande casarão da fortaleza, e por isso...

— Que têm? foi lá curar-se!

— Curar-se! Deus tal não ha-de permitir! exclamou junto dêles uma voz feminina, à qual uma expressão de rancor profundo parecia alterar a doçura nativa.

Apenas pôs os olhos na mulher que falara, Gil Galo fez um gesto bem pronunciado de impaciência, e resmungou em acto de se afastar:

— Sempre este avezimão a zunir-me aos ouvidos! Ora seja pelo amor de Deus!

— Não te vás, Gil Galo, não te vás! bradou Cecília, porque era ela, toda sécia na sua vasquinha de canequim, mercê da caridade de Frei António. Não te vás! repetiu ela, agarrando-se com desespêro ao gibão do mareante. Que mal te fiz eu para assim me desprezares, homem?...

— Estou farto de to repetir, cabeçuda! redarguiu ele em tom de agastamento brutal. Mal nenhum me fizeste, por boa cachopa te tenho, mas bem sabes o que se passou...

— Por tua culpa! atalhou Cecília lacrimosa.

— Tornamos à mesma? Não foste tu que teimaste em vir comigo para a Índia? Agora, aí tens! Sua alma, sua palma... Quem corre por gosto não cansa,

— Ingrato que tu és! por teu amor vim...

— Por meu...? Lérias! Foi para ver se me apanhavas a jeito para o matrimónio... E apanhavas com certeza, se não fôra a carne que te tiraram das costas os açoutes do Senhor Viso-Rei... e eu quero noiva inteirinha e lisa como um camoêns sazonado...

Esta grosseira chufa foi acolhida com um gesto de indignação pelo velho soldado, que assistira silencioso a toda a scena. Quanto a Cecília, essa largou com asco o gibão que ainda apertava na mão convulsa, e murmurou:

— Que castigo!

— Ainda bem que abres os dentes, cadela! resmoneou Gil Galo com sarcasmo, afastando-se a passos lentos.

Cecília deu um passo para êle, como a detê-lo ainda com um insulto supremo. Mas sentiu-se agarrada pelo soldado, que lhe disse em tom de persuasiva piedade:

— Deixa, deixa lá o rufião, cachopa! A perda daquela joia não vale um ceitil de achá-dego!

VI

Dia de Natal! Dia de Natal! A maior festa da Cristandade! Que doce ternura devera embalsamar as almas rudes da soldadesca, tantas centenas de léguas longe da pátria, dispersa em troços ínfimos por essa extensa costa da Índia, à recordação da poética lenda do Deus Infante, agitando o tenro corpiño sobre as palhas do presépio! Como deveram de estreitar-se affectos, de apagar-se malquerenças, de se avivar saudades... Dia de Natal! Repiques de sinos que repercutem nos corações como notas de amôr, nuvens de incenso que parecem arrastar consigo todos os mesquinhos ódios da terra, parêntese de alegria despreocupada e serena, rasgado na tristura fatal do labor mundano...

Mas não era assim o dia de Natal no ano de 1524, na cidade de Cochim. A igreja, embora aberta, não se vestira de galas. Os sinos apenas de relance haviam anunciado a solenidade do dia. Os portugueses, na maior parte

aglomerados no terreiro da igreja, mal levantavam a voz, não desfrutando a casa de Diogo Pereira, calada e lúgubre, a cuja porta a sentinela de libré vistosa nem ousava perturbar com o rumor dos passos aquele silêncio bochornoso de ansiedade.

É que ali dentro se sabia agonizante, se acaso não morrera já, o velho descobridor da Índia. E aquela quietação assemelhava-se ao estacar pávido da natureza, que deve anteceder o baquear dum semi-deus...

Desde a noite anterior que nem um rumor transpirava através das paredes caiadas. Todos cá fóra permaneciam na ignorância. Os raros servidores que de lá saíam, os poucos fidalgos admitidos à intimidade doméstica do terrível Viso-rei, nem por uma palavra, nem por um gesto, denunciavam a scena, trágica decerto, de luta com a morte, que lá dentro se desenrolava.

O sol erguera-se às culminâncias do meio dia, abrasando a terra arenosa; os grupos não tinham abandonado o terreiro, buscando um abrigo sob a vasta alpendrada da igreja, junto às raras casas de pedra, cosidos com as choças de teto de ola, aconchegando-se na sombra esquelética dos coqueiros. Depois o sol fôra declinando, a viração da tarde refrescára ao de leve o ambiente, e o terreiro não se es-

vaziára duma turba ansiosa e tristonha, no meio da qual reluziam os elmos e os cossoletes da soldadesca, realçavam os gorros vermelhos da maruja, se misturavam côres garbadas de vestuários femininos, e de onde em onde avultava a nota branca das roupagens dos naires. A multidão ali mesmo fizera as suas refeições, aproveitando as frutas, que lhes forneciam os vendedores ambulantes e cujas cascas juncavam o sólo. E, mantidos a certa distância por um respeito instintivo, os olhares de todos interrogavam aquela casa, lôbrega na sua brancura, calada e misteriosa como uma esfinge, acima de cujo telhado parecia pairar o espectro da Morte.

As sombras foram-se alongando no terreiro, à proporção que o astro do dia ia rolando para o horizonte. O limbo flamejante beijou ao longe o Oceano, embebeu-se pouco a pouco nas águas douradas, atufou-se o globo esbraseado espadanando pelo firmamento jorros de esplendor policromo. E quando os últimos fulgores do céu se foram diluindo numa transparência leitosa, e lá para o oriente mais escuro começavam a divisar-se vagamente as primeiras estrelas, o sino da igreja vibrou pausadamente, enchendo o ar sonoro com as badaladas solenes das Ave-Marias.

A multidão curvou-se reverente, e orou.

Mas apenas, ainda não mortos os écos da ultima badalada, a mór parte acabava de se persignar, uma grita desconforme, estridente, pavorosa, sobressaltou todos os ânimos. De súbito, tinham-se aberto as portas da casa de Diogo Pereira. De lá partiram as vozes: um lamento contínuo e monótono, cortado de prantos, subindo e descendo num balancear rítmico, como vagalhões gemebundos da dôr humana a quebrarem-se aos pés de Deus.

A multidão, alvoroçada, correu para a porta, onde, na vaga escuridão, reluziam armas. E aí soube a triste nova. Na noite anterior, pelas três horas depois da meia noite, extinguiu-se o derradeiro alento do velho almirante.

O nome do descobridor da Índia pertencia d'ora àvante à História.

VII

Foi, durante toda a noite, uma romaria incessante à estreita casa de Diogo Pereira. A todos, sem distinção, se permitia a entrada, a fim de orarem junto ao cadáver do Viso-rei. Para que desperdiçar sufrágios, se aquela alma irrequieta e inflexível dêles havia bem mister?

No terreiro, não parava o movimento. A luz dos archotes enrubescia os rostos dos que entravam e saíam, ao passo que o clamor plangente reaparecia a espaços, cortando o psalmodear lento e sinistro dos frades.

Junto à alpendrada da igreja, encostada à parede, pendida a cabeça sobre o seio, Cecília quedara-se a scismar. Que lhe importava a morte do rígido almirante, que lhe trouxera a vergonha e o desamparo? A voz do perdão não se lhe erguia na consciência; e, se não ousava formular maldições contra aquela grande memória, nada a induzia a ir juntar as suas orações às dos outros, para o descanso eterno

da alma do seu perseguidor. As suas cicatrizes eram documentos formidáveis de acusação perante o juiz supremo. Para que atalhar a justiça de Deus?

Despertou-a destas cogitações uma voz bem conhecida, que, isenta agora de rudeza, murmurava o seu nome:

— Cecília!

Era Gil Galo, que lhe pegava brandamente na mão. Estupefacta, a pobre rapariga abandonou-lha.

— Perdôa! continuou o mareante. Tenho sido mau para ti, mas arrependo-me. Parece que me alumiou a alma do Viso-rei, que Nosso Senhor tenha em santa glória! Teu marido quero ser, que mais desejas?

Cecília arregalou os olhos, de surpresa.

— Falas sério? perguntou ela como a medo.

— Assim Deus me salve na hora extrema! Vamos a estas bodas... e quanto antes melhor!

Tudo eram meiguices e afagos. Cecília deixava-se embalar pelas palavras suaves do marinheiro, como se estivera sonhando. Parece que renascia o seu amante de outrora, aquele a quem lá tão longe, no meio dos pinhais rescedentes, numa noite de luar serena e límpida, ouvindo o trinar da tutinegra, ela se entregara doidamente...

Chamou-a à realidade um súbito incremento no psalmodear dolente. Lembrou-se de Frei António, o seu bemfeitor, a quem tal nova alegraria deveras; e sem mais pensar, atravessou o terreiro, dizendo vivamente a Gil Galo:

— Vem!

O mareante conteve um gesto de contrariedade, mas seguiu-a. Um vulto, destacando-se de entre o grupo que estava ao pé da igreja, foi-lhes também no encalço. E a claridade dos archotes bateu violentamente no rosto imberbe do Bastião Tamanino, que, roído de ciúmes, não largava, como uma sombra, a mulher amada.

Transpuseram o estreito portal; abriram a custo caminho por entre os que saíam silenciosamente, abafando os passos; subiram devagar a íngreme escada, vivamente iluminada, repleta de gente. Apenas chegaram à primeira quadra, espécie de ante-câmara forrada à pressa de tapeçarias de Flandres, para receber a quasi régia magestade do grande almirante, Cecília deu com os olhos em Frei António, o qual, encostado ao umbral de uma porta interior, conversava em voz baixa com um fidalgo vigoroso e bem assombrado, sobre cujo peito pendia uma barba negra.

O dominico também a viu logo. Parece que

a aguardava com alvoroço. Fez-lhe sinal para se aproximar e conduziu-a para o vão mais escuro duma janela entreaberta.

— Vejo que sabes tudo, minha filha, disse êle, olhando para Gil Galo, que, com ar embaraçado, retorcia entre as mãos calosas o barrete vermelho.

— Gil Galo, que por fim se decide, redarguiu ela, sorrindo vagamente. Foi graças a vós por certo, meu bom padre, que aquele coração abrandou...

la continuar as suas acções de graças, quando viu tamanha surpresa pintada no rosto macilento do dominico, que estacou, olhando-o interrogativamente.

— E nada mais sabes? perguntou o frade.

Cecília abanou a cabeça, muito admirada.

— Nada mais, respondeu ela.

— Não te disse êle que o senhor Viso-rei te dotara?...

— A mim? inquiriu a cachopa, pasmada.

— A ti e ás tuas duas companheiras de castigo. À hora da morte deu-lhe um baque o coração. Remorso ou piedade, não sei. O certo é que nos chamou, a mim e a Lopo Vaz de Sampaio, com quem eu falava agora, e nos disse, em voz quasi apagada pela agonia, que a cada uma de vós deixava cem mil réis. Recomendou-nos que em muito segredo vos des-

semos êsse dinheiro, e que, se o não quizesseis, dobrado fôsse entregue à Casa da Santa Misericórdia. Eis o que Gil Galo se esqueceu de te dizer, que em muito segredo lho comunicara eu para to contar, concluiu o frade vibrando um olhar de censura ao mareante.

Cecília estava atônita e perplexa. Na confusão que lhe assombrava o espírito, apenas um sentimento sobressaía, nítido e penetrante como o silvo da serpente nas trevas de uma floresta: a repulsão invencível pelo homem que fôra o seu primeiro amôr, êsse que a cálculos abjectos sacrificava a sua vida inteira. E Gil Galo decifrou tão claramente no olhar dela êsse sentimento de nauseante desdêm, que empalideceu e recuou maquinalmente, sem encontrar palavras para se justificar.

— Não recusas decerto, minha filha, perguntou em voz grave o dominicano, a fortuna que, como expiação, te oferece de além túmulo o senhor D. Vasco da Gama?

Ao nome do Viso-rei, todas as fezes de rancor se levantaram de chofre no coração da rapariga. Viu que o seu consentimento equivalia a um perdão, e julgou que por essas moedas de ouro sacrificaria todo o respeito de si própria. Os seus lábios descerraram-se para pronunciar a expressão da recusa...

Mas de súbito, ante os seus olhos, banhada

pela luz vívida de um facho, surgiu a figura juvenil do Bastião, que a devorava com a vista suplicante, como se adivinhasse a luta que lhe ia na alma. Viu num relance toda a ventura que ainda podia repartir na terra, e em ondas de amor se lhe afogou o coração.

— Aceito, respondeu ela em voz trémula.

Depois, sem escutar o que o padre lhe dizia, encaminhou-se para o desprevenido Bastião, travou-lhe do braço, e preguntou-lhe com meiguice:

— Ainda me queres, Bastião?

— Se te quero! disse êle, numa voz onde fervilhava uma paixão profunda e dominadora de adolescente.

— Segue-me!

Entrou com êle na câmara mortuária, armada de panos negros, onde a luz das tochas fazia scintilar lágrimas de prata. A meio erguia-se um catafalco, e sôbre êle a tumba modesta da Misericórdia, aberta, além da qual os frades franciscanos deletreavam nos brevíários as orações dos defuntos.

E quando os dois conseguiram, através da turba compacta, aproximar-se mais do catafalco, viram, arrepiados de sacro espanto, o corpo imóvel do grande almirante, em roupas negras de seda, envolto no manto da Ordem de Cristo, a espada pendente da cinta dou-

rada, esporas de ouro nos borzeguins pretos. As cãs alvejavam-lhe sob o barrete redondo e negro, e, através das longas barbas brancas, transparecia o negrume das vestimentas. Era serena, quasi doce, como nunca o fôra em vida, a expressão do rosto lívido. E as lágrimas de saudade, vertidas perante o cadáver do sôbre-humano herói, anuviavam os restos do terror que inspirava o seu nome.

Extático, esmagado por aquela majestade trágica, Bastião contemplava os olhos sem brilho, que haviam antevisto de milhares de léguas a costa encantada da Índia. E sonhava que aquêles lábios se entreabririam ainda para dominar a plangente litania dos frades com as vozes tremendas de comando.

— Bastião, murmurou Cecília, tocando-lhe no braço, se em mim está a tua felicidade, reza por êle agora, que a êle a debes.

E os dois caíram de joelhos diante do cadáver do grande Almirante.

I

Foi num domingo de Outubro, do ano de graça de 1530, que na plácida existência de Gaspar Palhoça se abriu uma temerosa crise.

Estanciava êle, ao declinar da tarde, na venda do Ratinho, a mais afamada de Arronches, a bebericar um delicioso palhete da Fuseta, no qual parece que se fundira o quente sol algarvio; eis senão quando, pela ventana aberta sobre a estrada, lobrigou a cara escarninha do Gomes Tição, que o saudava com amigáveis esgares.

Surpreendeu-o o caso. Convêm saber que nunca tinham sido excessivamente cordiais as relações entre os dois. Era o Tição criado do bispo da Guarda, D. Jorge de Melo, que então residia em Portalegre; e o Palhoça vivia de amanhar umas terras do alcaide-mór de Arronches, André de Sousa, que muito o protegia. Ora, como entre o alcaide e o prelado existia uma surda animosidade, a espaços explodindo em conflagrações, passageiras, natural é que

nas respectivas clientelas se reflectissem os sentimentos recíprocos dos dois potentados.

Mas entre o Palhoça e o Tição intrometia-se espinho mais agudo que a hostilidade de facções. Ambos haviam requestado uma guapa moçoila daquêles contornos, a Margarida dos Telheiros, e fôra o Palhoça quem levara a melhor. Havia cerca de um ano que, apadriñado pelo alcaide-mór, êle se recebera com a apetecida cachopa na igreja de Nossa Senhora da Assunção, matriz de Arronches. E, embora os punhos de qualquer dêles nunca se houvessem cerrado para amachucar o corpo do aborrecido rival, certo é que os dois pares de olhos não fuzilavam de alegria quando mutuamente se remiravam.

Redobrou pois o espanto do Palhoça, quando viu o esgrouviado servo do bispo penetrar na pousada, acercar-se da mesa onde êle cevava o domingueiro vício da pinga, e interpelá-lo com a claridade de um sorriso afável a diluir-lhe a sombra das feições duras:

— Eh! Gaspar Palhoça! Deus vos salve!

O lavrador, passando a manga do pelote por sôbre os beiços húmidos, grunhiu umas palavras ininteligíveis de saudação. Êle era por índole homem de poucas falas, e mais ainda lhe tolhia es expansões o imprevisto do lance.

— Deixai-me abancar convosco, prosseguiu o cordial Tição, sentando-se logo em frente do outro, sem esperar a impetrada licença. Tenho os gorgomilos de sequeiro, e apraiz-me molhá-los em vossa companhia. Olá, ti'Ana! trouxe-nos uma canada de clarete, e dois pucarinhos novos de Estremôs!

E, fincando os cotovelos na mesa, desandou com volubilidade em protestos de estima e votos de mútua afeição.

O Palhoça teve uns rebates de desconfiança perante aquela amizade súbita. Afogou-os porém no rubente licor que espumjava da albarrada cheia, em contraste com o seu pichel tão enxuto como a sua escarcela. A sua fraqueza levou-o a escutar complacente, entremeando a audição de libações copiosas, a lenga-lenga insinuante do comensal, cuja loquacidade só ao cabo duma estirada meia hora teve uma quebra súbita.

— Má cainça me coma! bradou o Tição, olhando para o exterior, onde a luz esmaecia sôbre a caiada parede fronteira. Tenho de voltar a Portalegre ainda hoje. A noite não tarda, e os caminhos não são seguros. Ficai-vos com Nossa Senhora, amigo, e mais com os restos dessa albarrada. Ainda aí tendes regabofe para entrar pela noite dentro.

E sem esperar os agradecimentos do lavra-

dor, pagou a despesa e esgueirou-se pelo largo portal.

Mas o Palhoça, olhando distraidamente para a janela, reparou que o vulto do seu inesperado anfitrião não lhe cortava o quadro, como era natural que o fizesse, querendo seguir o anunciado destino. Decorridos uns minutos, teve curiosidade de saber qual o motivo que demorava à entrada da taberna o azougado serventuário do bispo.

Levantou-se, e sentiu que o palhete mais o clarete tinham exercido uma acção pronunciada sobre as suas pernas. Mas, abordado ao nodoso cajado, conseguiu que sem manifestações externas de cambaleio, elas o levassem direito até ao portal. Não estavam aí mais que dois trabalhadores, cavaqueando tranquilamente.

— Não vistes aqui o Tição, o criado do bispo? interrogou o Palhoça.

Os trabalhadores desataram a rir.

— Onde irá êle! exclamou um dos dois, encolhendo os ombros robustos. Mal safu da venda, montou a cavalo e partiu à desfilada.

O lavrador esfregou os olhos, como se receasse que o vinho lhos houvesse obcecado.

— Para além? perguntou êle depois de um momento de concentração, apontando para a direita.

— Não. Para aquela banda, replicou o camponio, estendendo a mão cabeluda na direcção inversa.

O Palhoça ficou-se a ruminar. Para um homem tão apressado, era incompreensível a volta que ia dar à vila, em vez de endireitar desde logo na estrada de Portalegre. Onde iria êle?

De repente, deu-lhe um baque o coração. Através dos fumos que lhe enevoavam o cérebro, relampejou-lhe a lembrança dos antecedentes, ao perceber que o caminho, seguido pelo antigo rival, passava perto de casa, onde êle guardava cioso o objecto das cobiças de ambos.

Sem mais reflectir, resmoneou uma despedida aos trabalhadores, e pôs-se a caminho do seu casal.

la apreensivo e sombrio. As pancadas surdas do cajado na terra endurecida soavam-lhe como écos das próprias pulsações. O ar fresco da tardinha desanuviava-lhe a cabeça encandecida, desempenava-lhe os membros trópegos. E foi já com passo firme que, transposta a porta do Rio, êle meteu pelo atalho que seguia a margem.

O céu ensanguentava-se para as bandas do poente; estiravam-se as sombras dos amieiros pela relva espessa; o fretenir dos ralos começava a alastrar pelo campo, como um prenú-

cio da treva; e a massa enorme do castelo toucava-se de melancólicos lampejos crepusculares.

Alcandorava-se o casal numa pequena eminência, fimbriada por um massiço de salgueiros. Ao aproximar-se, o Palhoça teve um sobressalto agourento. À porta do quinchoso, presa pela arriata, uma mula escarvava a terra. Correu impetuosamente. Junto do muro de pedra solta, ouviu rumor de vozes. Deteve-se, afilando o ouvido. Soava distintamente a voz da Margarida, bradando:

— Rascão! Vai-te, senão grito aqui del-rei!

Num momento, o lavrador, saltando o muro, viu diante de si a figura esgalgada do Tição. Interpôs-se-lhe na fuga. Regougaram pragas, estridularam alaridos de mulher. Junto da porta, onde o Tição tentava cavalgar, houve uma luta rápida. Reluziu um ferro na mão do fugitivo, e logo após o possante zambujo do Palhoça descreveu no ar uma curva tremenda. À ressonância cava dum crâneo fendido seguiu-se um murmúrio estertoroso e o baque dum corpo na gleba, purpureada pelo dia moribundo.

No silêncio pavoroso que sucedeu, retumbou um estrupido imprevisito. Era o mu espantado que, rompendo a arriata, corria à solta pelo atalho abaixo, em direitura à vila.

II

Na manhã seguinte, o encontro da mula, tosquiando regalada o ervaçal adjacente à barbacan, despertou suspeitas. Identificado o animal, organizaram-se pesquisas, as quais deram em resultado a descoberta do cadáver do Tição, com a cabeça aberta, quasi completamente despido, numas terras de semeadura, para as bandas da ponte do Crato. O local do achado e a evidente espoliação da vítima afastaram a primeira e intuitiva hipótese duma queda.

Abriu-se devassa. Levado à presença do juiz para averiguações, Gaspar Palhoça, desabitado à mentira, por tal forma se embrulhou nas respostas, tão confusamente obtemperou ao depoimento dos dois trabalhadores, que avolumou as leves desconfianças contra êle levantadas. Apertaram-no mais e mais, relembrando a conhecida inimizade entre os dois, atribuindo-lhe falsamente a oportunização daquêle encontro, acabando pela imputação mais aleivosa.

— O Gomes Tição tinha a esmoleira bem provida, insinuou o juiz. Bem o percebestes vós, Gaspar, na venda do Ratinho, onde a miúdo vos lamentais da vossa pobreza. Ora o dinheiro desapareceu com a roupa do mofino.

E, encarando fixamente o lavrador, o juiz perguntou:

— Onde o escondeste, Gaspar Palhoça?

Decerto o magistrado não previa o alcance do golpe vibrado. Apenas penetrou no rude intelecto do Palhoça a fulminante acusação, todos os seus instintos de honra remontaram do íntimo, turvando-lhe os intentos de defesa, tal como a vasa dum lago revolvida pelo desabar dum penedo.

— Mentis! bradou êle, numa convulsão de cólera imponente e estúpida. Eu não matei para roubar!

— *Reum confitentem habemus!* exclamou triunfante o letrado.

Com efeito, a confissão era formal. E poucas instâncias bastaram para que o pobre homem, trémulo e desorientado, completasse a narrativa verídica da trágica aventura.

— Mas como explicaís, interrogou por fim o juiz, o paradeiro, do cadáver?

Com os olhos lavados em lágrimas, Gaspar redarguiu:

— Fomos nós que o levámos, eu mais a

Margarida. Logo que se cerrou a noite... Vossa Mercê percebe... não podíamos ficar com aquilo no quinchoso... Mesmo que o enterrássemos, o morto era capaz de surdir da terra, para nos tirar para sempre o sono... Fomos por ali fóra, tropeçando nas pedras, sem vermos um palmo adiante dos olhos, numa tremura como de maleitas... A cabeça dêle bambaleava-me entre os braços... e no meio da escuridão, parecia que me varava ainda o luzir daquêles olhos... A pobresinha da rapariga segurava-lhe os pés... e não fazia senão rezar entre dentes: «Nossa Senhora nos valha!» e as lágrimas eram como punhos! Uma cousa assim! P'ra que eu estava reservado!

E o mísero rústico passava o áspero barrete pelos olhos esgazeados.

— Largáste-lo então lá naquele campo? perguntou o juiz impertubável.

— Larguei-o num ferragial, onde havia restolho, à beira do caminho. Não tivemos ânimo de o enterrar, nem fôrça para o levar mais longe. Áquela distância, palpitou-nos que ninguém desconfiava. Toda a gente havia de imaginar que êle tinha caído...

— E que a roupa mais o dinheiro haviam ardido na queda? atalhou o magistrado, com ironia cruel.

Um novo acesso de revolta selvagem sacudiu os membros alentados do Palhoça e secou-lhe com o coriscar dos olhos o pranto que lhe ressumava das pálpebras.

— Eu não toquei nos seus haveres, sr. juiz! bradou êle com fôrça. Matei-o sem querer, em defesa da mulher que é minha, que o bargante me queria roubar. Eu sempre vivi honrado na minha pobreza, sr. juiz. Toda a gente da vila é testemunha, e o primeiro é o sr. alcaide-mór. Deus Nosso Senhor mirre esta mão, se ela alguma vez se atirou ao alheio!

— Mas como se sumiu tudo que o infeliz tinha em cima do corpo?

— Eu sei lá, sr. juiz! Algum tunante, algum ladrão que passou... Não me pergunte Vossa Mercê mais do que eu sei, sr. juiz. Já é bastante para me desgraçar.

O Gaspar Palhoça foi remetido para as masmorras do Castelo. Antes porém, houve uma scena lancinante, na sala de audiência do alcaide-mór.

Diante do velho fidalgo compareceu o seu honesto rendeiro, cuja desventura condeou aquelle coração, cerrado a suspeições aviltantes.

— Vingaste a tua honra, Gaspar Palhoça, disse André de Sousa, agitando a barba grisalha sôbre a loba de veludo negro. Conta comigo para te defender.

Mas quando o Palhoça, sufocado pela commoção, depunha um ósculo de reconhecimento na mão branca e nervosa do seu padrinho, enquadrou-se na vetusta ogiva da porta a figura desgrenhada e lacrimosa da Margarida, ladeada por um barbudo beleguim e seguida dum meirinho mesureiro e caduco.

Com um grito, caíu a soluçar nos braços do marido. Diluía-se no ambreado da tez o forte carmim das faces, amortecia no contínuo pranto o negro esplendor dos seus olhos, e o saínho de bristol tufava na arfagem angustiosa dum turgente seio.

Pontuando de humildes vénias o discurso, o meirinho disse com voz meliflua ao alcaide-mór:

— Do mandado do sr. juiz, trago a Vossa Mercê esta presa...

— Ela também? chasqueou amargamente o fidalgo.

— Sim, sr. alcaide, por culpada no crime daquêlê homem.

Mas a desgraça desemperrara a língua do taciturno lavrador. Num ímpeto, rompeu em protestos para inocentar a mulher. Não! A coitada tinha as mãos limpas de sangue. O matador fôra êle só, cego de raiva ao vêr um cutelo empunhado pelo infame, que, sem temor de Deus, se abalançava a quebrantar a

lei do matrimónio. Soltassem a rapariga que nenhum mal fizera...

— Soltar-me, para quê? interrompeu ela doloridamente. Que hei de eu fazer sem ti?

E entre aquelas almas simples e trasbordantes de amor travou-se um duelo de sacrificios, cada um dêles acrisolando a própria dôr para servir de cautério à dôr do outro.

Pôs-lhe cobro André de Sousa, abafando em simulada aspereza a comoção que o dominava.

— Calai-vos! bradou em tom imperioso.

E, voltando-se para o meirinho, concluiu secamente:

— Os presos cá ficam! Retirai-vos!

III

Ficaram, com efeito, num dos cárceres mais habitáveis do castelo, a cargo do alcaide-mór de Arronches. Mas não se prolongou muitos dias o seu ajuntamento em ferros de el-rei. A breve trecho, por não se lhe ter encontrado culpa na devassa, foi dada pelo juiz ordem de soltura em favor de Margarida. E nunca porventura a liberdade teve mais angustioso acolhimento. O ar da masmorra é que era para êles o ar livre, enquanto as bocas de ambos o respirassem.

Margarida porém, lavada em lágrimas, não sabia que fazer de si. Tinha medo de viver sósinha no casal, onde aliás lhe faltava o braço esforçado do marido para remediar a indigência. Repugnava-lhe voltar para a companhia dos pais, que não tinham levado a bem o seu casamento com o labrego pouco menos de pobretão, e cuja herdade ficava a distância tal que não permitia freqüência de visitas ao preso.

Valeu-lhe nesta colisão a esposa de André de Sousa, a qual, compadecida da sua desventura, a tomou ao seu serviço. Era esta senhora D. Maria Manuel, filha de Manuel de Melo, alcaide-mór de Olivença, e não rezava a fama de mais santa fidalga por essas terras do Alentejo.

A mulher do Palhoça teve assim, durante algum tempo, uma existência relativamente ditosa. Dentro da fortaleza, amiudavam-se encontros de visitar o marido, encerrado numa das torres do baluarte. Muitas vezes mesmo, graças á indulgência do alcaide-mór, o Palhoça gozava de algumas horas de desafôgo, passeando em companhia dela pelo terreiro da fortaleza, donde em tempo claro se descortinava, esfumada no horizonte longínquo, a ermida de Nossa Senhora da Graça de Elvas.

No entretanto, o processo ia seguindo o seu curso. Em volta dêle renhiam emulações de poderosos. Na vila de Portalegre, o bispo da Guarda empenhava sôbre as justiças a sua vasta influênciã, no intento de vingar no assassino a morte do seu criado, a qual pretendia atribuir a facciosos motivos. Por seu lado, André de Sousa, forte com a convicção que justificava o acto violento do Palhoça, procurava neutralizar a sanha rancorosa do pre-

lado e irradiar na consciência dos magistrados uns clarões de verdade.

Pouco a pouco, durante êste intervalo, a Margarida recaía em triste desalento. Pelos princípios de janeiro, numa manhã carrancuda e chuvosa, veio D. Maria Manuel topar com a cachopa, sentada num escano, junto à janela, donde escorria uma luz pardacenta. E os seus olhos vermelhos regavam de lágrimas a fina olanda em que lavrava pontos riais.

— Que tens, Margarida? inquiriu a velha fidalga com bondade, pousando-lhe no ombro a mão franzina.

Sobressaltou-se a rapariga. Ergueu-se turvada, e murmurou vagas escusas.

— Responde: porque redobra a tua mágua? insistiu a esposa do alcaide-mór.

Então a coitada desabafou. Começara o ano, suspiravam pela lavra os alqueives, e o seu homem não podia acudir-lhes. Que seria dêles, se deixassem em maninhez a terra, se não lhe preparassem o ventre fecundo para a messe futura? Ameaçado pela miséria, o Palhoça tinha-lhe protestado que preferia a morte.

— E o feito não tem despacho, concluía a pobre lavradeira numa explosão de soluços, e cada dia que passa abre mais a cova em que há-de caír o meu homem.

D. Maria Manuel, muito compungida, aconchegou à cota de chamalote a cabeça febricitante e lacrimosa da serviçal, e confortou-a meigamente.

— Não vos amofineis, disse ela. Vou rezar à Senhora da Assunção que se compadeça de vosso mal. Confio que ela vos proverá de algum remédio. Assim o tivessem as minhas penas!

E suspirou fundamente.

Lembrava-se da sua infeliz filha, D. Beatriz da Silva, enclaustrada havia cêrca de quatorze anos na Madre de Deus, desde que as febres de Mombaça lhe tinham arrebatado o marido, Pedro Vaz da Cunha, irmão do governador da Índia Nuno da Cunha.

E arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas de saudade.

Dias depois, o alcaide-mór mandava chamar ao seu escritório Gaspar Palhoça e Margarida.

— Amigo, disse êle, cofiando a longa barba grisalha, o vosso feito está em termos de se resolver. Os autos seguiram ontem para Lisboa. Tenho amigos na casa da Suplicação, e não me falta esperança de vos alcançar uma sentença benigna.

O lavrador, que voltara ao habitual mutismo, remerceou com um grunhido vago. Foi a mu-

lher que se expandiu, querendo beijar a mão do fidalgo.

— Deus Nosso Senhor pague a Vossa Mercê! exclamou ela.

E acrescentou com timidez:

— E quantos dias faltarão para o despacho?

André de Sousa sorriu.

— Dizei antes quantos meses, redarguiu êle. A justiça da nossa terra anda a passo de boi. Não lhe pouparei aguilhoadas, mas ainda assim...

— Ai! senhor alcaide-mór! acudiu a angustiada rapariga. Para que serve o meu homem escapar do castigo, se não escapa da fome?

Mas o velho fidalgo logo lhe atalhou as lástimas:

— Bem sei do aperto em que estais. Mas um meio me ocorre de minorar o vosso infortúnio. Gaspar, continuou êle em tom solene, vou confiar-me à tua honra. Vou dar-te livramento para amanhares em paz as tuas terras. Com a clausula de que voltarás à prisão, apenas as justiças te requeiram. Prometes?

— O que, senhor? perguntou o homem atônito.

E custou-lhe o penetrar no cérebro obtuso a magnânima concessão do alcaide-mór.

Mas entendeu-a afinal. Entenderam-na os

dois desgraçados, que ungiram de agradecido pranto as mãos do seu bemfeitor.

— Não são para mim as mercês, disse êste. São para aquela santa.

E apontou para D. Maria Manuel, que assomava ao guarda-porta, pesado de quinas e crescentes heraldicos. Para ela se precipitaram os dois, cheios de júbilo.

— Mas toma cautela! disse ainda o fidalgo. Fico de ora àvante na dependência da tua palavra, Gaspar Palhoça.

Com rústica energia, o lavrador exclamou:

— Pode Vossa Mercê quedar em segurança. Por minha honra o juro.

IV

Tarde bochornosa e merencória. Abril, ao despedir-se da Terra cujo regaço enflorou, impende sôbre ela, com as primícias da calma estival, os derradeiros assomos da invernia.

O sol, ao resvalar para o poente, acobrea o ventre dos cirros dispersos. E a léste, para as bandas da Hespanha, um tapume de aço fôsko empana o longínquo horizonte raiano.

Sôbre essa lobreguidão azulada, recorta-se nitidamente, no descampado sem termo, a silhueta de uma junta de bois, atrelada a um arfante arado. Aguilhada ao ombro, mão na rabiça, o lavrador segue o pesado engenho. E no silêncio espesso entalha-se fundo a sua cantilena rouquenha.

E Gaspar Palhoça, que, já um pouco tardiamente, deslavra a sua fazenda. Sente-se feliz. Quási perdeu na salutar labuta a memória da sua trágica aventura. Quando acaso pensa nela, imagina que a mesma clemente amnésia contagiou as justiças do reino. E mais

de três meses decorridos habituáram-no a considerar como definitiva a sua liberdade condicional.

Sente-se feliz, naquela atmosfera saturada pelo vago odor da trovoadas iminente. Uma valente bâtega regalará as entranhas do campo esterroadado. Como irá ficar contente a sua Margarida, quando lhe surgir o primeiro filho, tão anelado já, na quadra em que os arrementos verdoengos aflorem na gleba fecundada!

— Eh! Mourisco! Eh! Galante!

E êste último epíteto, conjugado com a visão enterneçada da mulher, traz-lhe à reminiscência a canção com que ela agora acompanha o mourejar caseiro, toada cidadã em voga, aprendida nas seroadas alegres do castelo. E o seu vozeirão achavascado rouqueja, num bárbaro destempero melódico:

Passam os galantes,
E vós não os vistes,
Porque vós dormistes.

No meio da cantiga, entremeada de estimulantes jaculatórias à pachorrenta boiada, não lhe chega aos ouvidos a grita de um homem que, do caminho de Estremoz, furiosamente lhe capeia com o chapéu lanzudo.

Percebe-o finalmente, e de longe o reco-

nhece. É o caminheiro Brás, de Tagarraís, que, conforme o costume, vem ajoujado com o grande saco da correspondência da côrte.

Sôbre a encarapelada geira, encaminha-se para êle, vagamente inquieto. O homem de Tagarraís, toda a gente o sabe, é criatura do bispo D. Jorge. Por que motivo quer assim chegar-lhe à fala?

— Eh! Gaspar Palhoça, exclama o caminheiro, apenas o calcula ao alcance de moderada voz, venho com os despachos da côrte... e trago ruins novas, Gaspar Palhoça.

No ar abafadiço, sente o lavrador que se lhe congela o suor na fronte. E balbucia:

— Para mim?

— Para vós, mais que para ninguém.

— Condenado? tartamudea ansioso.

E o outro responde com um triste aceno afirmativo.

— Degredo, porventura?

— Oxalá!

Levando a mão á garganta, como se sentisse o arranhar do barão, Gaspar tentou debalde articular a palavra terrível. Mas Brás entendeu-o, e formulou a resposta com igual mímica, mais lúgubre ainda.

Todo o corpo do desgraçado estremeceu, vacilaram-lhe as pernas, sumiu-se-lhe a luz dos olhos, amparou-se à agulhada para não tom-

bar na vala que separava os dois. E na zunida que lhe enchia os ouvidos, mal distinguia as frases que o outro começou a proferir, em tom de cauteloso mistério:

— Não descoroçoeis, homem de Deus! Tendes nas mãos a vossa vida. Recolhei-vos a casa.

E, como o lavrador se quedasse de olhos pasmados, sentindo-se desfalecer na visão horrenda do patíbulo, o caminheiro insistiu, achegando-se mais:

— Recolhei-vos a casa. Eu não chegarei à porta da fortaleza senão muito depois de correr o sino. Não farei força para que me abram, e ficarei cá fóra. Só amanhã entregarei os meus despachos ao alcaide-mór. Entrementes, lá por noite velha, irei procurar-vos, e concertaremos a nossa fugida. Recolhei-vos assim. Tendes a vida nas mãos.

Circunvagou pela soledade já plúmbea o olhar receoso, e acrescentou:

— Sus, companheiro! Eu sigo o meu caminho; não quero que alguém me espreite a praticar convosco. Confiai-vos de mim, e aguardai-me no casal.

Afastou-se alguns passos, acomodando no ombro a sacola sigilada em que ia o destino do Palhoça, e ciciou ainda:

— Lá para a meia noite, entendestes?

O condenado ficou a seguir com o olhar estúpido o vulto do caminheiro, que a distância ia minguando. Quando descortinou o braço dêle a erguer-se, num enérgico gesto intimativo, é que, com movimentos de autómato, volveu a espalda para recolher o gado.

Sentia um atordoamento hipnótico, que o alheava da realidade sinistra. Caíram-lhe nas mãos felpudas umas gotas grossas e tépidas. A tapagem de aço fôsko crescia em abóbada sobre a sua cabeça. E lá por dentro obsidiava-o sem interrupção a viva toadilha maliciosa:

Passam os galantes...

V

Cerca da uma hora da madrugada, à porta do casal, duas azêmolas, carregadas de valentes almofreixes, sacudiam as orelhas sob a chuva que as arrepiava. Junto delas, na treva lôbrega, o Brás de Tagarraís praticava em voz baixa com o espadaúdo almocreve.

— Tomai um português de ouro, Vasco Afonso. Outro tanto recebereis, quando o sr. bispo souber que êsse enxovedo está a salvamento em terras de Espanha.

Encafundo no bolso a apeteçível moeda, o almocreve resmungou:

— Porque demo toma o bispo tanto a peito a livrança do homem?

— Sois bronco a valer, amigo, voltou Brás com uma casquinada discreta. Bem lhe monta ao bispo a vida ou a morte dessa aventesma! O seu empenho todo é arrasar o alcaide-mór diante de El-rei, porque deixou fugir o preso. Manhas de gente graúda! Não entendes agora, sandeu?

— Boa vai ela! Agora me quero eu rir!

E na escurana, entre o rugir da enxurrada, rechinava de feito o riso dos dois cúmplices.

Entretanto, na pequena horta, o Gaspar Palhoça pousava como uma massa inânime sobre o esteio da parreira, sem dar tento das chapadas de água que lhe abéberavam o mantão alentejano.

Havia horas, desde que a sentença o fulminara, que êle se encontrava naquêl estado de passividade absoluta, sem dar tento do que sucedia em torno dêle, anuladas todas as rudes energias do seu ânimo, numa espécie de torpor imbecil, que apavorava a amofinada mulher.

— Marido da minha alma, murmurava ela tentando soerguê-lo, os mus estão prestes. Levanta-te, homem, vamos embora sem tardança.

Mas não havia meio de o arrancar da estólida apatia, por mais que os dedos nervosos dela se cravassem nos braços e nas espáduas inertes.

— Jesus! que as horas vão correndo!

Desgrenhada, mal cobertos os ombros por uma puída mantilha, correu para os dois homens que à porta aguardavam.

— Socorrei-me, pelas chagas de Cristo! Ajudai-me a trazê-lo, que êle nem se mexe!

Êles seguiram-na; e Brás segredou zombeteiro para o almocreve:

— O mofino sente já as pernas do carrasco encavalgadas na nuca.

Levaram-no quási como um fardo, montaram-no numa das azêmolas, e Margarida trepou para a outra.

O Brás de Tagarraís despediu-se, recomendando:

— Ide em boa hora. Antes do romper de alva deveis estar na raia de Espanha. Deus vos leve em bem.

Sumiu-se, fazendo o sinal da cruz.

O azemel rosnou uma praga às bestas, que se puseram a caminho. E a caligem tormentosa enguliu a caravana dos fugitivos.

VI

Amanheceu risonho o dia sôbre o castelo de Arronches.

Numa sala, contígua à sua câmara, D. Maria Manuel deixava alastrar o seu mongi de terciopelo negro sôbre uma camilha de damasco carmesim, enquanto André de Sousa, em pé defronte dela, desempenada a forte estatura nas pregas do tabardo frisado, lhe mostrava um papel tendido por selos pendentes.

— Eis o despacho, dizia êle com tristeza. O negregado bispo tantos enredos fez que logrou os seus fins. O pobre do Gaspar Palhoça foi sentenciado à fôrca.

— Nossa Senhora lhe acuda! murmurou, branca de alabastro, a velha fidalga.

— A êle, não! A nós! voltou com amargura o alcaide-mór.

— A nós? perguntou ela num sobressalto angustioso.

— Sim, a nós! Há pouco, mandei um homem de confiança procurá-lo...

— E daí?

— E daí... o casal estava deserto. Que contas darei a el-rei do preso que tinha a meu cargo?

D. Maria Manuel ergueu-se, levando aos olhos o sudeiro de olanda, pôs a mão franzina no braço do marido, e disse com cariciosa timidez:

— Por minha culpa!

— Não vossa, minha só, voltou o fidalgo. Não me passou pela cabeça que tão rigorosa fôsse a pena...

— Para tão escusável delito.

— A honra dum vilão não era para resistir a tanto.

— Mas deve ser filha do acaso a sua ausência. Quem poderia preveni-lo?

— Eu sei!... O caminheiro talvez, que me trouxe a nova. E tanta gente a sabe já! Fugiu, fugiu, tenho a certeza.

D. Maria Manuel ergueu os olhos marejados, e ciciou em voz quasi inaudível:

— Deus o permita!

André de Sousa ouviu-a porê. Teve um impeto passageiro de ira. Mas viu no rosto exalvado da esposa um tal assomo de êxtase religioso, de mansidão angélica, de abnegação

jubilosa, que pareceu contagia-lo de bondade. Depois duma reflexiva pausa, tomou-lhe as mãos trémulas e disse lentamente:

— Tendes razão, Maria. Quaisquer que sejam meus pesares, nada valem comparados ao barão no pescoço dum justo.

E osculou devotamente os cabelos côr de neve.

Anunciou-se o meirinho. A sua cara glabra franziu as rugas num esgar de acerba ironia, diluída em ademanes de complacência servil.

— Senhor alcaide-mór, disse êle, venho buscar o preso condenado à força.

André de Sousa repotrear-se numa cadeira de espaldar. Sem fitar o homemzinho, olhando vagamente a nesga de céu luminoso enquadra na janela ogival, redarguiu serenamente:

— O preso não está em meu poder. Ignoro o seu paradeiro.

O meirinho encolheu os ombros, com um risinho untuoso.

— Vossa Mercê terá que prestar contas à justiça de El-Rei nosso senhor...

— A Sua Anteza as darei, que não a vós, interrompeu bruscamente o alcaide-mór. Isto direis ao juiz. Retirai-vos.

O meirinho, recuava desengonçando em

zumbaias o corpo esquelético, quando se sentiu junto da porta um arruido estranho. E logo, numa irrupção violenta, surgiu no meio da quadra a figura trágica de Gaspar Palhoça.

Vinha extenuado e ofegante, debaixo da grossa manta que o sol não desensopara de todo e que a lama viscosa empastava. Nos cabelos e na barba hirsuta empapara-se igualmente a sordidez da terra encharcada. Um tremor convulso lhe sacudia os membros. Batiam-lhe os dentes. Os olhos esgazeados cravaram-se no alcaide-mór, com o fundo e satisfeito arquejo de quem chega à meta ambicionada. E a sua voz ressoou cavernosa e lúgubre, como se saíra dum túmulo.

— Senhor alcaide-mór, aqui me tem Vossa Mercê.

Pesou na sala um silêncio enorme. Os dois fidalgos entreolharam-se, num mixto de assombro e de angústia. E no aspecto ignóbil do meirinho desenhou-se um gesto de contrariedade.

— Sabias acaso?... interrogou por fim André de Sousa.

E teve pejo de preencher a reticência. Mas o desventurado fez um aceno afirmativo, e, passado um instante, completou-o com a palavra:

— Disseram-me que ia para a fôrca.

André de Sousa levantou-se e acercou-se do mísero.

— Porque não fugiste? perguntou brandamente.

— Êles assim queriam, volveu o Palhoça em frases um pouco incoerentes. Ainda me levaram até às abas do Rei Salvador. Êles tinham-se acoitado num algar da serra, a comer, e eu, quando os vi entretidos, desatei por aí fôra. Ainda ouvi os gritos da Margarida, pobresinha! Mas vim andando, andando, até que luziu a madrugada... Tinha voltado a mim. Lembrava-me do que Vossa Mercê podia pa-decer por minha ruim fé...

E concluiu, com singelo orgulho:

— Acima de tudo a minha palavra!

O velho fidalgo contemplou-o longamente, como se um resplendor místico aureolasse a seus olhos aquela cabeça encardida e tôska. Depois, ao voltar-se, deu com os olhos na minguada figura do meirinho, que se adiantava a medo, sempre a sorrir.

— Retirai-vos, já disse! exclamou êle com energia.

— Mas... gaguejou o homemzinho.

— O preso não está em meu poder, eis o que direis ao juiz, prosseguiu André de Sousa. Retirai-vos!

O meirinho obedeceu, transido, à rude intimativa.

Então o alcaide-mór estendeu o braço para o atónito Gaspar Palhoça, e disse com gravidade:

— Amigo, abraçai-me. Pela vossa vida responde a minha.

VII

Três dias volvidos, nos paços da Ribeira de Lisboa, el-rei D. João III concedia audiência ao alcaide-mór de Arronches.

Torvo era o aspecto do monarca, quando, sentado à sua escrevaninha lavrada de prata, vibrou uma altiva mirada ao fidalgo que lhe beijava a mão.

— Tenho ásperos queixumes de vós, André de Sousa, disse El-rei com a sua voz nasalada e lenta.

André de Sousa endireitou-se, e mergulhou francamente a vista nos olhos garços do rei de Portugal.

— Senhor, disse êle, com solene composição, conceda Vossa Alteza que a tais queixumes se anteponha matéria de maior monta.

— Falai em boa hora.

— De sobra conhece Vossa Alteza aquêlê grande feito de Egas Monís, oferecendo a sua vida e as dos seus para desempenho da sua palavra honrada.

— Sim, replicou D. João III com surpresa.

— Pois cumpre ao rei de Portugal saber que não há mister levedura fidalga para engendrar Egas Monises na massa dos portugueses.

— De tal estou convencido. Dias há, recusei mandar açoutar as regateiras de Lisboa alvorotadas, porque seus filhos me poderiam vir a servir como valentes capitães da Índia. Não quis de antemão aviltá-los na pessoa das mães.

— Procedeu Vossa Alteza como prudente príncipe. Mais atentas orelhas dará portanto ao feito de lialdade que eu vou relatar.

Então André de Sousa desenrolou a história circunstanciada de Gaspar Palhoça, detendo-se no lance de espontânea apresentação para salvar a responsabilidade do alcaide-mór.

— E mandastes êsse rústico para o cada-falso? perguntou El-rei com ansiedade.

— Não, senhor.

D. João III respirou com fôrça.

— Mercê de Deus! Permanece pois em ferros?

André de Sousa abanou a cabeça.

— A estas horas, Gaspar Palhoça pousa com sua mulher em terras de Castela.

E acrescentou com desassombro fidalgo:

— Fui eu quem para lá o mandou.

Com uma colérica punhada sôbre a mesa, da qual resvalaram penas e papéis, o monarca levantou-se de repelão.

— Ousastes postergar a justiça de el-rei vosso senhor? bradou êle, entrecortando as frases de anélitos frementes. Bem caro pagareis a audácia, alcaide-mór de Arronches!

Perpassavam-lhe lampejos sinistros pelo olhar vítreo, e a mão convulsa arrepanhava o brocado aurífero da opa roçagante. E repetia, avançando em passadas incertas para a janela, através da qual reverberava a chapada ofuscante do Tejo:

— Bem caro pagareis, bem caro pagareis, que a vara da minha justiça não a quebram poderosos!

Deteve-se, encostado à umbreira lavrada de florões, voltando as costas a André de Sousa, os olhos assestados para as alterosas náus, em cujos topes flutuavam as quinas de Portugal.

A voz do alcaide-mór elevou-se então, desanuviada e calma, no silêncio expectante do aposento:

— Senhor, em vossas mãos tendes minha vida e fazenda. A honra, não podereis vós arrebatá-la. Empenhei-a no salvamento dêsse humilde lavrador, que até a nobres dá lição de lialdade. Não quiz expô-lo à vindicta dos

meus inimigos, porque me confiava da clemência do meu rei. Dai-me embora o castigo, senhor; não lhe negueis a êle o perdão.

D. João III continuava a pousar no horizonte o reflexivo olhar. Depois de larga pausa, voltou-se, e viu que na face encanecida do alcaide-mór borbulhavam lágrimas. E disse com soberana gravidade:

— Não permita Deus que se condene homem baixo de tão levantados espíritos. Faço-lhe mercê da vida, e de toda a pena o relevo.

Em seguida, batendo amigavelmente no ombro do alcaide-mór, acrescentou com branda severidade:

— E vós, André de Sousa, não torneis a adiantar-vos à minha justiça. Ide em paz.

ÍNDICE

A Bento Carqueja (<i>Dedicatória</i>)	5
O Desafio	9
O Terror Inglês	55
A Cavalgada dos Nus	107
Justiça do Viso-Rei	115
O Crime de Arronches	197
